



Universidade Federal  
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA**

**ITACOATIARAS: UM ESTUDO DAS GRAVURAS RUPESTRES DO SÍTIO  
PAU DE LEITE EM POMBAL – PB**

**Niara Nice de Sousa Ferreira**

**CAJAZEIRAS – PARAÍBA**

**2014**

**NIARA NICE DE SOUSA FERREIRA**

**ITACOATIARAS: UM ESTUDO DAS GRAVURAS RUPESTRES DO SITIO  
PAU DE LEITE EM POMBAL – PB**

Monografia apresentada a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Me. Isamar Gonçalves Lôbo

**CAJAZEIRAS – PARAÍBA**

**2014**

NIARA NICE DE SOUSA FERREIRA

ITACOATIARAS: UM ESTUDO DAS GRAVURAS RUPESTRES DO SITIO  
PAU DE LEITE EM POMBAL – PB

Aprovado em: 26 / 03 / 2014

Orientador: \_\_\_\_\_  
Prof. Me. Isamar Gonçalves Lôbo

Membros: \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Ana Rita Uhle  
(Examinadora)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto  
(Examinador)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rodrigo Ceballos  
(Suplente I)

CAJAZEIRAS – PARAÍBA.

2014

## **DEDICO**

A **Deus**, que com sua infinita complacência, me guiou por entre os percalços e pelejas da jornada acadêmica e da interessante missão do viver.

Ao **Meu José**, gravado na rocha viva do meu coração.

A **Minha Família**, compreensiva e acolhedora, apoio sempre seguro no momento das dificuldades.

A **Pacelli Gurgel**, querido e inesquecível orientador, que por peça pregada pelo destino, não pôde estar fisicamente presente para ver o resultado deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

À **Francisco Eugênio Paccelli Gurgel da Rocha**, por despertar em mim o anseio de realizar esta pesquisa, pelas palavras de incentivo deixadas, pelas referências acadêmicas, culturais e humanas.

À **Isamarc Gonçalves Lôbo**, a quem coube a difícil tarefa de me orientar, minha gratidão pela acolhida, pela atenção, pelo retorno e pelo grande mestre que sempre fora, referência profissional em minha jornada acadêmica.

À **Viviane Ceballos** pelo auxílio prestado no início desta pesquisa.

Aos **professores e funcionários** da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras – PB, pela imensa contribuição no meu processo de formação profissional e pessoal, por me oferecer a oportunidade de despertar inquietações e uma visão distinta de mundo.

À **Samara**, pela bondade e acolhida, por me permitir o acesso ao material do Professor Paccelli, amplamente utilizado nesta monografia.

À contribuição, incentivo e companheirismo dos **amigos de curso** nesta jornada desafiadora, em especial algumas pessoas que estarão em meu coração para a vida: **Akalyane, Helaine e Solange**, todas elas fundamentais em suas particularidades e na imensa atenção e incentivo que sempre me dispensaram; **Dellany e Maria do Socorro**, “adotadas” pela turma de Pombal; **Joaquim Izidro, Joaquim Neto e Hélio**, pelas conversas e debates enriquecedores e aos demais colegas, que não foram

aqui citados, mas que certamente tiveram sua parcela de importância nestes anos de curso.

À **Alessandre Ferreira**, amigo meio irmão, que sempre correu em meu socorro quando das aflições acadêmicas e pessoais, que me acompanhou nas loucas viagens em busca das gravuras rupestres e que esteve comigo em todo o processo de construção deste trabalho. Deus o abençoe.

À **Cléia**, que por tantas vezes resolveu meus problemas institucionais e fora sempre tão solícita e cúmplice.

À **Welly**, parceira e presença constante nas aventuras da vida. Meu muito obrigado.

## RESUMO

A falta de pesquisas arqueológicas na região que engloba o presente trabalho, bem como o interesse pelo tema abordado, moveu sua realização. A organicidade da pesquisa se orientou de maneira que, em seu primeiro capítulo foi construído um panorama generalizado das escolas teóricas que nortearam a arqueologia em sua trajetória científica, concedendo ao leitor a possibilidade de familiarizar-se com os conceitos que nortearam este estudo, concluindo com o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no Brasil. No segundo capítulo explanamos os caminhos arqueológicos trilhados no Nordeste brasileiro, afinando as discussões a respeito dos sítios rupestres, das prospecções, da indústria gráfica e suas implicações teórico-metodológicas na construção de um verdadeiro cabedal de conhecimento da pré-história nesta região do Brasil. No terceiro momento do trabalho versamos sobre o registro rupestre em suas diversas abordagens, elencando as propostas classificatórias e as características gráficas utilizadas para sua elaboração, discutimos sobre os estudos da indústria gráfica paraibana, especificamente o universo das gravuras, destacando a forte presença das Itacoatiaras. No quarto capítulo concluímos com algumas discussões teóricas sobre a interpretação do registro rupestre. Neste momento da pesquisa é realizada a catalogação das gravuras rupestres do Sítio Pau de Leite em Pombal, construindo um panorama das características gráficas desses registros a partir das formas identificadas e dos anseios suscitado no intrigante estudo desse corpus gráfico.

**Palavras – chave :** Arqueologia, Grafismo Rupestre, Gravura Rupestre, Itacoatiaras.

## **Abstract**

The fault of archaeological researches in region that encompass the present study, as well as the interest in the theme discussed, moved its realization. The organicity of the research lead itself in a manner which, in its first chapter was constructed a generalized overview of the theoretical schools that guided the archeology in its scientific trajectory, giving to reader the possibility to become acquaint with the concepts that lead this study, concluding with the archaeological researches' development in Brazil. In the second chapter, we explain the archaeological paths has trodden in Brazilian's northeast, tapering the discussions about the rock farms, the surveys, the printing industry and its theoretical-methodological implications in building of an authentic ensemble of knowledge of the pre-history in this region from Brazil. In the third moment of work, we relate about the rock register in various approaches, listing the classificatory proposals and the printing characteristics used for their elaboration, we discuss about the studies of printing industry from Paraíba, more specifically the university of the gravures, highlighting the strong presence of Itacoatiras. In the fourth chapter, we conclude with some theoretical discussions about the interpretation of the rock register. In this moment of the research is realized the cataloguing of the rock gravures of Pau de Leite's farm in Pombal, making an overview of the printing characteristics of these records from the forms identified and the desires raised in the intriguing study of this graphic corpus.

**Keywords:** archeology, rock graphics, rock gravure, Itacoatiras.



## LISTA DE IMAGENS

|                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FOTO 1. Painel A Plano de visão geral do suporte gravado.....                | 96  |
| FOTO 1. Painel B Plano de visão geral do suporte gravado.....                | 96  |
| FOTO 3. Painel B Plano de visão geral do suporte gravado.....                | 97  |
| FOTO 2. Painel C Plano de visão geral do suporte gravado.....                | 97  |
| FOTO 16. Painel C Gravuras realizadas com a técnica de raspagem simples..... | 99  |
| FOTO 4. Painel A Representação de circunferência.....                        | 100 |
| FOTO 5. Painel A Representação de circunferência.....                        | 100 |
| FOTO 22. Painel A Representação de circunferência.....                       | 100 |
| FOTO 25. Painel A Representação de circunferência.....                       | 100 |
| FOTO 38. Painel A Representação de circunferências.....                      | 101 |
| FOTO 4. Painel B Representação de circunferências.....                       | 101 |
| FOTO 11. Painel B Representação de circunferência.....                       | 101 |
| FOTO 31. Painel B Representação de circunferência.....                       | 101 |
| FOTO 34. Painel B Representação de circunferência.....                       | 101 |
| FOTO 44. Painel B Representação de circunferência.....                       | 101 |
| FOTO 22. Painel C Representação de circunferência.....                       | 102 |
| FOTO 24. Painel C Representação de circunferência.....                       | 102 |
| FOTO 29. Painel C Representação de circunferência.....                       | 102 |
| FOTO 38. Painel C Representação de circunferência.....                       | 102 |
| FOTO 7. Painel A Representação de quadrado.....                              | 103 |
| FOTO 30. Painel A Representação de retângulo.....                            | 103 |

|                                                             |            |
|-------------------------------------------------------------|------------|
| <b>FOTO 3. Painel A Representação de quadrado.....</b>      | <b>103</b> |
| <b>FOTO 47. Painel A Representação de retângulo.....</b>    | <b>103</b> |
| <b>FOTO 64. Painel A Representação de retângulo.....</b>    | <b>103</b> |
| <b>FOTO 6. Painel B Representação de quadrado.....</b>      | <b>103</b> |
| <b>FOTO 15. Painel B Representação de quadrado.....</b>     | <b>104</b> |
| <b>FOTO 35. Painel B Representação de retângulo.....</b>    | <b>104</b> |
| <b>FOTO 30. Painel C Representação de quadrado.....</b>     | <b>104</b> |
| <b>FOTO 13. Painel C Representação de quadrado.....</b>     | <b>104</b> |
| <b>FOTO 31. Painel C Representação de retângulo.....</b>    | <b>104</b> |
| <b>FOTO 41. Painel C Representação de quadrado.....</b>     | <b>104</b> |
| <b>FOTO 21. Painel C Representação de cúpules.....</b>      | <b>105</b> |
| <b>FOTO 25. Painel C Representação de cúpules.....</b>      | <b>105</b> |
| <b>FOTO 18. Painel B Representação de antropomorfo.....</b> | <b>106</b> |
| <b>FOTO 20. Painel B Representação de antropomorfo.....</b> | <b>106</b> |
| <b>FOTO 47. Painel B Representação de antropomorfo.....</b> | <b>106</b> |
| <b>FOTO 20. Painel C Representação de antropomorfo.....</b> | <b>106</b> |
| <b>FOTO 26. Painel C Representação de antropomorfo.....</b> | <b>106</b> |
| <b>FOTO 42. Painel B Representação de zoomorfo.....</b>     | <b>107</b> |
| <b>FOTO 10. Painel C Representação de zoomorfo.....</b>     | <b>107</b> |
| <b>FOTO 8. Painel A Representação de estrela.....</b>       | <b>108</b> |
| <b>FOTO 17. Painel A Representação de estrela.....</b>      | <b>108</b> |
| <b>FOTO 28. Painel A Representação de estrela.....</b>      | <b>108</b> |
| <b>FOTO 61. Painel A Representação de estrela.....</b>      | <b>108</b> |
| <b>FOTO 43. Painel B Representação de estrela.....</b>      | <b>108</b> |

|                                                                               |            |
|-------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>FOTO 12. Painel C Representação de estrela.....</b>                        | <b>108</b> |
| <b>FOTO 42. Painel C Representação de estrela.....</b>                        | <b>109</b> |
| <b>FOTO 46. Painel C Representação de estrela.....</b>                        | <b>109</b> |
| <b>FOTO 48. Painel C Representação de estrela.....</b>                        | <b>109</b> |
| <b>FOTO 40. Painel A Representação de pé.....</b>                             | <b>110</b> |
| <b>FOTO 49. Painel A Representação de pé.....</b>                             | <b>110</b> |
| <b>FOTO 60. Painel A Representação de pé.....</b>                             | <b>110</b> |
| <b>FOTO 37. Painel B Representação de mão.....</b>                            | <b>110</b> |
| <b>FOTO 68. Painel B Representação de pé.....</b>                             | <b>110</b> |
| <b>FOTO 51. Painel B Possível representação de mascara.....</b>               | <b>111</b> |
| <b>FOTO 51. Painel A Forma circular emanando segmentos de retas.....</b>      | <b>112</b> |
| <b>FOTO 21. Painel B Círculos unidos com preenchimento interno total.....</b> | <b>112</b> |
| <b>FOTO 2. Painel A Grafismo não reconhecível.....</b>                        | <b>113</b> |
| <b>FOTO 20. Painel A Grafismo não reconhecível.....</b>                       | <b>113</b> |
| <b>FOTO 32. Painel A Grafismo não reconhecível.....</b>                       | <b>113</b> |
| <b>FOTO 62. Painel A Grafismo não reconhecível.....</b>                       | <b>113</b> |
| <b>FOTO 63. Painel A Grafismo não reconhecível.....</b>                       | <b>114</b> |
| <b>FOTO 32. Painel A Grafismo não reconhecível.....</b>                       | <b>114</b> |
| <b>FOTO 5. Painel B Grafismo não reconhecível.....</b>                        | <b>114</b> |
| <b>FOTO 9. Painel B Grafismo não reconhecível.....</b>                        | <b>114</b> |
| <b>FOTO 13. Painel B Grafismo não reconhecível.....</b>                       | <b>114</b> |
| <b>FOTO 32. Painel B Grafismo não reconhecível.....</b>                       | <b>114</b> |
| <b>FOTO 56. Painel B Grafismo não reconhecível.....</b>                       | <b>114</b> |
| <b>FOTO 61. Painel B Grafismo não reconhecível.....</b>                       | <b>115</b> |

|                                                                       |            |
|-----------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>FOTO 67. Painel B Grafismo não reconhecível.....</b>               | <b>115</b> |
| <b>FOTO 5. Painel C Grafismo não reconhecível.....</b>                | <b>115</b> |
| <b>FOTO 6. Painel C Grafismo não reconhecível.....</b>                | <b>115</b> |
| <b>FOTO 14. Painel C Grafismo não reconhecível.....</b>               | <b>115</b> |
| <b>FOTO 19. Painel A Profusão de gravuras no suporte rochoso.....</b> | <b>116</b> |
| <b>FOTO 58. Painel B Aproveitamento do espaço pictural.....</b>       | <b>117</b> |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                            |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                     | <b>15</b> |
| <b>CAPÍTULO I .....</b>                                                                                                    | <b>20</b> |
| <b>BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE ARQUEOLOGIA.....</b>                                                                | <b>20</b> |
| 1.1 – Os diálogos possíveis e o modelo Histórico-Culturalista .....                                                        | 20        |
| 1.2 – Os rigores da Nova Arqueologia.....                                                                                  | 23        |
| 1.3 – O simbólico e o material na construção Pós-Processual.....                                                           | 29        |
| 1.4 – A construção da arqueologia no Brasil .....                                                                          | 41        |
| <b>CAPÍTULO II.....</b>                                                                                                    | <b>47</b> |
| <b>DO GRAVADO AO ESCRITO: NOS RASTROS DA ARQUEOLOGIA</b>                                                                   |           |
| <b>NORDESTINA.....</b>                                                                                                     | <b>47</b> |
| 2.1 – O fantástico e o real na arqueologia do nordeste brasileiro.....                                                     | 47        |
| 2.2 – Entre o grafismo, o dito e o escrito em solo paraibano.....                                                          | 53        |
| 2.3 – A indústria gráfica e seus fantásticos caminhos .....                                                                | 59        |
| 2.4 – Nas trilhas de quem rabiscava.....                                                                                   | 67        |
| <b>CAPÍTULO III .....</b>                                                                                                  | <b>71</b> |
| <b>EMBATES CIENTÍFICOS: AS FACES DA INDÚSTRIA GRÁFICA.....</b>                                                             | <b>71</b> |
| 3.1 – Registro rupestre: discursos e abordagens.....                                                                       | 71        |
| 3.2 – Taxonomia dos registros gráficos .....                                                                               | 74        |
| 3.3 – Tradições rupestres no Nordeste: movimento e narratividade dos registros gráficos. 76                                |           |
| 3.4 – Gravado na rocha: Tradição Itacoatiara na Paraíba .....                                                              | 81        |
| <b>CAPÍTULO IV.....</b>                                                                                                    | <b>90</b> |
| <b>ITACOATIARAS: GRAVURAS DO SÍTIO PAU DE LEITE DE POMBAL – PB... 90</b>                                                   |           |
| 4.1 – Considerando questões interpretativas.....                                                                           | 90        |
| 4.2 – Situando os registros gráficos do sítio Pau de leite.....                                                            | 93        |
| 4.3 – Conjunto gráfico do sítio Pau de Leite com representações de circunferências (Acervo pessoal, 2013).....             | 100       |
| 4.4 – Conjunto gráfico do sítio Pau de Leite com representações de quadrados e retângulos .....                            | 102       |
| 4.5 – Representação de cúpulas.....                                                                                        | 105       |
| 4.6 – Possíveis representações de antropomorfos .....                                                                      | 105       |
| 4.7 – Formas que remetem a corpos celestes, assinalando possíveis representações de estrelas isoladas ou em conjunto ..... | 107       |
| 4.8 – Representações de partes do corpo humano (mãos e pés) .....                                                          | 109       |
| 4.9 – Outras gravuras de morfologias visualmente apelativas são encontradas nos três painéis .....                         | 111       |

|                                                                                                |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 4.10 – Alguns grafismos não permitem qualquer identificação com formas do mundo material ..... | 113        |
| 4.11 – O laborioso ato de gravar e seus desdobramentos.....                                    | 116        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                              | <b>121</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA:.....</b>                                                                      | <b>126</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>                                                                            | <b>131</b> |

## INTRODUÇÃO

Os vestígios da cultura material localizados, com considerável profusão por todo o Alto Sertão da Paraíba, evidenciam a presença do homem pré-histórico nesta porção do Estado. Dos vestígios encontrados, os registros rupestres atestam a organização, a complexidade real, concreta e subjetiva dos grupos humanos que povoaram esta região, aptidões que ultrapassaram os limites do mundo sensível e moldaram outras formas de relação no interior destas coletividades. O conjunto gráfico do Sítio Pau de Leite, localizado no perímetro rural do município de Pombal - PB reflete um desses “momentos” na trajetória das comunidades pré-históricas e desperta um leque de discussões a respeito dos caminhos percorridos pela arqueologia em busca de respostas sobre as pesquisas em arte rupestre e seus desdobramentos, principalmente, das reais razões que motivaram a realização desses grafismos.

O caráter hermético e fascinante dos grafismos rupestres, especialmente das Itacoatiaras – modalidade de gravuras rupestres espalhadas por todo território paraibano – inquietam, motivam e desafiam estudiosos e pesquisadores a se equilibrarem sobre a tênue linha entre o cientificismo e a fantasia, na busca de respostas efetivas para as mensagens contidas nos traços gravados em rochas íngremes ao longo de milhões de anos.

Ancorada, certamente, nestas mesmas inquietações esta pesquisa foi realizada tendo o intuito de registrar e discutir a presença das itacoatiaras gravadas do Sítio Pau de Leite. Para tanto, tornou-se necessário construir, no primeiro momento do trabalho, o quadro teórico que norteou o desenvolvimento da ciência arqueológica ao longo de sua trajetória e que orientou os estudos da pré-história da humanidade a fim de familiarizar o leitor com o tema aqui discutido.

Inicialmente o modelo pré-científico da arqueologia caracterizou-se pelo antiquarismos e a formação das grandes coleções dos achados de notoriedade técnica, logo em seguida é dividida os grandes períodos da pedra, do bronze e do ouro. O surgimento da Arqueologia Histórico-Culturalista, apoiada nas teorias do Difusionismo Cultural e

defendida por Vere Gordon Childe, apontaria a mudança cultural sendo isenta dos fatores externos e propunha a classificação dos objetos segundo suas particularidades técnicas e grau de complexidade de elaboração, de maneira que, quanto maior requinte no processo de feitura possuísse um achado, mais evidente ficaria a evolução e distinção dos grupos humanos. Este modelo preconiza a construção de longos relatórios descritivos das pesquisas, num trabalho teórico quase que fotográfico.

Em 1960 o surgimento da Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual buscou desburocratizar a pesquisa e conferir identidade ao indivíduo que produziu os artefatos, o processualismo defendeu a importância de estudar o entorno arqueológico e vinculou a ideia de progresso tecnológico ao desenvolvimento da humanidade. A perspectiva sistêmica e o surgimento das datações por radiocarbono revolucionaram os rumos da pesquisa arqueológica. Na década seguinte a emergência da escola arqueológica pós-processual desperta novas inquietações na pesquisa, identificando o caráter frágil e lacunar dos vestígios, propondo o estudo da esfera cognitiva do ser humano e buscando nos registros da cultura material características da ideologia e dos sistemas rituais que nortearam a vida das comunidades humanas. A ideia de cultura torna-se flexível e os grupos humanos serão estudados em sua organicidade interna, exaltando as particularidades e os lugares sociais ocupados no interior de cada coletividade. O conjunto dessas “arqueologias interpretativas” desperta a necessidade de correlacionar todas as informações obtidas na pesquisa arqueológica na construção mudança cultural, promovendo diversas linhas de discussão baseadas na potencialidade dos vestígios materiais.

No Brasil as pesquisas arqueológicas se desenvolveram negligenciando a presença dos povos nativos e buscando origens fantásticas para explicar o surgimento do homem na América. Nos trabalhos que buscaram construir uma identidade para a nação, a presença dos indígenas começou a suscitar questionamentos, aos poucos surgiram relatos de cientistas das mais diversas áreas atribuindo aos nativos a origem de determinados achados. A arqueologia brasileira teria uma grande dívida com inúmeras figuras estrangeiras que se aventuraram pelos seus territórios íngremes na busca dos vestígios da presença humana em épocas remotas. Entre as décadas de 1960 e 1970 o surgimento do Programa Nacional de



Pesquisas Arqueológicas inaugura um momento mais cientificizado da arqueologia no Brasil.

Os discursos que pautaram a construção da arqueologia no Nordeste brasileiro marcam o segundo capítulo desta pesquisa, destacando-se as principais obras que balizaram este processo e que evidenciaram o momento inicial de uma arqueologia da fantasia, das credices populares e do acientífico. Gabriela Martín (2005) menciona que entre as décadas de 1940 e 1950 a arqueologia passa por um processo de sistematização científica, onde as viagens de exploração e os inúmeros relatos descoordenados em solo nordestino diminuiriam de ritmo, a autora também elenca os principais pesquisadores desta nova fase dos estudos arqueológicos no Nordeste. Na Paraíba, a arqueologia concentra seus estudos no Cariri e Seridó por meio da Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA) e do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Estadual da Paraíba, no Seridó as pesquisas são realizadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A porção do estado que compreende o Sitio Pau de Leite, no Alto Sertão paraibano, salvo o trabalho de mestrado do arqueólogo Francisco Eugênio Paccelli Gurgel da Rocha, permanece carente de estudos, embora demonstre enorme potencial arqueológico.

Os conjuntos rupestres localizados por todo território paraibano abrem a possibilidade de discutir os caminhos trilhados pelo homem pré-histórico e os processos materiais e mentais que viabilizaram a produção da rica indústria gráfica na Paraíba. Torna-se importante discutir então, as implicações que motivaram a produção de um vasto acervo gráfico, e vinculando as demais instâncias da pesquisa arqueológica, elaborar considerações que nos aproximem do *modus vivendi* e *operandi* das comunidades humanas presentes nesta região a milhões de anos.

Seguimos discutindo, no terceiro capítulo deste trabalho, a importância do registro rupestre na pesquisa arqueológica, sem negligenciar os grafismos em sua dimensão estética como forma de arte, mas compreendendo que estes vestígios certamente extrapolam esta categoria e se colocam como parte fundamental no processo de compreensão da vida espiritual e mental dos grupos humanos que os realizaram. Sem dúvida alguma, a arte rupestre ilustra a necessidade de romper as barreiras funcionais da vida das coletividades

pré-históricas, ilustrando os processos de abstração da mente humana em suas complexas exigências subjetivas.

Para conferir organicidade a pesquisa e ao estudo dos conjuntos gráficos foi discutido, com base na classificação proposta pela arqueóloga Anne-Marie Pessis, a taxonomia dos registros rupestres, visualizando um panorama geral e ilustrativo. O sistema de classificação geral dos registros pictóricos não só esquematizou seu estudo, como possibilitou alargar suas fronteiras geográficas, de modo que a proposta teórica inicialmente destinada a região do sudeste piauiense, se estendeu para todo o território brasileiro.

Em sua abordagem esquemática Pessis discute as Tradições, Sub-tradições e complexos estilísticos que abarcam o nível das pinturas e gravuras rupestres, procedendo a análise das categorias técnicas, temáticas e de apresentação gráfica destes vestígios. Este modelo analítico confere uma potencialidade extraordinária ao estudo da indústria gráfica, uma vez que abandona o modelo descritivo, catalográfico e meramente especulatório do registro pictórico e lhe permite vislumbrar generalizações das estratégias de sobrevivência e o acervo de conhecimentos culturais que integraram a vida dos grupos pré-históricos.

A possibilidade de indagar no registro rupestre suas características subjetivas motivou pesquisadores a constituir estratégias teóricas que viabilizassem a dimensão interpretativa dos grafismos. No momento final deste trabalho, é proposta esta discussão interpretativa do registro rupestre, baseada nas teorias propostas por Anne-Marie Pessis, Nèide Guidon e Paulo Seda, logo em seguida, adentramos no conjunto gráfico do Sítio Pau de Leite, localizando geograficamente suas gravuras rupestres e realizando o trabalho de registro fotográfico do local. Atrélada às imagens foi realizada a identificação dos grafismos, abordando os painéis em sua totalidade e com suas particularidades gráficas. No âmbito da identificação visual, apontamos algumas formas contidas em cada um dos três painéis componentes do conjunto rupestre, salientando que o tal processo se realizou levando em consideração a morfologia dos grafismos atrelados a formas do mundo sensível e algumas especulações hipotéticas de caráter naturalmente refutável.

As itacoatiaras encerradas no conjunto gráfico do Sítio Pau de Leite despertam em seus observadores as inquietações comumente próprias de seu hermetismo. Incógnitas em

seu real motivo de gravação e motivantes em suas enigmáticas formas, as gravuras do Sítio Pau de Leite, assim como as demais itacoatiaras, amplamente difundidas em todo território paraibano, são a tônica deste modesto trabalho, que em seus intentos registrou e procurou contribuir de forma referencial para o conhecimento pré-histórico da região do Alto Sertão paraibano.

## CAPÍTULO I

### BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE ARQUEOLOGIA<sup>1</sup>

#### 1.1 – Os diálogos possíveis e o modelo Histórico-Culturalista

Se compreendermos a História<sup>2</sup> enquanto ciência que versa sobre as trajetórias da humanidade em temporalidades distintas e diferentes espaços situacionais, donde homem e tempo contraem relações de complexidade entre si e com o meio circundante, entendemos então que os vestígios decorrentes destes embates relacionais constituem-se evidências materiais que, quando indagadas, “narram” tais trajetórias e são, por isso, integrantes de uma cultura material que muito pode dizer sobre os múltiplos aspectos do universo real e simbólico dos grupos que os gestaram.

Partindo do seguinte pressuposto, a Arqueologia foi, durante muito tempo, compreendida como ciência auxiliar da História, uma vez que ancorada em um conjunto de técnicas e metodologia próprias, supria a necessidade do conhecimento histórico no provimento das evidências materiais de um recorte temporal para o qual não se dispunha de documentação outra. A “mensagem” deixada pelo homem da Pré-História às gerações posteriores estaria contida, implícita ou explicitamente, nos restos vestigiais do seu cotidiano e de sua trajetória cultural grupal e individual. De início os viajantes, geólogos, naturalistas e outros cientistas sociais e, por conseguinte também os arqueólogos, se remeteram a mera função de descrever, coletar e agregar os “grandes achados” às suntuosas coleções dos museus europeus, sendo prática comum a elaboração de extensos relatórios

---

<sup>1</sup> Grosso modo, todo referencial teórico deste capítulo foi embasado nos conceitos da obra do arqueólogo canadense Bruce Graham Trigger: **História do pensamento arqueológico** (2004)

<sup>2</sup> O conceito de História fora construído tendo como base a carga de conhecimento adquiridos nas disciplinas teóricas contempladas durante o curso, ilustradamente nos textos que se seguem: REIS, José Carlos. “A escola metódica, dita positivista”. In: **A história, entre a Filosofia e a Ciência** / 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, p. 15 – 32. e JENKINS, Keith. **A História repensada**. Tradução de Mário Vilela, 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

descritivos, por vezes, pouco rentáveis ao conhecimento científico, senão a própria função de catalogação dos dados encontrados.

Não podemos, contudo, reduzir a Arqueologia Pré-Histórica a uma ciência da cultura material, uma vez que seu objetivo maior é “desenterrar homens” em suas trajetórias, práticas e subjetivismos, instâncias dialéticas onde a coisa materializada assume papel de portadora de uma carga informacional. Muito menos restringir a ideia de pesquisa arqueológica às prospecções realizadas nos sítios arqueológicos, como oportunamente pontua o pesquisador Juvandi de Sousa Santos (2009, p. 40),

As atividades do arqueólogo não estão restritas, apenas, a escavação arqueológica. A escavação é o meio pelo qual serve para coleta de materiais que lhe forneça as informações necessárias para montar a história supostamente perdida de um grupo. Daí, a importância em se realizar uma atividade séria, pois escavar um sítio é destruí-lo para sempre.

É nesta perspectiva que devemos compreender a relação da Arqueologia com a História, íntimas pela pesquisa do objeto homem, mas diferenciadas pelas fontes e métodos.

O processo de cientificação da Arqueologia desponta no século XIX, com o desenvolvimento de métodos de datação dos achados e o abandono gradativo de um modelo “pré-científico” antiquarista e colecionador, que promoveu verdadeiros levantes de rapinagem em vários países, a citar o Brasil que teve alienado de seus sítios arqueológicos, grande quantidade de achados resguardados em museus da Europa e dos Estados Unidos. Já na segunda metade do século XIX é gestada a dimensão temporal da Arqueologia, que dividia classicamente a Pré-História nas idades da pedra, do bronze e do ouro, em 1859 a publicação de **A origem das Espécies** de Charles Darwin acirrava as discordâncias entre Criacionistas e Evolucionistas, ao passo que evidenciavam a grande antiguidade do homem e a busca crescente de sua origem na Terra.

Aos poucos a Arqueologia delineaia novos contornos, classificando taxonomicamente os objetos encontrados por funcionalidade, morfologia e matéria-prima,

inferindo um olhar indagativo ao vestígio arqueológico e atribuindo-lhe papel amplo dentro dos grupos culturais. Paulatinamente os trabalhos de campo apropriam-se dos métodos da estratigrafia<sup>3</sup> e da seriação para obter referências cronológicas relativas dos achados, torna-se frequente a instituição significativa de vínculos interdisciplinares com outras ciências.

O desenvolvimento da Arqueologia, enquanto atividade científica desponta no início do século XIX nas universidades européias, subsidiado pelo nacionalismo, o desenvolvimento científico e a crescente descoberta de vestígios, os arqueólogos iniciam a coleta e o estudo de achados, que antes eram descartados da pesquisa. Essas novas informações arqueológicas serviriam de base para a “reconstrução” do passado pré-histórico, principalmente dos países emergentes.

Para tanto, a visão de cultura arqueológica foi intimamente relacionada com a etnicidade dos povos, Trigger (2004) menciona que arqueólogos como o alemão Gustaf Kossina e Gustav Oscar Montelius, definiram que a cultura constituía reflexo direto das características grupais de uma coletividade e que semelhanças e divergências entre cultura material e processos étnicos correlacionavam-se natural e obrigatoriamente. A clara intenção de forjar a ideia de uma “cultura superior” atrelada a diferenças substancialmente raciais, justificando a existência de um “direito histórico” sobre outros povos e regiões por meio de discursos difusionistas e migratórios, revela a política da ciência arqueológica.

Os arqueólogos adeptos do Difusionismo Cultural acreditavam que a capacidade humana de criação era limitada, que o homem teria criado todas as “grandes invenções” uma única vez e em um único local, a partir do qual se expandiriam e aperfeiçoariam as técnicas gestadas, a origem primeira de todas as coisas estaria encerrada nas “Grandes Civilizações”, potencialmente no Egito Antigo. Trigger (2004) aponta que Vere Gordon

---

<sup>3</sup> Ramo da ciência geológica, a Estratigrafia oferece ao pesquisador, por meio da análise da formação, composição e distribuição dos sedimentos encontrados nos estratos ou camadas geológicas, a obtenção de referenciais cronológicos e deposicionais do registro arqueológico. O uso recorrente dos dados estratigráficos na Arqueologia tem contribuído na reconstituição dos processos de ocupação humana. LUCENA, Veleda. **Estratigrafia Arqueológica: Processo de Constituição e Interpretação**. CLIO, Série Arqueológica, v. 1, n. 8, Recife, 1992.

Childe, utilizando estes mesmos conceitos de cultura arqueológica, associou os vestígios materiais portadores de similitudes morfológicas, aos reflexos de diferentes identidades culturais. A mudança cultural com base em Childe, também ancorada no Difusionismo Cultural e no processo migratório, negligencia a dinâmica interna das sociedades conferindo a continuidade cultural à ausência de fatores externos, entendendo que as diferenças estilísticas entre os artefatos permitiam a segregação e a instituição de cronologias.

Esta maneira de abordar a Pré-História integra a perspectiva Histórico-culturalista, predominante até a década de 1960, onde muitos arqueólogos concentraram suas pesquisas numa abordagem identificatória e segregacionista dos povos pré-históricos, na busca de suas origens, dinâmicas e influências por meio da cultura material, são estudos individualistas que preconizam extensos relatórios descritivos. A Arqueologia Histórico-Culturalista pretende determinar funções, classificar tipologicamente, estipulando normas ou modelos semelhantes que permitam a identificação das culturas, pontuando contatos e influências. Este modelo arqueológico se aproxima da “História tradicional”<sup>4</sup>, uma vez que pretende abarcar a totalidade do conhecimento das sociedades pré-históricas.

## 1.2 – Os rigores da Nova Arqueologia

Ainda na década de 1960 surgem novos horizontes teórico-metodológicos para a pesquisa arqueológica. Os “novos arqueólogos” têm uma percepção sistêmica de cultura, entendendo-a como mecanismo que integrado a outras esferas naturais, sociais e políticas e

---

<sup>4</sup> Tal como o arqueólogo de orientação histórico-culturalista, Reis caracteriza o historiador positivista ou tradicional diante dos eventos históricos. “Uma vez “estabelecidos” os fatos do passado, a não ser que aparecessem novos documentos que alterassem sua descrição, tornando-a mais “verdadeira”, eles seriam uma “coisa que fala por si””. Em ambas as abordagens o pesquisador deve procurar se distanciar dos fatos, não questionando, não criticando, estabelecendo com o objeto uma relação de neutralidade. Ora, o historiador apenas narra o que está escrito no “documento oficial”, ora o arqueólogo coleta os dados sem deles construir qualquer conhecimento, mumificando o passado pré-histórico e resguardando-o em um museu. Para aprofundar a discussão sobre a escola histórica tradicional ler: REIS, José Carlos. “A escola metódica, dita positivista”. In: **A história, entre a Filosofia e a Ciência** / 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, p. 15 – 32.

também sistêmicas, contribuem no processo de adaptação do homem ao espaço no qual está inserido. A Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual, como ficou então conhecida na Inglaterra, teve como princípio norteador a cientifização rigorosa dos processos arqueológicos, por meio dos quais buscou a existência de generalizações e proposições hipotéticas dos dados pesquisados, na busca de explicações de caráter universal. O processualismo condena, dentre outras práticas, o acúmulo de dados da Arqueologia culturalista, que nem sempre se traduziu em ferramentas ou conhecimentos úteis na reconstituição do mosaico pré-histórico. A escola de pensamento processual que dominaria a cena arqueológica nas décadas de 1960 e 1970, destacando a figura dos arqueólogos Sally e Lewis Binford, David Clarke e Colin Renfrew, intentou abandonar o modelo “acientífico” do historicismo cultural, suplantando a mera catalogação dos achados pela efetiva explicação de sua ampla funcionalidade dentro dos grupos culturais, considerando que além da perspectiva material e do uso cotidiano do objeto, a pesquisa arqueológica deveria resgatar o homem que produzir o vestígio, para tanto era necessário conhecer as trajetórias culturais, a dinâmica interna dessas sociedades e suas influências e contatos com grupos vizinhos. A partir de então, o entorno arqueológico passou a constituir fator importantíssimo no resgate do passado pré-histórico.

A hegemonia norte-americana do pós Segunda Guerra Mundial despertou uma perspectiva relativamente materialista e uma forte tendência a acreditar na existência de um padrão na trajetória da humanidade, onde o progresso tecnológico tornou-se matriz no aperfeiçoamento dos processos humanos. Neste período a antropologia neo-evolucionista apropriou-se das pesquisas arqueológicas, no intento de “naturalizar” a posição dos Estados Unidos no cenário mundial, como resultado inevitável do processo evolutivo. Como pontua o arqueólogo canadense Bruce Graham Trigger (2004), o discurso neo-evolucionista envolvia uma postura comportamental naturalmente conservadora, distinta da criatividade única e genuína, apontada pelos evolucionistas para explicar a mudança cultural. Os homens se organizariam socialmente de modo a prover um modelo de vida familiar permanente, até que a mudança aconteceria imprimida por fatores externos e alheios ao controle das sociedades.



Contudo, havia uma inclinação crescente em aceitar a capacidade de criação e recriação dos processos tecnológicos e dos objetos, criatividade que se estendia a esfera social, valorativa e espiritual na proporção em que evoluíssem os sistemas. Os enfoques propostos pela antropologia norte-americana têm forte influência do materialismo histórico, “por quanto consideram o comportamento humano moldado, em maior ou menor grau, por forças não humanas” (TRIGGER, 2004, p. 284). O interesse cada vez mais frequente dos arqueólogos pelas características funcionais e processuais do registro arqueológico seduziu muitos pesquisadores pelas teorias neo-evolucionistas. No anseio de desvendar as tão almejadas regularidades culturais, onde dois organismos sociais podem ser comparados por seu nível evolutivo em termos organizacionais, os arqueólogos ignoraram totalmente as particularidades culturais de cada sociedade e as deficiências conceituais da teoria neo-evolucionista.

Trigger (2004) elenca que um dos principais estudos que aplica o neo-evolucionismo às pesquisas arqueológicas é de autoria de Betty J. Meggers, onde vemos equacionada de forma clara a relação entre ambiente e tecnologia na gestação da mudança cultural, implicando concluir que

Qualquer arqueólogo apto a reconstruir a tecnologia e o ambiente de uma cultura pré-histórica deveria ser capaz, com base nessa informação, de determinar quais seriam as características básicas do resto dessa cultura... Meggers acreditava ser vantajoso o fato de os arqueólogos se verem forçados a tratar de cultura separada artificialmente dos seres humanos. (TRIGGER, 2004, p. 285-286).

Na perspectiva funcional da Nova Arqueologia o pesquisador deveria, pois, concentrar seus estudos na explicação da mudança cultural em termos de processo, conferindo crescente valor aos padrões de assentamento e a ecologia. Trigger cita o artigo de Joseph Caldwell publicado em 1959, intitulado **A nova arqueologia norte-americana**, onde o conceito de cultura arqueológica é analisado como uma configuração de sistemas funcionalmente integrados e a evolução dos grupos sociais acontecem de um nível para outro.

O conceito sistêmico de cultura abordado por Trigger (2004) faz menção aos conceitos de Caldwell que ganhariam respaldo e popularização nos trabalhos de Lewis Binford. Este arqueólogo acentua a necessidade de compreensão das similaridades culturais em detrimento das diferenças e encarrega a arqueologia de explicar as convergências no comportamento cultural dos grupos humanos, por meio de generalidades sobre mudança cultural e evolução cultural. A cultura em Binford será definida como mecanismo de adaptação ao meio circundante, impelida por forças “extra-somáticas” do meio ambiente ou de sistemas culturais vizinhos. A análise dos sistemas seria capaz de refletir regularidades nas dinâmicas internas das sociedades em suas trajetórias culturais.

Essa concepção ecossistêmica descartava, antes de mais nada, a consideração da interatividade humana, bem como o da inovação no seio das tradições culturais, como forças independentes e capazes de produzir grandes mudanças, e tratava as culturas como, em condições normais, tendentes ao equilíbrio ou homeostase, com mudanças sendo induzidas por fatores externos (TRIGGER, 2004, p. 288).

Trigger (2004) menciona Binford ao defender que, apesar da mudança ocorrer como resposta a fatores externos, ela provoca certas implicações no interior dos sistemas culturais, o olhar deste pesquisador sobre a transformação é intracultural, exaltando sempre as continuidades em detrimento das rupturas.

A percepção dialética das três partes dos subsistemas - tecnologia, organização social e ideologia - permitiriam alcançar aspectos culturais da vida social e espiritual dos povos, coisa que, por meio do vestígio arqueológico, foi julgada impossível pela Arqueologia Histórico-Culturalista. As ideias de Binford destoam dos arqueólogos “tradicionais” por sua crença nas potencialidades inovadoras do homem, mas endossam suas afirmações quanto ao caráter estático das culturas, até que sejam forçadas à mudança.

Binford defendia a heterogeneidade no interior das culturas uma vez que os indivíduos assumiam papéis distintos mesmo que funcionalmente relacionados, portanto a análise do vestígio arqueológico deveria refletir o papel dos artefatos dentro dos sistemas culturais. Esses artefatos que estiveram inseridos em contextos práticos funcionais “podem oferecer um retrato sistemático e compreensível de culturas totalmente extintas”

(TRIGGER, 2004, p. 290), possibilitando desvendar as relações existentes no registro arqueológico. Como defensor do positivismo, Binford sempre procurou eliminar as subjetividades do trabalho do arqueólogo, forjando uma base objetiva e científica da interpretação vestigial, ignorando completamente a complexidade do comportamento humano e dos fatores psicológicos na compreensão dos processos culturais pré-históricos. As teorias de Lewis Binford se expandiram rapidamente entre arqueólogos norte-americanos e os ingleses Colin Renfrew e David Clarke, este último também influenciado mais independentemente por outros conceitos, como a Teoria Geral dos Sistemas da Nova Geografia.

A teoria dos sistemas tentava dar conta das regras fundamentais que regem o comportamento dos diversos organismos. Já que tudo era composto de partes integradas, poderiam ser desenvolvidos pressupostos que explicariam aspectos do funcionamento desses sistemas, tais regras seriam usadas como ferramenta para compreensão da mudança cultural. Com a revolução na cronologia pré-histórica, provocada pelo desenvolvimento da técnica de datação por radiocarbono<sup>5</sup> e sua rápida aplicação às pesquisas arqueológicas, tornou-se possível delinear os ritmos da mudança culturais, acentuados por uma visão intra-sistêmica do desenvolvimento coletivo. Com a diminuição da condicionante rítmica temporal no interior das culturas, ficou mais fácil defender que mudanças importantes derivavam de transformações internas e não de processos difusionistas e migratórios, como defendiam os arqueólogos culturalistas. Mesmo negligenciando a vontade humana e os fatores internos dos sistemas culturais como possíveis provedores de transformações no

---

<sup>5</sup> O processo de datação por carbono - 14 acontece decorrente de um fenômeno natural em que é gestado um isótopo instável de radiocarbono. Ao ser oxidado este isótopo se converte em dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), que logo será absorvido pela fauna e flora, que por sua vez, serão absorvidos pelos seres humanos, após a morte do organismo o carbono - 14 termina seu ciclo de reprodução. “A idade radiocarbônica de uma amostra, é baseada na medição da quantidade residual de carbono-14, que comparada com concentrações actuais, indicia uma estimativa de quanto tempo passou desde a morte do organismo. Apesar da alteração do carbono ser constante e não ser influenciada por condições ambientais, é variável e está sempre presente um factor de erro ligado à estimativa de idade. As medições radiocarbônicas, são sempre nomeadas em: anos antes do presente – years before the present (B.P.) – onde o “presente” é definido por convenção, como 1950.” COELHO, João Manuel. **Datação em Arqueologia**. Disponível em: <<http://www.cph.ipt.pt/angulo2006/img/01-02/datacaoarqueologia.pdf>>. Acesso em: 02/09/2013.

interior dos grupos, os “arqueólogos tradicionais” admitiam que essas mutações causassem impactos comportamentais nos indivíduos afetados. O enfoque sistêmico descrevia as mudanças culturais, mas não conseguia propor ou mesmo explicar suas causas. A percepção gradativa do papel que outros fatores exerciam no desenvolvimento cultural, conduziu arqueólogos a refletir sobre a metodologia dos sistemas, evidenciando certa deficiência na explicação da variação cultural no seio de suas causalidades.

O conceito de variação dentro da Nova Arqueologia esteve diretamente relacionado ao estudo do vestígio arqueológico em proporções de quantificação e estatística, produzindo-se técnicas de amostragem mais eficazes e produtivas, que serviram de base para direcionar as pesquisas e prospecções facilitando o trabalho do arqueólogo e proporcionando diretrizes sobre quais áreas eram propícias a escavações. As novas descobertas advindas das pesquisas de assentamento realizadas em sociedades consideradas periféricas ou irrelevantes às generalizações do modelo processual contestaram a noção dos padrões representativos de cada localidade geográfica. Tornou-se crescente a necessidade de aumento no número de mostras analisadas e do estudo sistemático de todas as sazonalidades de uma região para a construção do padrão de ocupação territorial.

É pungente na Arqueologia Processual o desejo de eliminar qualquer herança “acientífica” do fazer arqueológico, o pesquisador deveria demonstrar concisão na escolha do objeto de pesquisa e pertinência no uso das terminologias, preconizando a escolha prévia de um problema que nortearia os estudos, negando ou confirmando hipóteses elaboradas anteriormente à escavação. “A Nova Arqueologia seguiu a liderança das ciências sociais modernas.” (TRIGGER, 2004, p. 305) As pesquisas processuais encontram-se impregnadas da neutralidade positivistas. Os “novos arqueólogos” muito que intentaram fugir das interpretações pré-históricas condescendentes e racistas dos “arqueólogos brancos”, mas proclamaram um discurso negligenciador dos aspectos religiosos e artísticos dos grupos humanos extintos, e no fundo permaneceram distanciados dos povos nativos tanto quanto seus antecessores histórico-culturalistas. Arqueólogos britânicos como David Clarke não se deixaram imiscuir pelo elitismo norte-americano e rejeitou a atitude anti-historicista que condenavam o estudo dos dados arqueológicos pelos historiadores, os estudos de Clarke,

além de atentar para a importância da base ecológica e do entorno geográfico nos processos de mudança cultural, expressão grande interesse pela formação de redes de interação local e regional.

### 1.3 – O simbólico e o material na construção Pós-Processual

No início da década 1970 a arqueologia passa por uma reorientação conceitual, com o questionamento da lentidão cronológica em que se processaria a mudança cultural, algumas pesquisas apontam para transformações que se efetuaram em passagens abruptas, separadas por longos intervalos de certa estabilidade social. Trigger (2004) aponta que a adoção da teoria das catástrofes, pelo arqueólogo Colin Renfrew, foi mais um passo em direção do conceito de descontinuidade cultural, utilizada para explicar as transformações ocorridas no registro arqueológico.

A identificação de lacunas no vestígio arqueológico desafiou pesquisadores a desenvolver maior domínio das cronologias culturais, ao mesmo tempo em que alertou estes profissionais quanto à instabilidade do registro arqueológico, “[...] o evolucionismo cataclísmico deu ênfase a um processo fixo de mudança que, na melhor das hipóteses, os seres humanos podem retardar ou reter, mas que, sem isso resultará em sua ruína” (TRIGGER, 2004, p. 314). A arqueologia cataclísmica serviu aos norte-americanos como instrumento justificador das crises políticas, econômicas e ecológicas, conferindo-lhes origem imutável no processo evolutivo, alienando, portanto, os problemas de sua base real e consolidando suas medidas expansionistas. As pesquisas arqueológicas de 1970 foram seriamente influenciadas por estas crises, que punha em cheque o interesse da classe média dominante e, no âmbito das interpretações arqueológicas, criticava a Nova Arqueologia com relação a sua metodologia positivista.

A Nova Arqueologia encerrou em seus quadros conceituais vários determinismos ecológicos e demográficos, qualificando “os seres humanos como vítimas passivas de forças quase sempre além de sua compreensão e controle” (TRIGGER, 2004, p. 318), esta

concepção teórica é incapaz de conferir qualquer consciência ou vontade humana à mudança cultural. Quanto às deficiências no estudo da ampla variedade dos aspectos comportamentais do ser humano, os condicionantes ecológicos, que exerciam maior influência nas mutações culturais, certamente supririam a necessidade de outros enfoques analíticos da trajetória dos povos, sanados por meio da constatação das uniformidades no registro arqueológico.

Trigger (2004) faz ainda menção aos responsáveis por outra linha de pensamento, derivada da Arqueologia Processual, Colin Renfrew, E.Zebrow e os norte-americanos Kent Flannery e Joyce Marcus, reconhecendo as deficiências conceituais da Nova Arqueologia buscaram introduzir no paradigma processual uma concepção mais idealista. Através da Arqueologia Cognitiva se fazia possível identificar os processos religiosos de culturas extintas por meio do registro arqueológico, esta concepção teórica afirmava não haver contradições entre a abordagem cognitiva e a perspectiva cientificista da Nova Arqueologia, argumento pautado na visão sistêmica de sociedade, onde a relação funcional abarcaria também o “subsistema ideológico”, reconhecendo as operações de pensamento das culturas pré-históricas. Assim, o estudo da religião, das iconografias e dos subjetivismos presentes nos processos culturais estaria inserido de forma legítima na análise cognitiva dos grupos humanos.

Registra-se com nitidez cada vez mais plangente a conformação de múltiplos fatores no comportamento dos grupos culturais, admitindo-se que alguns processos comportamentais não são verificáveis de forma inequívoca no registro arqueológico, ao passo que se questionam também os determinismos ecológicos e econômicos como vetores fundamentais na mudança cultural. Essas novas percepções conceituais provocaram mudanças no olhar dos arqueólogos sob a natureza humana e no papel dos fatores externos nas transformações culturais.

Em fins da década de 1970 e início dos anos 1980, grande número de arqueólogos se pronunciavam insatisfeitos com as dificuldades epistemológicas da Arqueologia Processual, ao mesmo tempo em que se atestava a importância dos fatores cognitivos na

compreensão das culturas pré-históricas. Essa onda de insatisfações iria encontrar respaldo numa série de novas concepções teóricas que convergiam em “diferentes arqueologias”, integradas no movimento arqueológico pós-processual.

A Arqueologia Pós-Processual, que sofria forte influência do modelo estrutural, propunha o estudo da cultura enquanto uma linguagem. Se ao lermos um texto estamos decodificando a mensagem contida implicitamente nos seus caracteres, assim também o objeto arqueológico constituiria uma forma de expressão com significados próprios e ocultos. Os vestígios seriam, na visão estruturalista, o produto no qual estaria inserida a mensagem a ser desvendada, o testemunho material de um sistema de crenças, teoria que se aplicaria, principalmente, ao estudo do registro rupestre e da cerâmica arqueológica, não havendo a imperatividade de se chegar a um construto final e definitivo da funcionalidade dos achados.

A Arqueologia Pós-Processual estabelece ainda diálogos com o Marxismo, quando expressa interesse pelas divergências no seio das sociedades pretéritas e pelas distinções ideológicas, aspectos passíveis de perceptividade no registro arqueológico, a exemplo das práticas ritualísticas, que podem legitimar ou acentuar as diferentes “posições” ocupadas por membros de um grupo cultural. O interesse marxista também ganha terreno no uso da arqueologia para justificar interesses políticos e atestar a capacidade produtiva do homem. Foram incorporados também conceitos da fenomenologia, conferindo ao homem plena consciência e intencionalidade de seus atos, retirando-o da passividade inerte defendida pelo modelo Processual, e a hermenêutica, que defendia a plena possibilidade de atribuir significados aos vestígios da cultura material, desvendando os valores e crenças dos povos pré-históricos, tais fundamentos conceituais tiveram implicações fundamentais na construção deste viés teórico-metodológico.

Neste novo modelo arqueológico, a cultura deixa de ser concebida como unidade sistêmica serrada, rigorosamente limitada e passível de estudo individual e isolado. É pressuposto a uma cultura contrair relações diversas com grupos vizinhos ou com culturas adjacentes, relações que podem originar pressões promotoras de mudança cultural,

relativas, muitas vezes, a fatores políticos e econômicos, ou ainda, aos aspectos ritualísticos e subjetivos em geral.

É pertinente levar em consideração a possibilidade de que os grupos culturais pudessem estar inseridos em macrorregiões, onde se encerrariam os traços de conjuntos culturais espacialmente dispostos. Estes coletivos poderiam relacionar-se, de forma que as elites locais interagissem e definissem padrões ou regras de convivência sociocultural, como propõe a Teoria de Sistemas Mundial de Immanuel Wallerstein.

Essa abordagem envolve o estudo de sistemas sociais de larga escala, pressupondo uma divisão de trabalho inter-regional em que áreas periféricas fornecem às centrais matérias-primas, as áreas centrais são politicamente dominantes e o desenvolvimento econômico e social de todas as regiões é condicionado pelos seus cambiantes papéis no sistema (TRIGGER, 2004, p. 323).

A teoria de Wallerstein provoca a necessidade de ampliar a visão funcional e sistêmica da mudança cultural, agregando novas perspectivas na compreensão de estratégias de permanência e mudança no *modus vivendi* dos grupos culturais.

Os estudos pós-processuais resgataram teorias anteriormente suscitadas, como o valor das analogias etnográficas no processo de interação cultural entre as sociedades, onde o papel desempenhado pela arqueologia não deve se restringir a reconstrução do mosaico pré-histórico, atuando também no provimento de dados aplicáveis na perspectiva histórica para a absorção dos estudos etnológicos. As relações entre células sociais que coexistem e interagem voltam a ser consideradas fonte relevante de mudanças, substancialmente, as sociedades em níveis de desenvolvimento distintos.

A iminente contestação do positivismo processual repousa na compreensão neo-historicista de que “as sociedades sejam tão complexas, suas estruturas tão elásticas e as forças externas que as influenciam tão ecléticas, que a causa exata de seu desenvolvimento, na melhor das hipóteses, só poderá ser predita em parte, e para um curto período” (TRIGGER, 2004, p. 328). Trigger alerta os arqueólogos que fatores excepcionais têm forte influência na mudança cultural e que são duvidosos os estudos que afirmam abarcar todos os aspectos das transformações culturais, uma vez que, a generalização, que tem grande



importância no estudo arqueológico, propõe apenas explicações possíveis, das quais derivam os problemas de pesquisa mais elaborados.

O Movimento Pós-Processual crescente na Inglaterra e nos Estados Unidos, ainda em vias de desenvolvimento teórico-metodológico, encontrou referenciamento teórico em combinações estrutural-marxistas, antipositivistas e economicistas, sendo ainda batizado de Arqueologia Estrutural, Arqueologia Simbólica, Arqueologia Crítica ou Arqueologia Contextual<sup>6</sup>, todas estas linhas de pesquisa integram o modelo Pós-Processual e distam entre si apenas em aspectos sutis de abordagem.

Este conjunto de “arqueologias interpretativas” exalta a diversidade das culturas, sublinhando a centralidade dos seres humanos nos processos de mudança comportamental, enfatizando as intencionalidades e a produção social da realidade por meio dos núcleos sociais e preconizando a investigação das estratégias ativas dos sujeitos numa análise grupal, que ocorre no sentido estrutura-ápice da organização social no interior dos grupos, num estudo de “baixo para cima”. As obras influenciadas pelo pensamento pós-processual atestam a inevitável impregnação da ideologia em todas as instâncias da existência humana, inclusive na complexidade dos meios de produção e na geração dos conflitos entre sociedades.

A mudança sociocultural no modelo pós-processual será explicada em uma base conceitual que confere protagonismo as relações humanas no interior dos grupos e com sociedades adjacentes, rejeitando com veemência a maioria dos aportes teóricos da Nova Arqueologia, assim como suas influências advindas do neo-evolucionismo, do funcionalismo, do marxismo cultural e da ecologia cultural. O papel da ecologia será abordado a partir de então, como condicionante e não diretriz da mudança, as respostas tecnológicas, também serão abordadas como fatores relevantes na promoção das transformações, contudo, lhes é negada qualquer condição determinista no processo de

---

<sup>6</sup> Trigger discute as ideias destes modelos “arqueológicos interpretativos”, seja no trato com o registro arqueológico, na pesquisa ou no advento da mudança cultural. As abordagens interdisciplinares, a complexidade dos fenômenos humanos, que não se limitam a generalizações, a riqueza e variação do registro arqueológico, o papel das relações intergrupais que convergem com o meio na produção dos modelos vivenciais, são aspectos que, grosso modo, caracterizam estas correntes (TRIGGER, 2004, p. 339-347).

mudança cultural. As novas perspectivas arqueológicas privilegiam o estudo das particularidades no seio cultural, atribuindo importância concreta às diferenças individuais e as especificidades no interior de cada grupo, inferindo um enfoque holístico a análise arqueológica.

A Arqueologia Pós-Processual recusa o antagonismo gestado pelo modelo Processual entre materialismo e idealismo. Muitos arqueólogos irão defender que o mundo das ideias constitui alicerce de uma realidade inegavelmente materialista, a atenção dispensada aos fatores não econômicos será direcionada à religião e a ideologia. A prática ritual aparece conceituada enquanto discurso que embasa relações e posturas de um grupo social, naturalizando privilégios ou conferindo poderes coletivos ou individuais. Dentro deste universo simbólico a cultura material se posiciona como elemento concreto e palpável na legitimação desses posicionamentos sociais, quanto a efetividade das práticas, o arqueólogo só poderá conhecer sua operacionalização, uma vez que, em Pré-História não foi desenvolvida, até o momento, nenhuma técnica que possa fornecer indícios específicos dos ritualismos.

Trigger (2004) faz referência as ideias do arqueólogo Ian Hodder que defende uma relação de reciprocidade entre significados simbólicos específicos e processos sociais na explicação da mudança cultural, ao passo que outros pesquisadores questionam, por exemplo, se o rito não serviria de mecanismo compensatório às deficiências tecnológicas frente aos “conflitos” do entorno ecológico. Trigger nos reporta das teorias propostas por Marx e Engels, segundo as quais, o excesso de idealismo não negligenciaria a capacidade do indivíduo de analisar sua situação social e de estabelecer diálogos entre os segmentos, estejam eles na condição de explorados ou exploradores.

Para os arqueólogos de orientação neomarxista as questões relevantes na promoção da mudança cultural estariam encerradas nas relações de produção e nos meios de produção. Aplicada às sociedades de classe os conceitos materialistas indicam a luta entre os segmentos sociais antagônicos pelo controle dos meios de produção, porém no tocante às sociedades primitivas consideradas sem classe, “os marxistas concederam aos fatores

adaptativos um papel mais importante na promoção da mudança cultural, pois isto se ajusta melhor a forças de produção mais débeis” (TRIGGER, 2004, p. 333), o trabalho assume papel essencial no contexto das sociedades pré-classe. Engels aborda a seleção natural darwiniana, a partir da concepção de que o uso da mão humana na produção de instrumentos resultou em bipedalismo, e na conseqüente expansão do cérebro e sua capacidade de abstração e acúmulo de conhecimentos, para tanto, as relações econômicas se complexificaram agregando o uso da linguagem e a capacidade de planejamento, processos que transcorrem conscientemente no contexto social.

Trigger (2004, p. 334) menciona a visão de alguns arqueólogos que percebem o processo de mudança sociocultural de maneira distinta, sustentando que, “em sociedades sem classes ‘grupos de interesses’ constituídos por homens e mulheres, jovens e adultos, ou membros de diferentes clãs e linhagens, lutam do mesmo modo que nas sociedades mais avançadas”. Essas teorias uniformitaristas que atribuem relações de exploração a todas as formações sociais desconsideram que em grupos pequenos a posição social advém da redistribuição e generosidade, mais que do acúmulo de bens materiais.

As novas percepções pós-processuais exprimem que as influências da pesquisa arqueológica ainda se encontram fortemente atreladas aos interesses de classe, refletidos nos patrocínios e no apoio seletivo a pesquisas em determinadas áreas arqueológicas e sob determinados enfoques, moldando as interpretações do passado segundo conveniências particulares de grupos ou indivíduos. Porquanto, o estudo arqueológico deve estar ancorado em um contexto sociopolítico e histórico de análise dos próprios recursos que viabilizam as pesquisas e dos interesses neles implícitos. Na Arqueologia, a presença das teorias de ordem marxista, suscitam vários debates acerca do próprio direito moral que tem o arqueólogo de interpretar a Pré-História dos povos.

Do leque de abordagens invocadas pelo conjunto das “arqueologias interpretativas”, a Arqueologia Contextual de Ian Hodder, constitui um dos principais enfoques de crítica ao modelo Processual. A tese contextualista utiliza o estudo da cultura material não apenas como mecanismo de adaptação ecológica ou restrita a organização social, a cultura material

reflete aspecto dinâmico nas relações grupais, enquanto mecanismo que afirma ou disfarça as posturas coletivas e individuais, o *status* de um grupo ou segmento social pode ser indicado por meio das variantes estilísticas dos objetos gestados no seio desta cultura.

As teorias de Hodder apontam vestígio material como elemento ativo na dinâmica social, contrapondo-se a tese Processual de que o grau de complexidade estilística dos achados refletem os estágios de desenvolvimento cultural dos grupos. Para determinar o “significado social” de um achado, o arqueólogo tem de analisar os aspectos contidos na complexidade do registro arqueológico. “O enfoque contextual baseia-se na convicção de que os pesquisadores precisam examinar todos os aspectos possíveis de uma determinada cultura arqueológica a fim de compreender o significado de cada uma de suas partes” (TRIGGER, 2004, p. 340). Pesquisando aspectos da cultura material, até então ignorados, Hodder atestou a necessidade de não alienar o vestígio do contexto em que foi encontrado, pontuando assim as deficiências resultantes do estudo fragmentado do registro arqueológico, ao passo que alerta a necessidade da análise interna e compreensiva das culturas estabelecendo constante diálogo com o paradigma do sistema mundial das culturas de Wallerstein, substancialmente, no tocante aos levantes regionais.

A Nova Arqueologia ignorou durante toda a década de 1960 e 1970 as características simbólico-subjetivas e motivacionais que impulsionaram os grupos humanos rumo à mudança cultural. As análises pós-processuais abrem espaço no cenário arqueológico para discussão de aspectos de natureza cosmológicas, tradições astronômicas, estilos de arte, crenças religiosas e outras questões anteriormente alienadas das pesquisas arqueológicas em Pré-História, revelando sempre a natureza inconstante dos fenômenos humanos. Os arqueólogos são incitados a identificar permanências e discrepâncias nas sociedades e no modo como estes grupos estabeleceram relações diferenciadas com outras culturas. Um dos estudos que mais influenciaram a Arqueologia Contextual, parte do modelo estrutural de Claude Lévi-Strauss, na sua análise dos padrões simbólicos da mitologia nativa americana. Strauss defende que a riqueza técnica exacerbada e variação no registro arqueológico não podem ser explicadas simplesmente por condicionantes ecológicas, devendo o arqueólogo levar em consideração fatores intrínsecos ao

subjetivismo humano. Assim como Lévi-Strauss, Ernest Gellner estabeleceu um paralelo entre as regularidades explicadas ecológica e economicamente, por meio das imposições ambientais, com as abordagens estruturais, que estudam áreas da ação humana que não estão submetidas a condicionantes materiais e físicos, tornando impossível afirmar teoricamente que os padrões simbólicos da cultura material são meros reflexos do comportamento humano.

Ainda conforme Trigger (2004), apesar do pioneirismo de algumas obras, como as de André Leroi-Gourhan e Alexander Marshack, nenhum arqueólogo conseguiu transpor o fosso existente entre o caráter especulativo das significantes simbólico-culturais e as informações perdidas no tempo por falta de um sistema de comunicação que viabilizasse o pleno entendimento dessas práticas para os grupos culturais que as gestaram.

O que Ian Hodder busca em suas pesquisas é a definição de regularidades transculturais que, presentes nos vestígios, possam assinalar traços da psicologia humana ou ainda sua padronização comportamental. Trigger aponta que a análise dos significados simbólicos do vestígio arqueológico encontra respaldo no trabalho dos antropólogos R. L. Hall e George Hammel. Suas pesquisas oferecem explicações simbólicas pormenorizadas do uso de determinados materiais nos contextos funerários de distintos grupos nativos da América do Norte, mesmo com deficiências relativas a verificação das analogias entre dados arqueológicos e os estudos etnográficos, o uso ininterrupto de alguns dos materiais, desde a descoberta dos achados até o período histórico, oferecem certa credibilidade a essas abordagens.

Estudos semelhantes aos de Hall e Hammel foram realizados no campo das relações iconográficas e mitológicas, no entanto, os significados das representações podem variar muito ao longo do tempo ou para diferentes grupos culturais, existe ainda a possibilidade de alteração dos meios de representação dos costumes e crenças. Contudo, uma vasta continuidade dos aspectos picturais em um sistema simbólico pode indicar permanência de significados. Trigger estipula de forma clara os limites da pesquisa arqueológica na busca dos significantes subjetivos de culturas extintas.

Não é possível prever o conteúdo de uma tradição cultural em todos os seus pormenores, nem tampouco as trajetórias detalhadas da mudança cultural. Quando, porém, essas trajetórias são conhecidas a partir do registro arqueológico, elas aumentam a capacidade do arqueólogo de explicar o que aconteceu no passado. (TRIGGER, 2004, p. 344)

De maneira geral as interpretações idealistas contestam, cada vez mais, a possibilidade do conhecimento objetivo do passado, em contraponto com os arqueólogos processuais, que demonstram clara resistência quanto ao uso de qualquer outra abordagem interdisciplinar, que não o estudo da própria cultura material, conservando ao máximo a “autonomia arqueológica” de suas pesquisas e aderindo apenas a generalizações universais sobre dados arqueológicos e comportamento humano. Essas concepções “puramente arqueológicas” acentuam limitações, que seriam facilmente dirimidas pelo uso de correlações mais específicas do comportamento dos grupos humanos, ancoradas na conversação com outras ciências sociais, resultando numa ampliação dos interesses culturais que conduziria o contextualismo de Hodder a um patamar mais rico e abrangente.

A arqueologia difere substancialmente das outras ciências sociais, no acesso à informação sobre os homens que estuda, as informações sobre como viveram e o que pensaram as sociedades pretéritas, tem de ser extraído do registro arqueológico. Esse registro, por sua vez, não é capaz de fornecer um panorama completo de amostragem vestigial que permita ao pesquisador construir um conhecimento completo acerca das sociedades que analisa.

Gradativamente os arqueólogos abandonaram a perspectiva processual de que vestígio arqueológico poderia fornecer ao pesquisador um retrato completo e sem distorções das sociedades que o produziram, entenderam também que os artefatos são, na maioria das vezes, descartados em locais diferentes dos quais são produzidos e que, portanto, um artefato pode oferecer informações que divergem do contexto onde é encontrado. O estudo do sítio arqueológico tem de passar então, pela análise de cada processo que o modificou ao longo do tempo, pelas atividades humanas que o transformaram ou destruíram ou pelo desgaste dos processos naturais, as limitações se

estendem ainda as influências, conhecimentos e recursos dos quais dispõe o arqueólogo para efetivação da pesquisa.

David Clarke em 1973 elucidou os problemas enfrentados na pesquisa arqueológica, caso o trabalho não fosse realizado com o devido aporte teórico metodológico, que balize e aceite a natureza lacunar do vestígio.

A arqueologia continuaria a ser “uma forma de arte irresponsável”, a menos que fosse sistematizado em um corpo teórico capaz de relacionar os vestígios arqueológicos ao comportamento humano. A base para essa sistematização seria o reconhecimento de que os arqueólogos só possuem uma amostragem reduzida do que se propõe a estudar (TRIGGER, 2004, p. 348).

Clarke observa que de toda trajetória cultural de um grupo, o arqueólogo dispõe apenas dos restos indiretos depositados no registro arqueológico em condições adversas e dos quais perduraram somente as amostras precárias que foram recuperadas. O desafio do arqueólogo, para Clarke, seria construir este corpo teórico, que deveria abarcar os múltiplos processos pelos quais transita o vestígio, desde antes de sua deposição, ou seja, enquanto ainda estava inserido de forma funcional na vida do grupo, seu descarte, os processos naturais e humanos que o afetaram, seu resgate e o processo analítico ao qual é submetido, culminando com os possíveis reflexos do padrão comportamental sugerido ao fim do estudo.

A constatação de que grandes quantidades de artefatos são abandonados no contexto arqueológico, muito mais regularmente que nos locais de manufatura ou uso, estimulou pesquisas sobre os padrões de descarte do vestígio. Alguns trabalhos que seguem a orientação teórica de David Clarke, como os do norte americano Michael Schiffer, de 1976, embora proponha estágios menos abrangente para a trajetória do refugo desafia os arqueólogos a eliminar as “distorções” resultantes do pré e pós-descarte, inferindo ao vestígio o contexto original em que o artefato foi gestado e utilizado.

Trigger cita Lewis Binford em sua discordância teórica à Schiffer, ao firmar que “o registro arqueológico não pode ser ‘uma distorção de sua própria realidade’” (BINFORD

apud TRIGGER, 2004, p. 351), e afirma que o desafio do arqueólogo consiste em compreender estas distorções como parte significativa do registro. Para Binford é ingênua a crença de que o arqueólogo pode livrar o vestígio dos processos desorganizadores que agregam em sua atual formação. A pluralidade de comportamento humano, mais uma vez, limita a totalidade do conhecimento pré-histórico, o que para os pós-processuais não implica em fraqueza metodológica.

Binford irá contribuir para a análise comportamental por meio do vestígio arqueológico, em sua Teoria de Médio Alcance, fazendo forte distinção entre arqueologia e antropologia, antropologia esta última que se utiliza da Teoria Geral na procura de explicações para o comportamento humano, aporte conceitual frequentemente utilizado pelas demais ciências sociais. Em sua atual posição teórica Binford propõe que sua teoria de médio alcance pode inferir informações comportamentais por meio dos próprios vestígios arqueológicos, sendo de interesse exclusivo da arqueologia. Trigger (2004, p. 352) afirma que a teoria de médio alcance de Binford “envolve atividades de identificação [...] e o trabalho de diagnosticar as funções econômicas, sociais e ideológicas de artefatos”, agregando o processo formativo dos sítios, com suas variáveis culturais e naturais, as regularidades dos processos físicos, bem como as práticas culturais identificadoras de padrões de comportamento.

As pesquisas de Binford estimularam a realização de experimentos que tentam reconstituir a possível técnica de fabrico e utilização dos artefatos dentro dos grupos pré-históricos. Trigger alerta para os riscos de se empregar a teoria de médio alcance, onde a análise das correlações válidas estão subordinadas às pressuposições do pesquisador e no caráter questionável dos uniformitarismos verificáveis nas analogias entre regularidades do passado e do presente, vale salientar ainda, que certos aspectos do comportamento humano são traços específicos de um estágio de desenvolvimento cultural, não podendo ser generalizado a qualquer recorte espaço temporal.

O arqueólogo não é capaz de identificar o que é intrínseco a humanidade em geral, do que é peculiar a grupos culturalmente interligados. As identificações dos modelos de



sociedades modernas podem servir de analogia aos grupos pré-históricos, ao passo que, o processo de fatores convergentes na mudança cultural dos distintos grupos humanos é de natureza variada. O receio mais latente na aceitação da teoria de Binford reside no fato de que a natureza do comportamento humano é inconstante e imprevisível, característica que os neo-evolucionistas negligenciam. Em última instância o enfoque proposto por André Leroi-Gourhan (1968) e posteriormente por Robert Dunnell (1971-1982), defende que a análise do registro arqueológico deve estar encerrada em seus próprios fins, rompendo relações com a antropologia social e a etnologia, e com as possíveis vicissitudes advindas de suas analogias. A arqueologia produzida no Ocidente, já mais experiente, aprendeu que visões extremistas e dicotômicas do comportamento humano são improdutivas e revelam senão a deficiência metodológica de suas teorias.

#### 1.4 – A construção da arqueologia no Brasil

No Brasil a arqueologia desenvolveu-se associada ao estudo da Pré-História, sem que houvesse de fato uma pesquisa voltada para a cultura indígena ou dos grupos nativos que habitaram as terras brasileiras no período que antecede o processo colonizatório. Partindo da premissa que o homem percorreu o tempo e o espaço sempre em busca de suas origens mais remotas, a prática de colecionar artefatos de notável complexidade técnica e estilística parece refletir a necessidade e o respeito que se construíram pelos vestígios de civilizações passadas, ao passo que cada artefato parece conter em si informações das práticas vividas e dos processos mentais e abstratos destas sociedades extintas. Partindo desta perspectiva, a pilhagem naturalizou-se constante e frequente no cenário arqueológico mundial, as atividades de prospecção obedeciam tão somente à necessidade de coletar o material que seria exposto em museus da Europa e dos Estados Unidos, sem estabelecer nenhuma prioridade no que tange a contextualização e análise do material coletado.

Além do recolhimento dos vestígios arqueológicos, os cientistas naturalistas, geólogos, biólogos, antropólogos, que viajavam mundo afora em busca dos “grandes

achados”, costumavam descrever os “locais de coleta”, os registros rupestres e todos os outros aspectos do entorno arqueológico. A Literatura produziu então, grande acervo de crônicas, relatórios e narrações descritivas em torno dessas viagens arqueológicas, é evidente que esta produção documental, sendo puramente eurocêntrica, não conferia importância alguma ao estudo da cultura nativa.

Os europeus construíram uma série de teorias fantasiosas e fábulas para explicar a aparição do homem na América, atribuindo as origens mais fantásticas ao povoamento do pré-contato, segundo as quais a origem do homem americano pré-histórico encontraria fundamento nos povos cartagineses, egípcios, hebreus ou até mesmo da lendária cidade perdida de Atlântida. Durante um longo período as pesquisas arqueológicas negligenciaram os vestígios da cultura dos povos indígenas, os relatos que se perpetuaram pela oralidade sofreram distorções em seu transcurso e chegaram aos grupos atuais através do “filtro colonizador”, dos estudos etnológicos e das semelhanças físicas entre as gerações extintas e os nativos atuais.

Com o declínio das tendências antiquaristas, o estudo da pré-história começou a sistematizar-se num crescente movimento em direção a cientificação arqueológica. Os relatos arqueológicos dos séculos XVI ao XIX são escassos, a cultura arqueológica que poderia fornecer informações sobre os grupos nativos da pré-história estão impregnados da visão eurocêntrica. Alguns relatos como o de Fernão Cardim e Frei Gaspar de Madre de Deus fazem menção aos sambaquis, relacionando-os a construção humana. Na década de 1830, na busca desenfreada para forjar a identidade nacional, movida por D. Pedro II foram divulgados diversos trabalhos que versavam sobre a formação do Brasil. Posteriormente, com a obra de Von Martius que discutia a construção de um ideário nacional e a formação racial do povo brasileiro, surge uma preocupação com o legado dos grupos indígenas e por seus antepassados, num enfoque comparativista.

Um dos pesquisadores pioneiros da arqueologia brasileira foi o botânico Peter Wilhen Lund, que realizou um estudo notável na região de Lagoa Santa em Minas Gerais, os achados impressionantes de cerca de trinta fósseis de indivíduos humanos reacenderam o

debate sobre a antiguidade do homem na América, pois calcula-se que as ossadas sejam de aproximadamente 12 mil anos antes do presente. As pesquisas iniciadas por Lund em meados do século XIX se encerrariam em 1846, por falta de verbas para manutenção da pesquisa, somadas a complicações de saúde do pesquisador. O fato é que os estudos de Lund suscitaram muitos questionamentos sobre o povoamento e a idade do homem primitivo da América.

Em fins do século XIX muitos pesquisadores desenvolveram estudos arqueológicos no Brasil abordando temas gerais como, o estudo da cerâmica, dos registros rupestres e das indústrias líticas, ainda no século XIX foi iniciado as primeiras escavações na Amazônia. Em 1908 foi à vez de o pesquisador Ricardo Krone realizar um estudo relevante sobre a presença dos sambaquis no Brasil.

O pesquisador Juvandi de Souza Santos (2009, p. 81) pontua a questão do estrangeirismo na construção da ciência arqueológica.

A arqueologia do Brasil dos primeiros cinquenta anos do século XX foi, de forma geral, levada a cabo por indivíduos ligados a outras ciências, especialmente as da terra (naturais). Portanto, essas pesquisas não refletiam o quadro de ocupação pré-histórica, mas sim, visavam a consolidar o nacionalismo descendente do europeu.

O fomento bibliográfico da arqueologia brasileira está claramente atrelado a contribuições de estrangeiros, não necessariamente de arqueólogos. Um dos principais trabalhos sobre a construção da Pré-História do Brasil encontra respaldo em Angyone Costa com sua **Introdução à Arqueologia Brasileira**, de 1934, um trabalho ainda incipiente, já que a arqueologia ensaiava seus primeiros passos rumo à sistematização científica, mas, sem dúvida, importante ao provocar novas discussões arqueológicas.

Por volta de 1980 o estudo da arqueologia passa por um processo transitório da perspectiva mais tradicional para uma arqueologia teórica e metodologicamente mais preparada, com base no interdisciplinarismo e desconstruindo os discursos que apontam os pacifismos do arqueólogo diante de sua pesquisa. Esta nova concepção suscitou a necessidade de engajamento do pesquisador, não só com seu trabalho de pesquisa, mas com

a comunidade presente no entorno arqueológico, estes profissionais se envolveriam de tal forma com as comunidades onde estão inseridos os locais de pesquisa, que se tornariam figuras importantes no cenário sociopolítico e cultural, instando mencionar que alguns trabalhos arqueológicos conseguiram trazer melhorias significativas do padrão de vida destas coletividades, a citar o caso de São Raimundo Nonato no Piauí. No cenário arqueológico da contemporaneidade fica latente a aproximação sistemática entre pesquisa e comunidade, substancialmente nos trabalhos realizados na área de educação patrimonial e das relações estabelecidas entre sociedade e os vestígios de sua formação cultural.

O professor Juvandi de Souza Santos (2009, p. 82) pontua que o direcionamento das pesquisas arqueológicas no Brasil durante muito tempo se condicionou a explicar “a origem dos povos encontrados com a chegada dos europeus”. Das possibilidades enumeradas, continua a afirmar Santos, que levas de grupos pré-históricos vieram de diferentes regiões de processos migratórios sucessivos, assim os registros da pré-história no Brasil são frutos da própria indústria colonizatória e estão alicerçados nos relatos de viajantes e aventureiros. Estes estudos e descobertas são de inegável valor à construção do mosaico arqueológico do Brasil.

Transitando entre as obras de iminente destaque arqueológico podemos destacar os relatos contidos em **Diálogos das grandezas do Brasil**, onde se conjectura a possibilidade fantasiosa de que os homens do pré-contato seriam originários dos povos mediterrâneos sendo de Ambrosino Fernandes Brandão o primeiro relato de sítios arqueológicos no Brasil. Em outro escrito de 1706, o padre Martin de Nantes cita a existência de um grande rochedo contendo incisões gravadas, cujas descrições nos remetem a morfologia das Itacoatiaras.

No reinado de D. Pedro II e sob sua influencia, dois estudos arqueológicos merecem destaque. Jean de Léry, estudioso de Teologia veio ao Brasil exilado e conviveu por muito tempo com indígenas, dos relatos observados no contato divulgou a obra **Viajem a Terra do Brasil**. Outro pesquisador de destaque foi o já mencionado Peter W. Lund, “um dos primeiros a escavar material fóssil pertencente a mega fauna pleistocênica do Brasil”

(SANTOS, 2008, p. 15). Lund também foi um dos primeiros a atestar o convívio do homem pré-histórico com grandes animais extintos.

O brasileiro Ladislau Neto realizou seus estudos também durante o Segundo Império, seu relato mais notável fora de uma carta que recebeu de uma localidade denominada Paraíba, em 1871, com descrição de um rochedo contendo “letras misteriosas”, que segundo a transcrição de Ladislau Neto narrava uma expedição Fenícia ao Brasil. Em 1885 o próprio Ladislau desmente a farsa, numa tendência que se tornou recorrente, vários outros pesquisadores associaram seus estudos a presença de outras Grandes Civilizações, como Ludwig Schwerhagen e Jacques Mahieu. Alguns autores fizeram o caminho inverso no decorrer de suas pesquisas, R. Epiága defende o autoctonismo brasileiro, segundo o qual todos os povos teriam emanado do Brasil para o resto do mundo.

Na década de 1960 foram realizadas as primeiras datações radiocarbônicas em sambaquis do Brasil por Joseph e Anette Laming-Emperaire, foi neste mesmo período que os estudos arqueológicos começaram a sistematizar-se teórico e metodologicamente. Em 1975 um grupo de arqueólogos franco-brasileiros coordenados também por Anette L.Emperaire encontram o crânio de Luzia, a ossada foi datada de aproximadamente 11.680 anos, atualmente as pesquisas sobre o crânio de Luzia são realizadas sob a coordenação Walter Neves, que em agosto de 2011, em entrevista a Revista de História da Biblioteca Nacional, afirmou a importância deste achado às teorias sobre o desenvolvimento e a origem do homem americano. Neves afirmou que “a grande descoberta de que os primeiros americanos se pareciam mais com australianos e africanos do que com os índios e os asiáticos atuais”, confirmou sua tese da grande antiguidade do homem americano e foi solenemente ignorada por muitos anos por pesquisadores norte-americanos.

Outro grande marco dos estudos arqueológicos no Brasil fora a surgimento do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) implantado entre as décadas de 1960 e 1970. O projeto tinha como intento maior reconhecer e sistematizar os estudos arqueológicos no Brasil, mapeando estes locais e registrando as pesquisas realizadas.

A arqueóloga Gabriela Martin (2005) elenca os grandes nomes da arqueologia contemporânea. As pesquisas de ressalva no nordeste foram realizadas por Niède Guidon, Fabio Parente, Anne-Marie Pessis e Gabriela Martin, no Norte o destaque é da pesquisadora Anna Rossevelt e no Sul do país imperam nomes como André Prous, Maria da Conceição Beltrão, Pedro Paulo Funari, Valentin Calderón, Arno kern, Klaus Hilbert, entre outros.

## CAPÍTULO II

### DO GRAVADO AO ESCRITO: NOS RASTROS DA ARQUEOLOGIA NORDESTINA

#### 2.1 – O fantástico e o real na arqueologia do nordeste brasileiro

Regadas pelo imaginário popular e pela ânsia de explicar o não reconhecível que se estendeu do período colonial aos dias atuais, as narrativas “forjadas” sejam sob a égide de um cientificismo roto ou sob as credices e fantasias criativas dos relatos pré-históricos, desviaram a pré-história do Nordeste brasileiro por caminhos tortuosos e que, em muito, retardaram o surgimento de interesses acadêmicos e metodológicos plausíveis de aceitação científica.

A pesquisadora Gabriela Martín em seu livro **Pré-história do Nordeste do Brasil** (2005) elucida a trajetória da construção dos conhecimentos pré-históricos do Nordeste, inicialmente pautados pela Tradição Bíblica cristã que imperava inquestionável nos relatos da presença humana na terra. "O que acontecera estava na Bíblia e o que nela não aparecia simplesmente não existia" (MARTIN, 2005, p. 24). Ao se deparar com grupos humanos em sua chegada a Terra de Vera Cruz "os descobridores" e eruditos europeus procuraram explicar biblicamente a existência dessas criaturas, quando, por meio da bula papal de 1537 estabeleceu-se que os índios também eram filhos de Deus que precisavam ser salvos pela via da cristianização, iniciando assim as empresas religiosas de catequizaçã<sup>7</sup> destes indivíduos. Dentro da "história bíblica" os indígenas foram alocados como descendentes dos Povos Fenícios, Gregos ou Israelitas abandonados à barbárie e em estágio de regressão cultural, ao passo que a arqueologia do Brasil seria constituída de caráter mítico e

---

<sup>7</sup> Para uma melhor discussão a despeito do processo de catequizaçã dos nativos na Capitania Real da Parahyba ver: AUTOR DESCONHECIDO. **Sumário das armadas**. Mimeo, 2007. E-book; HERCKMANS. Elias. **Descrição Geral da Capitania da Paraíba**. Gráfica Universitária, João Pessoa, 1993; GONÇALVES, Regina Célia. **Guerras e açucares: política e economia na Capitania da Parahyba – 1585-1630**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

fantasioso.

O mito fenício, predominante dentre outros, gerou relatos sobre inscrições rupestres em várias localidades, como a conhecida "inscrição fenícia da Paraíba" que seria depois relacionada com a Itacoatiara de Ingá e que desaguaria na inevitável relação de todas as Itacoatiaras com inscrições fenícias. Segundo Martin (2005) o pesquisador Ladislau Netto, um dos homens das ciências protegido pelo Imperador D. Pedro II, e que fora responsável pela repercussão de uma possível viagem fenícia ao Brasil, jamais teve apagado de seu nome os adjetivos de "mentiroso" e "falsário", quando fora cientificamente desmentido e sofrera fortes críticas, dentre as mais violentas, as de Ferraz de Macedo.

Para a arqueóloga, no entanto, não se pode martirizar Ladislau, com a tendência em reconhecer todos os eventos terrenos com passagens bíblicas, fora o Antigo Testamento grande incentivador dos relatos mais fantásticos por meio das longas viagens de comércio entre reinos, nas grandes embarcações. Angyone Costa foi neste aspecto, defensor de seus trabalhos, outorgando-lhe o título de pai da arqueologia brasileira, pelo pioneirismo de suas obras e a contribuição que daria aos estudos futuros.

Martin (2005) nos informa que o caráter mitológico se reproduziu na arqueologia nordestina e ganhou adeptos até os dias atuais. Das figuras que em muito contribuíram na busca incansável pelos indícios de civilizações perdidas em solo nordestino, o austríaco Ludwig Schwennhagen viajou pelas trilhas nordestinas entre as décadas de 1910 e 1920 e relatou em artigos e um livro, fatos absurdos relacionando formações geológicas piauienses com antigas cidades fenícias; Tristão de Alencar Araripe em seu livro **Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil** (1887) compartilhou de suas ideias sobre a “cidade petrificada do Piauí”. O mito das sete cidades surge na Península Ibérica e chega a América imiscuída a lendas de origem indígena, que darão vazão a buscas incessantes por todo o continente americano na esperança de localizar as sete cidades fenícias. Grande aliada dos devaneios arqueológicos, a cartografia brasileira gestada anteriormente aos Descobrimentos alimentaria fantasias e traçaria as rotas e caminhos do imaginário popular e acientífico.



Obra de grande valor na construção das bases científicas para a arqueologia do Nordeste, **Indícios de uma civilização antiqüíssima** do sertanejo José de Azevedo Dantas, tem na realidade, as fortes marcas do autodidatismo e a ausência de uma formação científica apurada, que lhe permitisse elevar a obra ao nível da pesquisa metodológica, mas que contribui indiscutivelmente para o descobrimento e documentação de inúmeros registros rupestres em todo o território nordestino e que foge aos devaneios tão próprios dos relatos arqueológicos de sua época, vicissitude fortemente evitada por Dantas, sendo sua obra já marcada por certa sobriedade científica.

A arqueologia brasileira, de recente formação científica esteve, por muito, imbricada dos vícios mitológicos e fanáticos que se construíram a cerca do Novo Mundo. Gabriela Martín dividiu em três fases a história arqueológica do Brasil: "mitos heroicos, relatos de missionários, viajantes e aventureiros e moderna pesquisa científica. Isso não significa correspondência a uma cronologia seqüenciada [...]" (MARTÍN, 2005, p. 33), já que teremos simultaneamente, em estudos, certo rigor científico e relatos fantasiosos, estes últimos ganham especial força e vitalidade quando atrelados ao universo do imaginário popular, que regam as trilhas sertanejas do Nordeste brasileiro. Sabiamente elucida Martín (2005, p. 34) que "Os motivos podem ser vários para essa riqueza do imaginário: a própria tradição europeia e os grandes sertões castigados pelas secas onde nasceu um realismo fantástico, especial e peculiar [...]".

Ao descrever a fase mitológica da pré-história nordestina, Martín (2005) menciona duas obras relevantes, **Brazil Pré-histórico, Memorial Encyclographico** do cearense Raymundo Ulysses de Pennafort, onde o escritor localiza dentro do território da Amazônia países pertencentes às Grandes Civilizações perdidas. A segunda obra pertencente a Alfredo Brandão, **Escripta Prehistórica no Brasil, com o appendice sobre a Prehistória de Alagoas**, faz logo de início, alusão a memória de Ladislau Netto, mas se destaca dos relatos da época, ao defender que os registros rupestres deixados constituiriam a primeira escrita pré-histórica universal de civilizações primitivas. Há certa pertinência nas ideias de Brandão, já que, no atual estágio de estudo dos registros rupestres, a arqueologia os entende como "sistema de comunicação que se iniciou, quase simultaneamente, em todo mundo,

como parte do processo da evolução cerebral da espécie humana” (MARTIN, 2005, p. 35). É evidente que tal visão não exclui o caráter estético do trabalho gráfico. **Lamentação brasilica** de Tristão de Alencar Araripe, seguiu o mesmo roteiro fantasioso ao qual estaria fadada a Arqueologia pré-científica do século XIX e início do século XX, atrelando todos os registros da cultura material encontrados em solo nordestino ao misticismo das Grandes Civilizações, com clara distinção interpretativa dos textos bíblicos, das viagens fenícias ou da existência da Atlântida perdida. Reinou de forma bastante pronunciada o intento de conferir um ideário heroico e europeizado ao passado mais distante de um povo, no qual o imperador D. Pedro II fora grande incentivador.

Os trabalhos arqueológicos produzidos no primeiro quartel do século XX fazem referência, em sua grande maioria, aos registros rupestres encontrados principalmente nos sertões. As gravuras rupestres são relatadas com maior frequência, por estarem localizadas em lugares de acesso mais visível. “Interpretações à parte, não deixam de ser um indicador útil para se iniciar prospecções” (MARTIN, 2005, p. 37). As obras produzidas neste período consistem, grosso modo, na localização geográfica e descrição morfológica dos registros gráficos, com grande profusão de notícias jornalísticas divulgadas à sociedade.

Segundo Martin (2005) o início da pesquisa cientificamente sistematizada, só ocorreria no Brasil, de fato, entre as décadas de 1940 e 1950, período em que as “explorações” realizadas em solo nordestino diminuiriam de ritmo consideravelmente. O cientificismo das pesquisas arqueológicas, por sua vez, se constataria inicialmente através dos estudos dos sambaquis no litoral mineiro e na Amazônia, por meio de missões estrangeiras. Em 1958 o alemão Carlos Ott publica **Pré-história da Bahia** e em 1969, é lançado **30 anos de Paraíba** de Leon Clerot, a obra faz menção a dados arqueológicos coletados na Paraíba durante as décadas de 1940 e 1950, uma grande profusão de informações seria publicada em jornais, periódicos, revistas e anais dos institutos históricos nordestinos. Os estudos de tribos indígenas remanescentes e suas práticas culturais também contribuiriam substancialmente no fornecimento de dados à pesquisa arqueológica, com destaque para as obras de Estevão Pinto.

Nome que merece destaque por sua contribuição arqueológica no Nordeste, Carlos Estevão de Oliveira realizou inúmeras pesquisas na Amazônia, Bahia e Pernambuco. Em escavação no vale médio do São Francisco encontrou a “Gruta do Padre” em Petrolândia - PE, importante sítio arqueológico que fora utilizado como abrigo habitacional por mais de 5 mil anos. Nesta mesma região também realizou estudos etnográficos com os indígenas Pankararu, o material elaborado seria publicado em 1937. Nesta mesma localidade descobriu outra fuma, a “Gruta do Anselmo”. Os trabalhos de Carlos Estevão chamaram atenção pelo “pioneirismo científico” de suas pesquisas, sendo o primeiro arqueólogo a produzir de forma sistemática os resultados de suas escavações, fugindo a causalidade dos registros anteriores, dos seus trabalhos extraem-se noções estratigráficas e descrições sucintas dos materiais coletados. Três décadas depois o arqueólogo Valentin Calderón voltaria a escavar a Gruta do Padre, coletando novos materiais e obtendo datações radiocarbônicas superiores a 7 mil anos de antiguidade. (MARTIN, 2005). Os trabalhos nas Grutas do Padre e do Anselmo seriam finalizados com o Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico, na área que hoje se encontra inundada pela hidrelétrica de Itaparica.

Gabriela Martin sublinha a tardia iniciação das pesquisas científicas no Nordeste brasileiro, citando a “exclusão quase que total da região no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA, implantando em 1965 com patrocínio da Fundação Smithsonian e do CNPq” (MARTIN, 2005, p. 40). O presente programa que pretendia construir um quadro panorâmico da situação em que se encontravam as pesquisas arqueológicas no Brasil, financiando escavações e mapeando os achados, marginalizou o nordeste que, com exceção das pesquisas de Calderón e no Rio Grande do Norte, do antropólogo Nassaro Nasser, em nada integraram os estudos do PRONAPA, o programa encerrou-se em 1970.

A fase inicial das pesquisas arqueológicas sistemáticas, não fugindo a regra, teve grande contribuição de duas escolas estrangeiras. A missão francesa, coordenada por José e Annette Laming - Emperaire, com destaque para as prospecções realizadas em Lagoa Santa - MG e a escola americana do Smithsonian Institution, sobre o comando de Clifford Evans e Betty Meggers, com área de estudo concentradas na região amazônica (MARTIN, 2005,

p. 40).

François A. Laroche, um francês que lecionava em uma escola pernambucana, despertou o interesse pela arqueologia e chegou a trabalhar algum tempo com Calderón, realizou pesquisas em Bom Jardim - PE, onde escavou o sítio “Chã do Caboclo” obtendo datações com carbono 14 entre 11.000 e 1.000 anos AP<sup>8</sup>, posteriormente Laroche atuaria na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No Pernambuco devemos citar ainda os trabalhos de Velda Lucena e Marcos Albuquerque no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal (MARTIN, 2005, p. 40).

Na década de 1960 e até o término dos trabalhos com atuação no PRONAPA, Valentin Calderón constituiu uma exceção no cenário arqueológico nordestino, com pesquisas concentradas na Bahia e em Pernambuco. Calderón já preconizava certa integração interdisciplinar em suas pesquisas, requerendo auxílio de laboratórios e de dados de ciências afins no complemento de seus trabalhos. Dentro do PRONAPA, ele realizou um dos seus mais importantes trabalhos, quando escavou a Gruta do Padre em Pernambuco, aí “estabeleceu o conceito de tradição Itaparica de caçadores coletores pré-históricos do semi-árido e obteve as primeiras datações radiocarbônicas da região” (MARTIN, 2005, p. 42). Na década de 1970 realizou indiretamente o trabalho de um salvamento com o Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, no qual realizou somente prospecções e sondagens. A arqueóloga Gabriela Martin (2005, p. 41) aponta que a postura inflexível de Calderón dificultou o seu trabalho arqueológico,

Eficiente, mas extremamente autoritário, não conseguiu manter uma equipe coesa de colaboradores que continuassem seu trabalho, e, desiludido, foi, aos poucos, abandonando a arqueologia nos fins da década de 70, para se dedicar ao estudo da arte sacra na Bahia, onde encontrou maiores satisfações e menos brigas, como manifestou, repetidamente, nos últimos anos de sua vida.

Atualmente o Pernambuco realiza um amplo trabalho de pesquisa arqueológica por meio do Programa de Pós-graduação integrada à Universidade Federal de Pernambuco,

---

<sup>8</sup> Tomando como referência cronológica o ano de 1950, o termo AP ou BP é usado no contexto arqueológico para determinar uma idade Antes do Presente ou Before Present.

associada à Fundação Museu do Homem Americano - FUNDAM. Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o “Museu da Câmara Cascudo” conta com o Departamento de Arqueologia, em Teresina, registra-se ainda o Núcleo de Antropologia da Universidade Federal do Piauí, fundado por Niède Guidon, este realiza um importante trabalho de levantamento e mapeamento de sítios pré-históricos na região, alguns trabalhos também foram articulados pelas Universidades Federais de Alagoas e Sergipe.

Na Paraíba, a Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA) e o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Estadual da Paraíba compõe nichos de estudo e pesquisas sistemáticas do Patrimônio pré-histórico da região, concentrando, contudo, sua área de atuação no Cariri e porção no Norte do Seridó paraibano. O Alto Sertão Paraibano, região carente de pesquisas arqueológicas sistemáticas, conta com trabalho de mestrado do arqueólogo Francisco Eugênio Paccelli Gurgel da Rocha, concluído em 1998 pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Um dos poucos estudos que proporcionou levantamento geográfico de sítios arqueológicos concentrados no Alto Sertão da Paraíba, inaugurando o processo de datação radiocarbônica em sítios arqueológicos nessa região que passaremos a destacar nas linhas que se seguem.

## 2.2 – Entre o grafismo, o dito e o escrito em solo paraibano

Estreitando as discussões de Martin (2005), em sua dissertação de mestrado, o arqueólogo Paccelli Gurgel (1998) faz menção ao histórico dos relatos sobre a pré-história da Paraíba, trabalho em que percebemos clara escassez de escritos sobre estes registros na região do Alto Sertão Paraibano.

A história do registro de traços pré-históricos no Brasil tem seu início na Paraíba, ainda em fins do sec. XVI, quando Brandônio aponta em trecho de sua obra “Diálogos das Grandezas do Brasil” a presença de gravuras marcadas sobre rochas, descrevendo-as e apontando sua localização (ROCHA, 1998, p. 10).

A partir de Brandônio muitos outros relatos surgiram, dando conta das misteriosas “pedras lavradas”<sup>9</sup>. Os relatos de Tristão de Alencar Araripe apontam a existência de muitos caracteres gravados ou picados numa pedra no percurso entre Mamanguape e Bacamarte (ROCHA, 1998). Francisco Otávio da Silva Bezerra e Alfredo Coutinho de Medeiros Falcão mencionam a presença de indícios da pré-história na Paraíba ainda no Brasil Colonial. No início do século XVII, o então governador da Província, Elias Herckman<sup>10</sup> também descreveria a presença de escrituras feitas em pedra, em solo paraibano. Contudo, somente no final do século XVIII e início do século XIX, ocorreriam os primeiros estudos tratando de relacionar os registros da Pré-história de forma sistêmica. Quando o Pe. Francisco Menezes, em sua empreitada romeira pelos sertões, encontra nos grafismos a possível orientação geográfica que levaria a desvendar tesouros holandeses perdidos no Nordeste brasileiro. Devaneios a parte, foi a obra **Lamentação Brasilica** derivada das viagens de Menezes por terras nordestinas, fundamental para a arqueologia desta região. Rocha (1998) nos chama atenção para o fato de Menezes propor, mesmo de forma superficial, uma distinção classificatória segregando os “letreiros pintados” dos “gravados a cinzel”.

Durante todo século XIX foi grande a profusão de escritos evidenciando a existência dos grafismos rupestres, principalmente as gravuras, em todo território paraibano. Fato curioso, já muito mencionado na literatura recorrente é a presença destes registros nas margens de cursos d’água, característica predominante das “Itacoatiaras”. O engenheiro Francisco Soares da Silva Retumba expressa sua admiração ao encontrar caracteres não somente pintados, como gravados diretamente na rocha.

Outro relato paraibano que repercute internacionalmente é o caso “Inscrição Fenícia da Paraíba”, surgido em 1872 e que causou grande alvoroço no meio erudito e ganhou evasão após a “tradução” feita pelo Dr. Ladislau Netto. Em carta enviada ao Visconde de Sapucahy, então presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil,

---

<sup>9</sup> Termo utilizado pela primeira, no contexto dos registros gráficos, vez por Elias Herckman e que se tornaria recorrente na Paraíba onde fosse possível identificar estes registros rupestres.

<sup>10</sup> HERCKMANS. Elias. **Descrição Geral da Capitania da Paraíba**. Gráfica Universitária, João Pessoa, 1993.

Ladislau menciona a existência de inscrições gravadas em pedra, em certa fazenda na Paraíba do Norte, reconhecendo nos grafismos texto fenício e traduzindo-o como narrativa de uma expedição mercantil à Paraíba. O documento ganha notoriedade internacional, mas logo é tratado com grande cautela pela imprensa, academias e sociedades científicas como visto acima. Dois anos após o ocorrido, sem nenhuma localização exata da fazenda, dos grafismos e do proprietário do local, a “Inscrição Fenícia da Paraíba” ganha ares de fábula e o nome de Ladislau seria, desde então, sempre associado ao episódio lamentoso, do qual mais tarde, ele mesmo assumiria trata-se de fraude. Assim, entre documentos falsos, relatos imaginários e as novas descobertas de vestígios arqueológicos,

Inaugura-se no sec. XIX um novo momento, mais especulativo, no que se refere as observações dos sinais pré-históricos. Ia-se além da mera descrição e figuração dos grafismos. Buscavam-se relações de semelhanças dentro dos painéis e entre painéis. E, principalmente, começavam as indagações acerca das origens daqueles sinais (ROCHA, 1998, p. 14).

Responsável ou não pelo episódio, Ladislau dá início a uma tendência que se estenderia até meados do século XX, “a relação entre sinalação rupestre e povos do médio oriente, ou mesmo de outras regiões do planeta” (ROCHA, 1998, p. 18).

Primórdios do século XX multiplicam-se as notícias sobre os registros rupestres no Brasil, ignorando totalmente a possibilidade de que estes grafismos compunham o *corpus* cultural dos primeiros habitantes da Terra Brasilis. O *modus vivendi* pré-contrato dos indígenas, que aqui estavam bem antes da chegada do europeu, fora completamente negligenciado, cabendo aos registros arqueológicos de natureza gráfica as associações absurdas a civilizações perdidas e culturas mediterrâneas, quando não, os consideravam de natureza alienígena. Alfredo de Carvalho (1915) tece inúmeras críticas as correntes de pensamento que aderem a tais concepções, também Angyone Costa (1949) é ferrenho em sua contrariedade a tese do estrangeirismo dos registros pré-históricos ou mesmo das origens grotescas propostas para os habitantes do Novo Mundo.

Em 1953, o Padre Francisco Lima escreve à revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, um trabalho publicando relatos da presença estrangeira no Brasil a

partir das inscrições reproduzidas por Retumba, Lima ratifica sua postura quanto à autoria dos registros rupestres na Paraíba. Anthero Pereira Junior (1941) chega a ousar em seu trabalho **Notas Sobre Inscrições Lapidares**, propondo organização sistêmica e taxonômica no estudo dos vestígios gráficos, tendo como propósito máximo a capacidade de interpretação dos grafismos. O modelo de estudo idealizado por Anthero se perderia conceitualmente do nicho científico, uma vez que intentava dar significados próprios aos códigos gráficos pré-históricos, mas logrou sorte quando não alienou por inteiro a indústria rupestre dos grupos indígenas. A todo custo o trabalho de Anthero procurou “forçar” a presença de culturas estrangeiras em terras paraibanas, em específico no Monumento do Ingá.

A Pedra do Ingá, relatada em 1756, pelo então funcionário da Coroa Portuguesa, Domingos Monteiro da Rocha e posteriormente por Irineu Pinto, foi convertida em parque de visitação e serve de gancho para reascender as discussões sobre conservação do patrimônio pré-histórico da humanidade e no estado da Paraíba. Anthero lança novas bases quando confere ao indígena a autoria de certos traços, destinados a demarcar territórios, áreas de caça ou lugares rituais. Em artigo **As Itacoatiaras do Ingá** (1944), Clovis Lima propõe a existências de expedições norueguesas pelo Pacífico chegando à América e o iminente autoctonismo do homem americano, propõe também a antiguidade recuada do continente reclamando, portanto, a hereditariedade americana de todas as grandes culturas. Para Clovis a Pedra do Ingá representa o mais alto nível de escrita que existira em aspectos técnicos, rumores de mesma natureza serão utilizados com as peças líticas e com os monumentos naturais e geográficos, entretanto, serão os grafismos os alvos prediletos das fantasias e devaneios populares e acadêmicos.

Em outro extremo teórico, os que defendiam a inércia e incapacidade dos nativos de converter em representação gráfica os traços subjetivos de sua cultura, outorgando o caráter lúdico ao indígena, incapaz e limitado em suas potencialidades criadoras e mentais. “Esse conceito é sintetizado no termo *ludus homini* brandido ferozmente contra os que supunham uma importância maior que o simples desejo de entretenimento por parte dos autores pré-históricos” (ROCHA, 1998, p. 27). Angyone Costa, defensor desta postura, castra do nativo



qualquer possibilidade de representar materialmente o caráter abstrato de sua vida cultural, uma vez que, para Angyone o meio natural circundante a esses indivíduos constituiria fator determinante de suas potencialidades mentais, e os nativos não estariam flexionados a nenhum grande desafio do universo natural, “daí ser a sua produção gráfica simples rabiscos de um ser infantil” (ROCHA, 1998, p. 28).

Contudo, nos é contraditório considerar a penosa tarefa de gravar uma rocha, por vezes poli-la, em locais de difícil acesso, uma simples ação de deleite, diversão ou agradável passatempo. Os defensores do ludismo nativo apontam estes esforços como sinais e marcas muito rudimentares de territorialização, local de culto ou marcadores de caminhos, há ainda quem defenda para estes registros a autoria dos colonos, pioneiros e sertanejos.

Em parecer ao IHGP, Coriolano de Medeiros aponta questões interessantes em discordância às teorias de Angyone, como fato das inscrições gráficas terem sido encontradas no momento da colonização e, portanto, serem anteriores a este evento. A postura de negação do caboclo que nunca assumiu a autoria dos registros e o fato de algumas localidades que abrigaram populações indígenas concentrarem maior número de registros rupestres. A incontestável hereditariedade da prática gráfica contradiz a natureza e o descompromisso do lúdico e leviano.

Independente das conclusões apresentadas pelas duas correntes antagônicas, o fato é que essa discussão manteve viva a atenção sobre os traços pré-históricos brasileiros e paraibanos denotando um vivo interesse pela origem do homem por detrás dos mesmos, ainda diante dos absurdos e ingenuidades inerentes as inferências tornadas publicas (ROCHA, 1998, p. 31).

Destacado nas narrativas de Coriolano de Medeiros e do Cónego Florentino Barbosa, a obra já citada **Indícios de Uma Civilização Antiquíssima** (1994), do potiguar José Azevedo Dantas faz-se trabalho base no estudo dos caminhos percorridos pela arqueologia paraibana. No primeiro levantamento sistemático de sítios rupestres, o autor se abstém das tendências fantasiosas próprias de sua época, e capta do registro rupestre semelhanças

morfológicas, propondo agrupar esses grafismos obedecendo tais critérios. Dantas foi, em muitos aspectos, um visionário dos futuros estudos classificatórios da indústria gráfica e creditou a autoria dos grafismos a "Civilizações Antiquíssimas".

Em visita ao estado da Paraíba, na década de 1960, uma comissão do Instituto de Arqueologia do Brasil organiza um estudo que pretende realizar um levantamento dos sítios rupestres em solo paraibano, a "expedição" conta com a colaboração do Dr. Leon Clerot, estudioso, que logo seria efetivado como membro deste instituto. No rastro dos locais que pudessem fornecer dados arqueológicos e paleontológicos, a pesquisa foi condensada em relatório final contendo informações sobre a disseminação de sítios pré-históricos, no entanto a região que compreende o Alto Sertão Paraibano fora pouco explorada. Trabalho concentrando o mesmo intento, **A Arte Rupestre nos Cariris Velhos** (1979) de Ruth Trindade de Almeida pretendia inicialmente abranger todo o estado da Paraíba, no entanto dificuldades de ordem material e geográfica flexionaram a pesquisadora a delimitar em seu trabalho a microrregião dos Cariris, o estudo se estendeu de 1972 a 1973 e culminou com sua publicação.

O trabalho de levantamento de sítios pré-históricos feito por João Marinho de Morais Neto (1994) começa em solo potiguar desdobrando-se pelo Seridó paraibano, sua pesquisa contempla a distribuição geográfica das Itacoatiaras nas regiões supracitadas, embora não contenha grandes discussões arqueológicas.

Na Paraíba, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba - IPHAP publicou em 2008 uma plaquete sobre sítios arqueológicos na cidade de Santa Luzia - PB. Entidades já citadas, como a Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA) e o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal da Paraíba - UEPB, com a atuação do professor Vanderley de Brito e do pesquisador Juvandi de Souza Santos, tem contribuído com diversos estudos e publicações de material sobre a pré-história paraibana, concentrando sua "área de atuação" nas microrregiões do Cariri e Brejo. O geógrafo Carlos Antônio Belarmino Alves em artigo escrito na obra **Pré-história II: Estudos para a Arqueologia da Paraíba** (2011) aponta que,

Depois de um longo período de latência, as pesquisas sobre arqueologia na Paraíba voltaram a florescer com novos pesquisadores como Prof. Pós doutor em arqueologia, Juvandi de Souza Santos, Vanderley Brito, Thomas Bruno Oliveira dentre outros que fizeram ressurgir tantos os trabalhos científicos quanto o interesse de novos personagens que assegurarão a continuidade dos estudos arqueológicos na Paraíba e no Nordeste (ALVES, 2011, p. 54).

Vanderley de Brito atenta que os registros gráficos paraibanos estão "correlacionados através de linhas mestras estilísticas" (BRITO, 2007, p. 61) e que a evolução do traçado gráfico reflete as distinções étnicas e cronológicas dos nativos paraibanos, indústria que teria seus primeiros indícios no pré-cabraliano. Dados fornecidos pela SPA em 2008 quantificam quase 400 sítios pré-históricos catalogados em território paraibano. Na região do Sertão em localidades como Santa Luzia, São Mamede e Vieirópolis foi detectada a presença de sítios pré-históricos, com especial destaque para o sítio Serra Branca I, localizado em Vieirópolis e pesquisado pelo arqueólogo Paccelli Gurgel, Serra Branca I forneceu a primeira datação radiocarbônica do estado da Paraíba, os vestígios coletados evidenciaram uma antiguidade de 7.600 anos BP.

A carência de estudos arqueológicos que ainda se faz latente no Alto Sertão Paraibano dificulta o estabelecimento das rotas de povoamento pré-histórico, neste caso o elemento natural de ligação entre o Seridó rio-grandense e o Alto Sertão Paraibano, o Rio Piranhas. Somado a proximidade gráfica da sub-tradição Seridó de pintura rupestre ao oeste paraibano que suscitam indagações sobre uma possível dispersão de grupos culturais que gestaram os conjuntos gráficos e seus elementos de difusão até o Sertão da Paraíba.

### 2.3 – A indústria gráfica e seus fantásticos caminhos

A carga de informação cultural, social e biológica da qual cada indivíduo é portador, somado aos restos da cultura material deixados pelos grupos humanos pré-históricos, sinalizam para a pesquisa arqueológica a possibilidade de identificação das vivências e dos processos mentais do homem primitivo. A densa quantidade de vestígios que permaneceu

resguardada em abrigos, sítios e locais que um dia foram habitados ou utilizados sazonalmente pelos nossos ancestrais, evidencia uma série de atividades humanas, dentre as quais, a prática gráfica possibilita um vislumbre da capacidade de abstração, planejamento e complexidade cultural dos grupos humanos. Ao reporta-se a relação homem-natureza nos estágios iniciais da marcha evolutiva, Funari (1988) aponta o papel determinante desta dialética na forma de organização social e produtiva dos nossos “parentes” longínquos, quando cada coletividade irá interagir e desenvolver seu padrão cultural e de sociabilidade de forma particular e de acordo com os recursos que o meio natural venha a impor-lhes. O vestígio será portador de uma ordem existencial biológica, deixando de constituir mero objeto de uso prático para ganhar lugar de sentido e especificidade dentro das atividades grupais, assim, “o objeto, ao entrar no universo humano, parece adquirir autonomia de sua base material sendo em qualquer sociedade carregado de valores simbólicos [...]” (FUNARI, 1998, p. 17).

O nível crescente do fluxo de impressões retidas pelo cérebro humano impeliu o indivíduo a transpor o aspecto material da cultura e elaborar mecanismos de transmissão de informações, alterando o regime de suas atividades e concedendo funções e significados ambíguos a um processo técnico. Os recursos materiais deixam, portanto, de apresentar características prático-funcionais e incorporam condutas subjetivas, donde surgem os primeiros sistemas de captação do nível abstrato do sujeito. O arsenal de vestígios gráficos assume papel crucial na formulação hipotética do passado pré-histórico, cada retalho deste tecido complexo, baliza a possibilidade de conhecer e conjecturar situações que constroem a herança cultural das sociedades primitivas.

De autoria exclusiva da espécie *Homo Sapiens*, a atividade gráfica, conforme Anne-Marie Pessis (2005) teria ocorrido em um lapso de tempo aproximado em todos os locais do mundo e estaria fletida a dois fenômenos simultâneos, que poderiam constituir circunstâncias que justificassem ou impelisses o aparecimento desta atividade:

O processo de acumulação de conteúdos culturais e a migração da espécie para os outros continentes, dois processos decisivos que marcaram o início da

diferenciação cultural e da adaptação ambiental e que serão de importância para a sobrevivência da espécie (PESSIS, 2003, p. 53-54).

Cada grupo cultural se utilizou dos recursos que o meio natural lhe oferecia e articulou o processo de gestão de instrumentos em “cadeias operacionais” de desenvolvimento técnico de modo a viabilizar as adaptações necessárias a manutenção da própria existência grupal. Processualmente a confecção deste instrumental ganharia aperfeiçoamento, reduzindo o tempo de reprodução e conferindo a cada coletivo um *modus* específico de gestar cultura material, constituindo o perfil cultural dos grupos humanos.

Para a pré-história, a indústria gráfica se impõe como vestígio material de valor ambíguo:

Tem a materialidade constituída pelos desenhos, que são os primeiros na história da cultura humana e que fornecem informações sobre como se resolviam os problemas técnicos para atingir um produto gráfico. E também são suporte da dimensão imaterial da cultura, constituída pela temática tratada, pelo que as figuras representam e pelos múltiplos significados que estes registros tiveram para seus autores ao longo de um tempo remoto (PESSIS, 2003, p. 55).

Resultante final de um processo pictórico, cada registro rupestre gravado ou pintado reflete, tanto a dimensão subjetiva, ritualística e abstrata das vivências grupais, podendo indicar mecanismos de manutenção interna das hierarquias sociais, marcadores de memória ou mesmo produto de valor artístico e estético atrelado a outros artifícios funcionais, como constituir indicador das resoluções materiais dos problemas gestados no interior de uma cultura, fornecendo informações do seu perfil e dos problemas enfrentados na luta pela sobrevivência da espécie.

Conforme Pessis (2003), a indústria gráfica atesta a capacidade do indivíduo de projetar e sistematizar previamente determinada ação ou coisa a ser criada, o exercício de distanciamento do sujeito de uma ação terá um intuito de operacionalizá-la e gerar uma “consciência reflexiva” em relação ao outro e suas posturas. Uma representação gráfica equivale sempre a um processo imaginário e possibilita ao indivíduo expor sua identidade

social por meio dos sistemas de significado e das encenações constantes no produto gráfico. A apresentação individual ou grupal do sujeito mediante sua própria espécie é pautada na construção e aperfeiçoamento de uma série de técnicas acumuladas da espécie de origem, tal processo só seria viabilizado por meio do “desenvolvimento do córtex cerebral que os torna capazes de criar uma verdadeira protocultura, que integra e transmite aos outros as inovações de sucesso adotadas para resolver problemas e garantir uma melhor sobrevivência” (PESSIS, 2003, p. 57).

A cultura, conforme aponta Pessis (2003) suscitaria todas as manifestações do indivíduo dentro do ambiente grupal, enquanto mecanismo de reprodução das estruturas peculiares à determinada coletividade, transmitidas e pautadas na reprodução de um modelo grupal. Uma vez incorporado a uma estrutura social, o indivíduo provê a manutenção desse sistema como reflexo de auto reconhecimento, os dispositivos ou marcadores de memória utilizados no reforço e transmissão dos modelos estruturais varia de acordo com os procedimentos técnicos e com os recursos externos que cada coletivo dispõem. A transmissão cultural obedece assim a dois procedimentos, a incorporação de um arsenal comportamental já existente e a inovação diante dos desafios que cada coletivo é submetido, processo que se dá por meio da oralidade, do gesto e da imitação do comportamento e que, em seu *modus* inicial, é efêmera e imediatista.

Quando, em determinado momento, iniciasse a atividade gráfica surge também um novo modelo de técnica capaz de fugir a “fugacidade das representações momentâneas”. Uma vez pintado ou gravado, o suporte rochoso condensa indelevelmente as representações de um grupo cultural. A tarefa que inicialmente obedeceu ao impulso lúdico, logo seria transposta ao nível social, gerando marcadores de memória e immortalizando de forma real ou ritual a palavra dita ou a ação praticada. A encenação gráfica estaria, por sua vez, condicionada a um sistema de signos, códigos e convenções próprias de cada grupo “contribuindo para registrar os conteúdos da memória grupal, sistema de comunicação social essencial à sobrevivência” (PESSIS, 2003, p. 62).

Para Pessis (2003) a base da formação do imaginário humano fora forjado por meio da criação de uma consciência reflexiva, que levou o indivíduo a complexificar suas relações e os questionamentos suscitados na resolução dos problemas existenciais de ordem concreta e material. No intuito de saciar seus anseios, o indivíduo conjecturou, intuiu, convencionou resoluções e criou a ideia de uma entidade superior que pudesse agregar as respostas para os mistérios da condição humana, esta “essência superior” só seria acessada por meio de um conjunto de ritos e simbolismos, processo no qual a ritualística se converteria em estrutura tão cerrada quanto à organicidade ideológica.

Com intuito de conservar e transmitir as informações que foram sendo acumuladas no processo evolutivo, foi-se gestando uma “rede de comunicação” capaz de fixar na memória coletiva a herança cultural dos grupos humanos, que seria sempre recorrente no ato cerimonial, legitimando estruturas hierárquicas e comportamentais, concedendo a uma coletividade pertinência e autoridade em face de outros grupos e aos seus próprios membros. Esta unidade de sentido ritual se tornaria complementar a palavra, e por meio dela convergente, em significado e sentido de seus fins (PESSIS, 2003). A criação de entidades simbólicas e materiais obedeceram ao intuito de conservar a herança cultural dos povos.

Escrita e imagem são produtos especificamente humanos. Postura e gesto ficaram materializados em pinturas rupestres em cenas que representam fases de ações sobre temas diferentes. A palavra, expressando o que não pode ser mostrado, ficou registrada através de signos de morfologia não reconhecível que, com frequência, acompanham um desenho figurativo. Sua significação perdeu-se no tempo com o desaparecimento dos códigos de significação. Códigos que não poderão ser recuperados (PESSIS, 2003, p. 68).

A prática gráfica, conforme aponta o autor, primordialmente voltada ao prazer da realização, do movimento, da ação desenvolvida, requereu de seus autores, planejamento prévio. Ao projetar mentalmente um grafismo, cada etnia fez “escolhas temáticas, de realizações técnicas e de encenações imaginárias [...]” (PESSIS, 2003, p.68), recorrentes ao perfil identitário de cada grupo encenador. Posterior ao planejamento, a execução do ato gráfico acontece de forma a materializar o conteúdo subjetivo por meio de três

componentes: suporte, tinta e instrumento. Uma vez encerrado o prazer lúdico, permanece o conjunto gráfico carregado de função social.

O conjunto de elementos presentes nos grafismos rupestres fornecem, aos “olhos treinados” do pesquisador, indícios e ferramentas de reconhecimento dos grupos autores, até mesmo características individuais do realizador dos grafismos estarão presentes nas peculiaridades estilísticas. A dualidade informativa do registro rupestre é latente, tanto na percepção do observador, quanto na perspectiva contextual do acontecimento gráfico, já que o grafismo se faz resultante de encenações sociais, que carregam em si as condutas e o autoconhecimento da identidade grupal.

É importante mencionar a plurissignificação que assume o produto gráfico, onde o núcleo encenador irá atribuir certa carga de intencionalidades a serem expressas na obra rupestre, partindo sempre de seu contexto e de suas convenções socioculturais. Para o observador, alheio a tal realidade grupal, o *corpus* gráfico será absorvido de maneira distinta, levando em consideração que cada tronco cultural elabora suas significantes e as encena por meio de variáveis múltiplas e íntimas a seu *modus vivendi*. As escolhas gráficas elucidam sempre os “momentos de ação” dos grupos e integram verdadeira rede de comunicação interna e externa à coletividade. “Quando são narrativas, podem ser reconhecidas por qualquer observador; figuras humanas, animais, objetos e vegetais. Essas diferentes temáticas e cenografias são resultado de uma hierarquia concreta de valores” (PESSIS, 2003, p. 69). Pessis deixa clara a grande contribuição que os registros rupestres podem fornecer ao conhecimento das culturas pré-históricas, mas também alerta para a quase impossibilidade de reconhecer o real significado das encenações gráficas. Assim, o estudo da prática gráfica deve orientar-se na identificação das formas, nos aspectos técnicos e temáticos e na apresentação gráfica dos conjuntos pictóricos.

Os mecanismos de manutenção das hierarquias grupais e a própria capacidade de renovar a dominação e legitimar as condutas de poderio frente ao coletivo, constituem núcleo de sustentação e sobrevivência grupal. Os fatores biológicos também privilegiam a conservação do gênero Homo, uma vez que determinaram a importância de certas escolhas



culturais em detrimento dos fatores físicos e anatômico, dando origem a um novo biótipo biológico e cognitivo. Os registros rupestres atestam a particularidade das escolhas humanas, bem como todos os artifícios gestados no provimento das posturas e lugares sociais que delinearam a organicidade dos grupos humanos, fornecendo deles preciosas informações e detalhes de sua intimidade coletiva.

Pessis destaca o papel determinante das especializações individuais como instrumento de controle interno das culturas e a transmissão hereditária dos “lugares de poder”, que se efetivaram por meio das linhagens e da ritualística, lembrando e preservando a estrutura sistêmica.

Esses comportamentos pautados da sociedade humana, ritos de reconhecimento e submissão pelo gesto e pela postura, aparecem claramente não apenas nos temas tratados nas pinturas rupestres, mas na maneira como estão dispostas as figuras no suporte rochoso (PESSIS, 2003, p. 74).

A disposição dos elementos dentro da composição gráfica, a análise das temáticas, as escolhas cenográficas peculiares a cada grupo e as formas de apresentar o produto pictórico, delineiam perfis culturais e técnicos dos registros rupestres, e conseqüentemente, de seus fazedores.

Se os atributos funcionais dos indivíduos lhes conferiram poder e prestígio dentro da hierarquia grupal, muito mais poder seria conferido aos sujeitos capazes de significar os questionamentos advindos da expansão da consciência reflexiva. As novas interrogações da humanidade encontrariam espaço para repouso nas explicações conferidas pelos detentores do poder às dúvidas existenciais e abstratas da jornada da espécie pela sobrevivência. A complexificação das vivências exigiria bem mais que a simplória explicação do início e fim da marcha humana e de sua finita peleja pela vida. Os indivíduos capazes de resolver essas lacunas subjetivas garantiriam seu status superior dentro do núcleo coletivo, sublinhando assim, o conhecimento como ferramenta maior de poder e controle.

As posturas de poder encontrariam no mecanismo ritual eficientes marcadores de memória e auxílio da transmissão da herança coletiva. Os ritos fugazes ensaiados

inicialmente em indivíduos, como a pintura corporal e suas extensões lúdicas, se encerram no aparecimento do produto gráfico rupestre. “Finalmente, aparecem os registros rupestres inserindo a permanência nos registros da gestualidade, transcendendo a contingência temporal e preservando a memória comunitária” (PESSIS, 2003, p. 75).

Pessis aborda com clareza a dimensão mental e cognitiva do ato gráfico, bem como a esfera material e técnica da subjetividade humana, fatores que convergem e dialogam sincronicamente na construção do registro rupestre. Fica evidente que o produto pictórico final é resultado de um esboço mental, que materializado, ganha sentido e finalidade no ambiente grupal. A relação existente entre a realidade social e a realidade sensível do grupo encontra elo de intersecção nas encenações ideológicas e na materialidade do gesto técnico, a partir dos quais emerge o grafismo, elemento “narrativo” das vivências pré-históricas.

Os registros que perduraram através do tempo, resistindo as intempéries naturais e as diversidades de origem antrópica, atestam e refletem a formação de uma sociedade com grau de complexidade e organização, que em suas relações, extrapolou os limites do mundo material. Pessis e Guidon apontam a respeito da intencionalidade desses registros:

São opções privilegiadas no início da cultura, época em que a acumulação de conhecimento sobre a condição humana ira formatando um patrimônio explicativo e cognitivo, que ira definindo as opções que serão priorizadas pelas diferentes etnias (2000, p.136-137).

É evidente que cada comunidade imprimiu particularidades próprias ao seu *modus vivendi* nas construções gráficas, informações muitas vezes generalizadas, mas transmitidas por meio de seus próprios códigos de apresentação gráfica e dos caminhos escolhidos por cada grupo cultural.

Infelizmente as reais razões que moveram a realização dessas gravuras, assim como seus significados dentro das coletividades em que foram gestadas, se perderam nas dobras do tempo junto com a extinção de seus autores, ao arqueólogo cabe equilibrar-se nas tênues linhas que separam a conjectura hipótese dos devaneios e fantasias interpretativas, muitas das vezes anacronicamente esboçadas. Alguns trabalhos, como o do arqueólogo Richard

Leakey (1997) apontam a possível relação dos registros gráficos com a linguagem falada ou a necessidade do uso simultâneo de ambas para a construção do ritual, momento no qual seriam gestados os registros rupestres.

## 2.4 – Nas trilhas de quem rabiscava

O processo de desdobramento das aptidões tecnológicas e culturais da espécie humana proto-cromagno, que teve seus auspícios a cerca de 100.000 anos, deu vazão ao surgimento da indústria parietal e mobilar, de onde se extraíram informações sobre o *modus vivendi e operandi* das culturas pré-históricas. A reconstrução desses processos vivenciais seria assolada pelas imprecisões contidas no próprio vestígio arqueológico, enquanto instancia lacunar e fragmento de uma operação social coesa e complexa.

Novos climas, novos recursos alimentares, inimigos naturais e pressões demográficas, os levaram a mudar seus hábitos. As respostas não foram sempre iguais, mesmo em circunstâncias semelhantes. Dai o perigo de extrapolar e generalizar comportamentos (PESSIS, 2006, p. 197).

As respostas ao desafio da sobrevivência humana estabeleceram uma necessidade dialética entre os conhecimentos grupais, a capacidade de improvisação e o impulso criativo, natural do Homo Sapiens. Essas alternativas a sobrevivência melhoraram as condições de vida e estabeleceram posturas e valores sociais, adotados e transmitidos pelas células grupais. O estudo contextual dos registros gráficos possibilitou a ampliação do quadro de informações sobre as culturas pré-históricas. As deficiências e fragilidades dos grupos humanos encontraram consolo e solução no mundo simbólico, num processo de explicação fetichista.

Os conjuntos gráficos encontrados em todo o Brasil exortam a existência de uma indústria gráfica milenar, com requinte técnico e complexidade subjetiva. Apesar de ter sofrido severo preconceito etnocêntrico, quando comparadas às manifestações rupestres da

Europa, sob o prisma das ideias estéticas<sup>11</sup>, a indústria gráfica do Brasil mostrou quão inútil resultam estas associações. Em contraponto a comparações estereis do ponto de vista científico, torna-se de evidente relevância a atividade gráfica como reguladora de funções sociais, seja pelo nível de desenvolvimento técnico, seja pelo grau de complexidade que assumiu no âmbito relacional dos diversos grupos humanos que as gestaram, “[...] formatando um patrimônio explicativo e cognitivo, que irá definindo as opções que serão padronizadas pelas diferentes etnias” (PESSIS e GUIDON, 2000, p. 137).

De todos os vestígios da cultura material deixados pelo homem pré-histórico, os registros rupestres impactam por sua beleza, técnica, complexidade e por seu caráter narrativo, ora enigmático e desafiador. Impossível posicionar-se diante de um painel rupestre e não questionar seu suposto “significado” ou sua “função e finalidade” social. Em todo o território brasileiro as pesquisas arqueológicas desvendam uma infinidade de vestígios gráficos, que evidenciam não somente a passagem do homem pré-histórico, com cronologias que desafiam as datas de povoamento estabelecidas para o continente americano e suas possíveis rotas, como aponta para o modo de viver, adaptar-se e lidar com os desafios em ambientes inóspitos e arredios.

A maior concentração de sítios contendo registros rupestres no Brasil localiza-se no Nordeste, estes vestígios relacionados ao universo espiritual e social dos grupos pré-históricos, permite “[...] distinguir diferentes códigos gráficos que caracterizam etnias pertencentes a um tronco cultural de origem comum, que passaram por transformações culturais o que se manifesta através de aspectos temáticos, técnicos e cenográficos” (PESSIS, 2000, p. 138). O corpus gráfico existente em solo brasileiro atesta a inconfundível herança cultural deixada pelos grupos humanos que habitaram nestas terras antes da chegada do europeu, dando provas de quão rica e criativa era a cultura do povo indígena e de seus antecessores.

Já em fins do século XVIII as publicações sobre as pinturas e gravuras rupestres do Nordeste brasileiro, foram assoladas pelas mais fantasiosas tentativas de interpretação.

---

<sup>11</sup> Há de se levantar a questão do estreito vínculo assumido entre o estético e o artístico com a dimensão material do ofício em pré-história.

Somente em 1970, com a descoberta da área arqueológica<sup>12</sup> de São Raimundo Nonato, no Piauí, a arqueóloga Niède Guidon deu início a configuração das pesquisas sistemáticas de levantamento e classificação dos sítios arqueológicos contidos nesta localidade, partindo de uma metodologia que buscou integrar o registro rupestre ao contexto do sítios em suas múltiplas variantes, vinculando-os as suas etnias autoras.

O maior impulso de sistematização e análise dos registros gráficos foi realizada pela arqueóloga Anne-Marie Pessis. Em artigo publicado em 1994, faz um paralelo entre as duas principais linhas de estudo do registro parietal e suas particularidades analíticas. Na abordagem clássica, a complexidade estética dos grafismos é utilizada para medir o estágio de desenvolvimento cultural dos grupos humanos, os registros gráficos são utilizados como variáveis de estudo independentes. No âmbito das cronologias, predomina a atemporalidade dos registros, devido às dificuldades de datação, considerando a totalidade do painel como produto gráfico final e negligenciando a cadeia processual de construção do vestígio e as implicações do ato gráfico. O enfoque clássico pretende buscar a universalização no estudo das interpretações, dos significados, ignorando as variações dos significantes, neste modelo é notável a produção de extensos inventários descritivos acompanhados de relatórios escritos, que dão origem as possíveis classificações do tipo morfológico, ancoradas nas similaridades e no grau de complexidade dos registros. Sua metodologia exclui a relação com outras ciências e por isso “sua contribuição se limita a um componente técnico que se adiciona como informação complementar” (PESSIS, 1994, p. 285).

A abordagem arqueológica conforme Pessis, coloca o registro gráfico como componente da pesquisa pré-histórica, cuja natureza vestigial se faz tão válida quanto qualquer outra instância da cultura material. O registro gráfico devidamente abordado fornecerá ao arqueólogo informações e hipóteses de valor real à pesquisa. No âmbito temporal, o conjunto gráfico será fragmentado em diversas etapas ou unidades gráficas que serão, por sua vez, associadas a cronologias distintas, esses exemplos de análises podem

---

<sup>12</sup> Entende-se por área arqueológica, a categoria de entrada para pesquisa, situada dentro de uma unidade ecológica que congrega características geo-ambientais comuns (MARTIN, 2005, p. 89).

utilizar como parâmetros as categorias temáticas, cenográficas e técnicas, não somente os métodos de datação direta.

Na perspectiva arqueológica, o real significado dos registros perdeu-se no tempo com a extinção das etnias autoras que detinham o conhecimento dos códigos de comunicação. É possível intentar conjecturas, que pouca valia terão na pesquisa arqueológica. Mesmo que possam ser reconhecidos significados universais comuns à espécie humana, as limitações existentes no campo de estudo dos significados dos registros gráficos conduz a uma categoria de estudo que privilegia a análise dos significantes<sup>13</sup>, instâncias da vida grupal que englobam o campo das “representações que envolvem posturas, gestos ou emblemas voluntariamente construídos” (PESSIS, 1994, p. 286).

O levantamento dos sítios privilegia o registro visual e procura obedecer com fidelidade à realidade do contexto arqueológico. A interpretação, na abordagem arqueológica, realiza-se na procura das identidades gráficas obtidas dos perfis de cada conjunto arqueológico, quanto maior o número de sítios, mais viável torna-se a segregação de seus registros rupestres. Uma vez estabelecidas às identidades gráficas de uma área arqueológica, serão também determinadas suas autorias sociais.

As duas categorias de análise do registro gráfico abordadas por Pessis, discutem de forma distinta a ideia de identidade cultural, enquanto vestígio da cultural material atrelado a um discurso que lhe confere valor simbólico. A dimensão temporal, com o “tempo técnico” que o gravador utilizou na realização do registro, põe em consideração o intervalo dedicado ao trabalho de gravar/pintar que ocupou lugar de atividade outra, fatores ainda como o nível de complexidade e aprimoramento são indicadores da importância social do registro rupestre.

---

<sup>13</sup> “A análise do significante é realizada com a finalidade de estabelecer perfis gráficos para cada sítio, que serão estabelecidos segundo os aspectos: tecnológico, temático, e cenográfico. Estes perfis são portanto estabelecidos em cronologias hipotéticas e constituem o instrumento da análise gráfica” (PESSIS, 1994, p. 287).

## CAPÍTULO III

### EMBATES CIENTÍFICOS: AS FACES DA INDÚSTRIA GRÁFICA

#### 3.1 – Registro rupestre: discursos e abordagens

O estudo do registro rupestre como forma de arte, quando se entende arte do ponto de vista meramente estético, causa acirradas discordâncias, uma vez que o arqueólogo não pode/deve ignorar a dimensão artística da obra rupestre e que os historiadores da arte devem levar em consideração que, na pré-história da humanidade todas as atividades realizadas estiveram relacionadas à difícil tarefa de sobreviver, de forma que o lúdico ganha conotação funcional e prática dentro dos grupos sociais.

O arqueólogo não poderá ignorar os registros rupestres na sua dimensão estética, considerando-se a habilidade manual e o poder de abstração e de invenção que levaram o homem a usar recursos técnicos e operativos nas representações pictóricas pré-históricas. Por muito que o arqueólogo queira inibir-se da valorização estética do registro rupestre, procurando utilizá-lo apenas como uma parte do contexto arqueológico, como ser humano sensível aos estímulos estéticos do seu entorno, valorizará também o seu conteúdo “artístico” (MARTIN, 2005, p. 231).

Fica evidente ao analisar um painel gráfico, partindo do esforço de gravar em uma rocha dura e em condições íngremes, que esse fenômeno assumiria dentro das sociedades um papel de complexidade crescente, do qual não devemos negligenciar o esteticismo, que se tão diferenciada da surpreendente técnica pictural da pré-história europeia<sup>14</sup>, será não menos bela, particular e relevante. Discutindo a inegável dualidade estético-funcional do registro gráfico, Martin menciona:

---

<sup>14</sup> A partir das surpreendentes pinturas encontradas na gruta Lascaux, na França, convencionou-se a prática de avaliar os padrões de desenvolvimento cultural dos grupos humanos baseados nos conceitos estéticos de seus registros rupestres. Postura etnocêntrica adotada pela sociedade ocidental e que negligencia as diversas particularidades em que cada registro gráfico fora gestado (PESSIS e GUIDON, 2000, p.136).

O pintor que retratou nas rochas os fatos mais relevantes de sua existência, tinha, indubitavelmente um conceito estético do seu mundo e da sua circunstância. A intenção prática da sua pintura podia ser diversificada, variando desde a magia ao desejo de historiar a vida do seu grupo, porém, de qualquer forma, o pintor certamente desejava que o desenho fosse “belo” segundo seus próprios padrões estéticos (2005, p.240).

Deixando claro que o desejo do homem de perpetuar suas praticas e costumes, antecedido pela palavra, encontra na pratica pictural um aliado concreto, que ao remeter aos padrões estéticos ressalta a magnitude do evento registrado.

Pessis e Guidon colocam de forma interessante a relação entre registro rupestre e criação estética, quando abordam a concepção de que ofício e arte se imiscuíam.

Assim, em épocas pré-históricas os processos de realização, trabalho e qualidade estão estreitamente vinculados aos da inspiração, entendida como a dimensão criativa da obra, sua concepção e o estabelecimento de novas relações entre os componentes da mesma (2000, p.137).

Entendendo que as manifestações culturais obedeciam as necessidades de sobrevivência grupal, abarcando e ultrapassando o apelo lúdico e estético do produto gráfico.

O registro rupestre sendo uma das variáveis dentro do conjunto de vestígios pré-históricos permite ao pesquisador acessar o mundo simbólico e mítico dos grupos humanos, mas sua função não se restringe ao plano subjetivo. A indústria gráfica, segundo Pessis (2003), deve ser analisada do prisma da comunicação, como uma pré-escrita, responsável pela manutenção do *corpus* informacional que gestou as estratégias de sobrevivência do homem na pré-história e integrou o acervo de conhecimentos culturais de suas gerações futuras, permitindo fixar e melhorar sua indústria técnica.

A contextualização das informações extraídas da pesquisa arqueológica, combinada às análises das demais instâncias da atividade humana levantadas na pesquisa em sítio



permite conhecer o perfil dos grupos autores destas manifestações. O cuidado com a coleta e análise dos dados deve ponderar o fato de que muitos registros

[...] foram pintados ou gravados, sem que as condições de permanência no local ou a escolha seletiva de rochas ao longo dos cursos d'água, ofereçam condições de se obter vestígios de cultura material factíveis de relacionamento seguro com os registros (MARTIN, 2005, p. 232).

Com a chegada da missão franco-brasileira em São Raimundo Nonato - PI, na década de 1970, surgiram os primeiros esforços de estudo e sistematização dos grafismos rupestres do Nordeste brasileiro. Na ausência de dados contextuais que pudessem servir de base à pesquisa deste conjunto arqueológico, as classificações foram inicialmente organizadas de modo referencial, separando as pinturas das gravuras e organizando-as em classes gerais, as Tradições. Com o decorrer das pesquisas<sup>15</sup> foi possível revisar e ampliar o sistema de classificação dos grafismos.

Nome de destaque no estudo dos registros gráficos, Anne-Marie Pessis alerta para a importância de trabalhar com os grafismos rupestres dentro da pesquisa contextual do sítio arqueológico, apontando a negligência de muitos pesquisadores na elaboração de explicações infundadas para a natureza e funcionalidade do produto pictórico, correndo em absurdos científicos como a associação do vestígio, em seu caráter estético, ao grau de desenvolvimento cultural dos grupos autores.

O produto gráfico assim entendido como forma de comunicação social, deverá integrar outras dimensões do fenômeno humano, esta relação possibilitará o levantamento das características e dos perfis gráficos pertinentes a cada coletividade que o gestou. Uma vez segregado o *corpus* gráfico, torna-se necessário adotar os parâmetros e procedimentos que darão condições de segregar as diversas identidades gráficas.

---

<sup>15</sup> O atual panorama das pesquisas em São Raimundo Nonato – PI aponta para a descoberta de mais de 700 sítios arqueológicos, dos quais 590 apresentam registros pintados (GUIDON, 2006, p. 228-235).

### 3.2 – Taxonomia dos registros gráficos

O surgimento da indústria gráfica aconteceu num mesmo lapso temporal em todos os continentes. No Brasil, mais especificamente no Sertão nordestino, os registros gráficos impressionam por sua expressividade e riqueza técnica, evidenciando as aptidões humanas na representação do imaginário e das práticas grupais. Com avanço das pesquisas foram descobertas várias outras regiões com grande concentração de grafismos, no que Martin e Guidon denominaram de “províncias arqueológicas”, dentre as quais podemos citar os Parques Nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões no sudeste do Piauí; a região do Seridó, fronteira entre o Rio Grande do Norte e Paraíba; a Chapada Diamantina, Bahia, Cariri paraibano e algumas localidades do Pernambuco.

Como categoria de entrada do sistema classificatório, Anne-Marie Pessis utilizou a técnica de realização do registro, levando em consideração que cada técnica de realização dos grafismos carrega suas particularidades culturais. Em um segundo momento, foi utilizado o critério de reconhecimento, quando o registro oferecia a possibilidade de identificar elementos do mundo sensível. Foram assim segregadas as pinturas e gravuras identificáveis, dos registros não reconhecíveis (PESSIS, 1992), sendo a maioria dos vestígios gravados de caráter não identificável. Ficaram estabelecidas então, três classes de registros pintados e uma classe de gravuras, a essas divisões Pessis designou de Tradições<sup>16</sup>.

A taxonomia dos registros gráficos no Nordeste passou então a ser cientificamente esquematizada. A Tradição Nordeste, abarcando grande parte dos grafismos reconhecíveis e grafismos puros<sup>17</sup>, elucidaria as encenações das práticas grupais, como caça, cenas de sexo ou rituais, a percepção do movimento e ludicidade são características desta tradição de pinturas essencialmente narrativa. Na Tradição Agreste, predominam nas pinturas os

---

<sup>16</sup> Entenda-se Tradição como terminologia que referência às identidades de caráter geral dentro dos troncos culturais.

<sup>17</sup> O termo grafismo designa “qualquer desenho unitário no conjunto pictural rupestre” (MARTIN, 2005, p. 236). As categorias de grafismos estão agrupadas em: grafismos puros, quando o registro gravado ou pintado não pode ser reconhecido; grafismos de composição, que são as formas de figuras reconhecíveis; e os grafismos de ação, onde são integradas as cenas que envolvem as duas categorias anteriormente citadas.

grafismos reconhecíveis, em sua grande maioria, figuras humanas estáticas e de grande porte, é comum encontrarem figuras agreste sobrepostas aos painéis Nordeste.

A Tradição Geométrica engloba pinturas representando os grafismos puros, via de regra, figuras simples e esquematizadas. Em último caso, a Tradição Itacoatiara de gravuras rupestre, que em raros casos possibilita a identificação das unidades gravadas.

No estabelecimento das classificações preliminares, procurou-se identificar os grandes grupos gráficos que foram hipoteticamente assimilados a diferentes grupos culturais, e que teriam sido concebidos em períodos cronológicos diferentes de produção (PESSIS, 1992, p. 46).

Utilizadas como indicadores na segregação dos registros rupestres, as três dimensões do fenômeno gráfico: técnica, temática e apresentação gráfica fornecem informações do caminho percorrido até a gestação do produto gráfico. A dimensão material dá conta dos recursos técnicos utilizados pelo grupo que realizou a grafismo, variável fundamental no estudo das gravuras, já que, pela falta de reconhecimento, fornecerá o maior volume de informações para os registros gravados. A temática do grafismo diz respeito às escolhas realizadas pelos autores dos registros, podendo sofrer variações de acordo com as vivências de cada grupo cultural. A apresentação gráfica dos registros pictóricos reflete os costumes e padrões de comportamento social encenados nos grafismos rupestres. Em casos específicos, alguns “[...] arranjos gráficos, nos quais é possível se reconhecer o que representam os componentes, porém, não é possível reconhecer o tema da ação representada” (PESSIS, 1992, p. 49) são encontrados com certa regularidade nas composições gráficas da Tradição Nordeste, a estes registros denominamos de grafismos emblemáticos.

Derivadas das diferenças na apresentação gráfica de um tema e na localidade em que os registros foram realizados, as sub-tradições configuram os elementos de extensão e diversificação dentro de uma tradição. As diferenças na apresentação gráfica nas sub-tradições apontam um estágio de maior complexidade gráfica e refletem um momento diferente da prática pictórica, podendo ocorrer no interior de uma mesma etnia.

No interior das tradições ou das sub-tradições emergem diferentes estilos gráficos, refletindo as particularidades no domínio da técnica e da apresentação gráfica. Os estilos, devidamente inseridos em seu contexto arqueológico e posicionados no âmbito cronológico, adquirem grande utilidade na análise dos registros rupestres. Os distintos níveis estilísticos correspondem a momentos cronológicos diferentes onde “salientam-se diferenças o que abre um espaço para uma diversificação sempre crescente” (PESSIS, 1992, p. 53). Essas classificações tem a função de sistematizar a pesquisa arqueológica, mas não devem se tornar dogmáticas ou imutáveis.

### 3.3 – Tradições rupestres no Nordeste: movimento e narratividade dos registros gráficos

Dominante nos registros gráficos do sudeste piauiense, a Tradição Nordeste de pintura rupestre surge a cerca de 12.000 anos e desaparece por volta dos 7.000 a 6.000 anos BP. Característica básica desta tradição, as figuras reconhecíveis pintadas no suporte rochoso evidenciam ações e práticas que fornecem grande volume de informações da vida material e espiritual dos grupos humanos autores destes registros. A preocupação com a técnica de realização dos grafismos, a possibilidade de identificação das temáticas encenadas conferem um caráter narrativo a esta tradição. A repetida utilização de elementos ou composições não reconhecíveis dentro da cena gráfica configuram marcadores de memória emblemáticos, acessíveis apenas aos membros do grupo que conhecem os códigos de comunicação. Os resultados das escavações indicam a presença de outros registros pictóricos anteriores a Tradição Nordeste, cuja escassez de vestígios não permite classificá-los ou deles obter maiores informações, a simplicidade dos traços, bem como os vestígios de óxido de ferro encontrado em escavações aponta a existência de uma prática gráfica que já existia há 29.000 anos BP.

Atualmente acredita-se que a Tradição Nordeste tenha irradiado do sudeste piauiense em três direções de expansão, do Vale do São Francisco até Sergipe, da Chapada Diamantina até a área Central da Bahia e para a região do Seridó potiguar donde migrou

para a Paraíba. Em cada uma dessas regiões os grafismos Nordeste apresentam características distintas na apresentação gráfica e nas temáticas escolhidas, fruto provavelmente das mudanças que o meio geográfico e os novos questionamentos existenciais condicionaram. Essas diferenças originaram várias sub-tradições dentro do tronco cultural Nordeste e, por conseguinte, os complexos estilísticos dentro dessas sub-tradições representariam os diferentes momentos gráficos “reflexo de uma evolução lenta e contínua” (GUIDON, 1989, p. 8) que agregou e modificou características estilísticas à prática gráfica. Em termos esquemáticos a Tradição Nordeste pode ser visualizada no gráfico 1.

Os limites da Tradição Nordeste se alargaram ao passo que as pesquisas se expandiram, contudo, o conhecimento fragmentário dos conjuntos arqueológicos escondem extensões e informações dos grupos Nordeste ainda inimagináveis (MARTIN, 2005, p. 270).

| <b>GRÁFICO 1 GRÁFICO 1 – BRITO, 2009; GUIDON, 1989; MARTIN, 1987, 1989, 1994, 2003, 2005; PESSIS, 1989, 1992, 1994.</b>                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Tradição Nordeste</b> - Grafismos de caráter narrativo. Figuras humanas de pequeno tamanho, sempre sugerindo movimento, realizadas com grande variedade de temas representando a vida cotidiana, a caça, a luta e a dimensão cerimonial. Presença frequente de formas antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos. Antiguidade de aproximadamente 12.000 anos.</p> | <p><b>Sub-Tradição Várzea Grande (PI)</b> - Dividida em três momentos: 1- Representações com grande ludicidade e mobilidade de formas. 2- Acontece em torno de 8.000 anos, temáticas mais complexas e aumento dos adornos. 3 - Formas mais rígidas e tendência ao geometrismo.</p>                                                                      | <p><b>Estilo Serra da Capivara</b> - Datada de 12.000 anos, a explosão de movimento e ação é característica fundamental deste estilo de pinturas.</p>                                                                                                                 |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | <p><b>Sub-Tradição Seridó (RN/PB)</b> - Representação de elementos novos, próprios do habitat natural dos grupos Seridó, mantendo a presença elementos e temáticas típicas da tradição de origem. Levas migratórias para a região seridoense por volta de 9.000 anos BP, de onde penetraria a Paraíba com representações gráficas já diferenciadas.</p> | <p><b>Estilo Serra Branca</b> - Aparece por volta de 9.000 anos. Período de transformações estilísticas, ocorrência de variações no tamanho do desenho, utilização de traços curvilíneos e desenhos com formas arredondadas.</p>                                      |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p><b>Estilo Serra da Capivara II</b> - Momento inicial da sub-tradição Seridó, presença de figuras agitadas e grande ludicidade nos movimentos. As cronologias iniciais datam de 9.000a 8.000 anos BP.</p>                                                           |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p><b>Estilo Carnaúba</b> - Segunda fase pictórica dos grupos Seridó. Presença constante de grafismos emblemáticos, figuras antropomorfos de perfil com traço expressionista, os “cabeça de caju”, representação maciça de “pirogas”.</p>                             |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p><b>Estilo Cerro Corá</b> - Pinturas realizadas sob grandes blocos arredondados de granito com proximidade dos cursos d’água. Representação de antropomorfos semelhantes e enfileirados associados à figura central de tamanho diferenciado das demais figuras.</p> |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | <p><b>Sub-Tradição Central (BA)</b> - Registros localizados no sertão Baiano e Chapada Diamantina. A qualidade do traço, movimento das figuras, tamanho dos grafismos são características que asseguram o pertencimento desses registros ao tronco Nordeste.</p>                                                                                        | -                                                                                                                                                                                                                                                                     |

Diferenciada da Tradição Nordeste no aspecto morfológico e na técnica de realização, as figuras da Tradição Agreste se encontram, via de regra, superpostas aos painéis Nordeste. A representação de um antropomorfo de grande dimensão, estático, de aspecto rudimentar e descuidado constitui indicativo emblemático dos grupos Agreste. Esta tradição já realizava seu trabalho pictural por volta de 9.000 anos AP, as figuras Agreste constituem intrusões isoladas e seus autores não seriam originários do Parque Nacional Serra da Capivara, suas origens estariam na região do Vale do São Francisco e no estado do Pernambuco, de onde se difundiu para o restante do Nordeste brasileiro. O gráfico 2 elucida as classificações para a Tradição Agreste de pinturas.

Martin (2005) salienta que as sub-tradições propostas para as pinturas do tipo Agreste, foram determinadas apenas pelo fator geográfico, com o intuito de estabelecer um roteiro desses registros pelo Nordeste, uma vez que, a segregação das sub-tradições deve abranger o levantamento cuidadoso de um conjunto de sítios arqueológicos e englobar fatores como o tipo de suporte, características dos grafismos e recursos técnicos utilizados na construção do produto gráfico. Os últimos registros dos painéis Agreste datam de aproximadamente 2.000 anos BP, assinalando seu desaparecimento.

A Tradição Geométrica compreende uma classe provisória de pinturas de caráter não reconhecível. Os grafismos puros que integram esta tradição possuem distinções técnicas e morfológicas e estão presentes em vários painéis da Tradição Nordeste e Agreste, em alguns casos de maneira dominante. A falta de indicadores que permitam filiar os diversos conjuntos gráficos da Tradição Geométrica a um único tronco cultural levou Gabriela Martin a questionar a categoria de “tradição” desses grafismos. “Parece-me mais oportuno e menos arriscado falar de variedades, tipos ou tendências geométricas do desenho dentro das tradições já delimitadas, que se identificam como representativas de grupos étnicos” (MARTIN, 2005, p. 287-288). Martin critica ainda o modismo arqueológico que agrega todos os grafismos puros, que não se encaixam em outras tradições, a Tradição Geométrica. Comentam-se ainda a existência de tradições astronômicas representativas de corpos celestes, para figuras do tipo arredondado e que não são incluídas na Tradição Geométrica.

| <b>GRÁFICO 2 – BRITO, 2009; GUIDON, 1989; MARTIN, 1987, 1989, 1994, 2003, 2005; PESSIS, 1989, 1992, 1994.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Tradição Agreste</b> - Figuras reconhecíveis de grande dimensão, estáticas e isoladas, raramente constituem cenas narrativas. Negligência no processo de feitura e acabamento dos grafismos, estes registros causam impacto visual pela mancha gráfica no painel, formando intrusões isoladas e, por vezes, superpostas aos painéis Nordeste. Os registros Agreste são, possivelmente, originários da região do rio São Francisco, no Pernambuco, teriam aparecido por volta de 9.000 anos BP e acabado há 2.000 anos BP.</p> | <p><b>Sub-tradição Cariris Velhos (PB/PE)</b> - Localizados numa ampla área que se estende do sul da Paraíba ao Nordeste de Pernambuco. Os registros localizam-se em matacões arredondados de granito, nas rochas mais brandas, vales e encostas de serras e também sobre o arenito nos brejos e várzeas. Os sítios desta sub-tradição apresentam indícios de ocupação humana, com estruturas que indicam habitat com recursos necessários a vivência de grupos humanos. A presença de grafismos puros bem elaborados levou a segregar uma possível variedade de grafismos “geométrica elaborada”.</p>                                                                                                                                                                                                                              |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | <p><b>Tradição Agreste (PI)</b> – De início Guidon (1983) estabeleceu dois possíveis estilos ou mesmo sub-tradições para os registros Agreste: Serra do Tapuio, definido por traços grosseiros, imprecisão, irregularidade, descuido e falta de dinamismos nos grafismos; estilo Extrema, representando marcas de mãos, indicando verdadeiros carimbos gráficos. Com o desenvolver das pesquisas Guidon e Pessis (1992) segregaram as pinturas Agreste em dois momentos cronológicos, subclasses ou mesmo sub-tradições: Inicialmente os registros que teria aparecido por volta de 9.000 anos BP caracterizando elemento intrusivo dos painéis Nordeste, com antropomorfos isolados e um segundo momento, há cerca de 5.000 anos BP, onde teria ultrapassado cronologicamente a Tradição Nordeste, ligada a grupos ceramistas.</p> |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | <p><b>Sub-tradição Apodi (RN)</b> - Inclui os registros localizados na bacia Apodi-Mossoró, com ênfase para os grafismos do Lajedo da Soledade. Dominância de grafismos puros com linhas sinuosas e arredondadas, antropomorfos e outras formas típicas da Tradição Agreste. Na região do Seridó também se localizam registros de “tendência agrestoide”, grafismos puros não reconhecíveis superpostos aos painéis Nordeste, o que confirmaria uma antiguidade mais recente dos grupos Agreste também na região do Seridó.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | <p><b>Sub-tradição Sobradinho (BA)</b> - Repetição dos grafismos emblemáticos, mantendo a semelhança na morfologia e feitura dos grafismos, contrariando o fator determinante das sub-tradições, o posicionamento geográfico, que modificaria e adicionaria novos elementos aos registros. Nesta sub-tradição também incluímos, além das pinturas de Central – BA, os registros Agreste da Chapada Diamantina.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |



A confusão de definições se estende ao campo da nomenclatura, onde os grafismos da Tradição Geométrica podem ainda ser mencionados como abstratos, simbólicos, esquemáticos ou geométricos. Um fator indiscutível atestado pela Tradição Geométrica é a tendência do ser humano ao abstrato, ao simbolismo como via para alcançar as respostas das lacunas ou explicar questionamentos que a jornada pela sobrevivência lhes impôs.

### 3.4 – Gravado na rocha: Tradição Itacoatiara na Paraíba

De todos os vestígios da indústria gráfica pré-histórica, as gravuras são, sem dúvida, os mais intrigantes produtos rupestres que tem alimentado as fantasias de pesquisadores e amadores nas páginas dos longos relatos deixados. Além de constituírem “os vestígios mais antigos das manifestações gráficas” (PESSIS, 2002, p. 30), as gravuras se destacam das pinturas por sua condição de realização, pela demanda de um maior esforço físico, pelo emprego de instrumentos apropriados à realização do ato gráfico, pela escolha do suporte e pela necessidade em se apropriar de outros procedimentos que viabilizariam a execução dos registros.

As diferenças de caráter técnico e operacional resultaram em produtos gráficos distintos. Em sua grande maioria, de conteúdo não reconhecível, os registros gravados contribuem muito singelamente com informações de caráter temático, de apresentação gráfica ou com componentes morfológicos reconhecíveis, impulsionando o pesquisador a debruçar-se sobre as características técnicas de realização do gravado e os instrumentos empregados na feitura do registro. Em contraponto à utilização dos abrigos sob rocha pelos autores das pinturas, os gravadores deram preferência a base rochosa dos abrigos ou sobre os afloramentos rochosos, onde imprimiram as marcas de sua trajetória psicocultural.

Pessis alerta que a escolha dos recursos técnicos utilizados na realização das gravuras, não consistiu em escolhas aleatórias ou de cunho imediatista. Uma vez que o conhecimento dos grupos pré-históricos era cumulativo e transmitido às gerações

posteriores, cada instrumento lítico era usado com perfeito domínio e precisão. Deve-se levar em consideração que, o maior esforço físico, demanda de energia na construção da gravura e a qualidade do produto gráfico evidenciam outras possibilidades para o registro arqueológico. É provável que o “trabalho” empregado na realização da gravura poderá integrar outros sentidos dentro da esfera ritual e social. A sequência postural e gestual do ato de gravar, a escolha do suporte, o contexto ambiental que irá abrigar o registro, a exposição ao sol e a água, a posição do gravador frente ao painel são indicadores do processo que viabiliza a “montagem” do conjunto rupestre e que fornece informações das estratégias de realização da gravura (PESSIS, 2003).

Rocha (1998) aborda de forma interessante o contraponto entre a carga de significados intrínseca ao ato gráfico, por excelência subjetivo, e a dimensão material dos grafismos.

Se entendemos o homem como animal que abstrai, o arqueólogo não pode se dar ao luxo de buscar somente o fruto dessas abstrações, ou seja, o que foi poupado de sua cultura material. O resgate desses traços tem sua razão de ser, se tomados como ponte para o conhecimento do comportamento primitivo em todas as suas instâncias (GURGEL, 1998, p. 87).

O equilíbrio científico entre estas duas variáveis, atuantes na construção do produto pictórico, segundo o autor, se encontra entre o trabalho de levantamento descritivo dos registros e a tendência conjectural.

Presentes em todo o território brasileiro, as gravuras são frequentemente encontradas nos leitos dos rios, riachos, cursos d'água e fontes sazonais. “Esta tendência aparece dominante não apenas com as características hídricas de hoje, mas também se pode observar nos vestígios de antigos cursos d'água do paleoambiente, sugerindo que se trata de uma escolha muito antiga” (PESSIS, 2002, p. 34).

Os registros gravados, conhecidos no Nordeste brasileiro como Itacoatiaras, termo tupi que equivale a pedras pintadas, estão agrupadas em uma única tradição de mesmo nome. “Seria, porém, mais apropriado estabelecer tradições de Itaquatiaras, atendendo-se à enorme variedade dos grafismos que apresentam e às técnicas empregadas no gravado da pedra” (MARTIN, 2005, p. 291). O aspecto dominante das

Itacoatiaras nordestinas é a presença maciça de grafismos puros na composição dos painéis, com algumas poucas figuras antropomorfas, zoomorfas e fitomorfas<sup>18</sup>. A difícil identificação dos limites do traço gráfico suscita a questão da delimitação das unidades gráficas dentro do painel rupestre.

Pessis (1987) explica que o caráter primário e simplista das formas gravadas são aspectos da própria natureza humana que se conectam a evolução da capacidade de abstração do indivíduo, daí mencionamos a universalidade das gravuras, fenômeno que aparece em várias partes do mundo.

A dificuldade em se estabelecer cronologias ou mesmo associar as Itacoatiaras a outros restos de cultura material, torna ainda mais intrigante e desafiador o estudo dessas gravuras. A permanente presença das Itacoatiaras nos cursos d'água conduz a afirmação de que estes grafismos constituiriam um culto as águas, prováveis representações de astros também são comuns e remetem a cultos cosmogônicos a entidades da natureza e do firmamento. Verificam-se também gravuras recorrentes em quase todos os petroglifos, marcas de pés, mãos e figuras que se assemelham a lagartos, é evidente que o real significado destes registros seria apenas alcançado pelos indivíduos pertencentes aos grupos humanos que os gestaram ou aos iniciados na prática gráfica. A este respeito Martin (2005) menciona o interesse de eruditos, amadores, aventureiros, curiosos e pseudocientistas na internacionalmente conhecida Itacoatiara do Ingá, atribuindo-lhe origens e significados fantasiosos e alienados ao contexto científico e arqueológico deste conjunto gráfico.

Dos primeiros registros de Jose Anthero Pereira Junior atribuindo possíveis significados a Pedra do Ingá e comparando-a a desenhos encontrados na Ilha da Pascoa, depois considerada como possível “escrita sumérica, cretense, hitita, egípcia” (BRITO, 2009, p. 50) à defesa do autoctonismo americano, onde os grafismos de Ingá assumiria papel de possível escrita ideográfica desses indivíduos, toda sorte de alucinações e conjecturas infundadas já se abatera sobre estes registros, a ponto das origens da Pedra do Ingá ser atribuída a alienígenas. A pesquisadora Gabriela Martin (2005) alerta para possível intencionalidade hermética na realização das gravuras, salientando que o

---

<sup>18</sup> Entenda-se por figuras antropomorfas as formas se assemelham ao homem, figuras zoomorfas constituem as representações da fauna e as formas fitomorfas remetem a flora.

caráter ritual dos grafismos só seria conhecido aos iniciados em magia. A singularidade técnica, estilística e morfológica do petróglifo ingaense se espalhou por todo o meio científico.

A verdade é que os grafismos de Ingá não oferecem nenhuma explicação fácil e lógica e é até possível que a sua finalidade fosse precisamente essa e que, através dos séculos, estejam conseguindo seu propósito o autor ou autores dos petróglifos. A magia não é permitida a todos. O seu grande poder reside, exatamente, no mistério. Somente alguns sabem o significado de grafismos, que, sem dúvida, têm um significado, mas somente os iniciados o conhecem (MARTIN, 2005, p. 296-298).

As gravuras Itacoatiaras elucidam o universo simbólico e a capacidade de abstrair conhecimento dos grupos culturais autores, onde o prazer do lúdico pode ser facilmente dirimido na desgastante tarefa de gravar em rochas duras e irregulares, sob as pressões do meio e com instrumentos específicos e por vezes grosseiros ao manuseio, destoa ainda da perspectiva do efêmero prazer em gravar, a dificultosa e laboriosa tarefa de repetir o mesmo símbolo em diversos painéis rupestres, o que conduz a lógica da permanência das ideias elucidando situações que aconteceriam repetidas vezes. O caráter quase que atemporal das gravuras aplica-se ao fato de serem realizadas através de incisões na rocha, ao contrário da pintura possui maior resistência aos agentes destrutivos antrópicos ou ambientais.

Pessis define gravura como “produto resultante da ação de fazer voluntariamente incisões ou marcas sobre um suporte de qualquer natureza, mediante a utilização de instrumentos, escolhidos na natureza ou feitos para esta finalidade” (PESSIS, 2002, p. 44). De características bastante peculiares, os registros gravados foram estudados secundariamente, mesmo em se tratando de vestígios de natureza mais antiga que as pinturas, foram postergados a segundo plano pelo caráter não reconhecível de suas figuras. A mais antiga datação obtida de um registro gravado, fora um fragmento de tíbia de elefante encontrado na Alemanha, contendo duas retas paralelas realizadas pela mão humana e posicionadas cronologicamente entre 350.000 anos a 250.000 anos BP.

Assim como as pinturas, as gravuras constituem os sistemas de comunicação formados por elementos gráficos que caracterizam os padrões de apresentação social dos grupos humanos que os gestaram (Pessis, 2002, p. 30). Por integrarem uma

categoria vestigial de comunicação não oferecem significado completo, mas quando integrados as esferas verbal e gestual tornam-se produto comunicativo com significado único.

A Tradição Itacoatiara engloba os registros gravados realizados sobre blocos isolados ou sobre os solos dos abrigos sob rocha de todo o Nordeste brasileiro. Dentro dos painéis gravados, os padrões de identificação das unidades gráficas não reconhecíveis utilizados foram os critérios morfológicos, onde os traços e espaços justapostos formaram indicadores de separação das unidades gráficas. Procedimento comumente utilizado quando os grafismos são predominantemente não reconhecíveis<sup>19</sup>. No caso das gravuras em que o caráter não reconhecível é a regra dos painéis rupestres essa divisão tornou-se ainda mais delicada.

Quando os grafismos não reconhecíveis estão associados a figuras de possível identificação, torna-se mais fácil a diferenciação das unidades gráficas, justo pela delimitação da gravura reconhecível, poderá ainda se proceder à identificação dos grafismos puros, por sua presença frequente nos painéis. A análise técnica dos diferentes perfis das gravuras inseridas no painel pode fornecer características culturais específicas e importantes no trabalho de padronização. A escolha do suporte rochoso depende bastante das condições geológicas ofertadas pelo entorno do sítio. “As rochas de granito e calcário parecem ser preferencialmente escolhidas, embora existam também gravuras feitas em arenito, em especial quando aparecem em abrigos sob rocha” (PESSIS, 2002, p. 33). Há casos ainda, em que as pinturas e gravuras estão associadas em um mesmo painel, o que nem sempre indicará uma única autoria desses grafismos.

Ao abordar a técnica de realização das gravuras rupestres, Anne-Marie Pessis (2002) aponta a importância de caracterizar o conjunto da cadeia operacional, que teve como resultante o painel gráfico. Assim, cada ação incidida sobre o suporte rochoso resultou em um procedimento técnico, que compôs o perfil gráfico do grupo que realizou o “trabalho” rupestre. Pessis propõe a análise de quatro fatores na constituição do produto gráfico: a matéria prima, suporte onde se realiza a gravura, que dependerá

---

<sup>19</sup> Na identificação dos grafismos, o elemento reconhecível permite identificação dos elementos do mundo sensível e os grafismos não reconhecíveis, na determinação das unidades gráficas, não possibilita qualquer associação identificável.

das opções oferecidas pelo meio. Dentro das possibilidades disponíveis, o realizador irá definir onde gravar, esta escolha é resultante das variáveis ambientais e culturais. Faz-se importante ainda, a identificação prévia do tipo de rocha utilizada e informações como suas propriedades de heterogeneidade, grau de dureza de sua matéria, localização e características ambientais do entorno que abriga o painel. Essas informações possibilitarão estabelecer as cadeias operacionais de realização e economia de energia obtidas no processo de feitura do grafismo, o maior labor físico, no caso dos registros gravados, deixa implícitas as diferenças de intencionalidade e finalidade das gravuras.

Em um segundo momento, Pessis discute o preparo dos instrumentos necessários ao ato de gravar. A dureza do instrumento lítico utilizado deverá ser maior que a do suporte, e seu preparo deverão atender a necessidade do produto gráfico que se queira alcançar. De fundamental relevância, as aptidões técnicas do gravador servirão para beneficiar o trabalho gráfico utilizando as peculiaridades da rocha.

As sequências gestuais e posturais desenvolvidas ao longo da realização do ato gráfico apontam os mecanismos de gestão de energia e a consequente experiência técnica do gravador. Quem realiza a gravura se deparará com dificuldades, sejam elas as irregularidades do próprio suporte rochoso ou da técnica disponível. As técnicas de realização das gravuras resultam em diferentes procedimentos e resultados gráficos. As gravuras realizadas por meio “de pequenos impactos contínuos feitos com instrumento com ponta” (PESSIS, 2002, p. 36), serão englobados na técnica de picotagem. Outras gravuras serão obtidas por meio de “[...] fendas realizadas com impactos de inclinação diagonal sobre o suporte, utilizando técnicas de lascamento lítico, que permite delimitar uma superfície de gravura maior” (PESSIS, 2002, p. 36). Utilizando-se da técnica de raspagem a fenda poderá ser aprofundada por efeitos abrasivos ou por polimento. As escolhas técnicas utilizadas na feitura do grafismo são resultado de conhecimentos aprimorados com a prática ao longo do tempo e cujas escolhas mais apropriadas foram incorporadas pelos grupos culturais.

As condições de realização dos registros gravados, que demandam um esforço maior que as pinturas, sugerem a possibilidade da existência de outros objetivos, além da finalidade do registro. É uma prática que pode integrar-se numa única unidade de ação, o registro social e o cumprimento dos requisitos de um rito evocativo (PESSIS, 2002, p. 36).

Um problema comum às pinturas e gravuras é a dificuldade de datação desses registros. Quando a gravura for realizada em objeto mobilar ou sobre algum bloco despreendido do suporte rochoso, a datação das camadas de sedimento pode oferecer uma referência temporal, que nem sempre será compatível com a realização da gravura. A proposta de oferecer posicionamento cronológico relativo dos registros por meio da superposição dos grafismos propõe que os registros realizados em primeiro plano no painel, tem uma antiguidade maior que os registros superpostos aos primeiros, hipótese duvidosa, uma vez que a superposição dos grafismos poderia indicar prática intencional na realização do ato gráfico. Com base ainda na evolução estilística, pesquisadores propõe distinguir “momentos” cronológicos sucessivos para os grafismos.

Gabriela Martin (2003, p.18) ao discutir as fronteiras estilísticas e culturais da área arqueológica do Seridó (RN/PB), enumera as gravuras rupestres como terceiro horizonte gráfico desta região, segregando estes registros em dois estilos distintos, seja pela técnica de elaboração ou mesmo pela escolha dos suportes e dos sítios. A sub-tradição Ingá

Com sítios situados sempre ao longo de cursos d'água, com grafismos de tendência curva e complexa, pontos e pequenas formas circulares gravadas ordenadamente e que dão a impressão de linhas de contagem, denso preenchimento dos painéis com aproveitamento da maior parte do espaço disponível e tendência ao horror vacui. A densidade dos traços é também um caracterizador desses conjuntos gráficos (MARTIN, 2005, p. 18).

Outro estilo presente nos abrigos apresentaria característica particular de prévia preparação do suporte, raspado ou alisado e a curiosa prática de colocação de uma camada de tinta vermelha sobre a qual serão executadas as gravuras, em alguns casos, esses grafismos aparecem intrusivos em abrigos do estilo Carnaúba (MARTIN, 2003).

Trabalhos orientados e publicados pelas arqueólogas Anne-Marie Pessis e Gabriela Martin abrem discursões interessantes sobre o estudo das gravuras, antes relegadas em segundo plano. O estudo de Raoni Bernardo Maranhão Valle (2003) discute os aspectos técnicos e cenográficos das Itacoatiaras concentradas na região arqueológica de Carnaúba dos Dantas - RN, Acari - RN, Jardim do Seridó - RN e Picuí -

PB. O trabalho de Valle propõe a análise das Itacoatiaras como fenômeno linguístico, reconhecendo que a

Unidade de significação (signo) assume uma materialização gráfica e no que concerne ao registro rupestre como um todo, o plano do significado está inexoravelmente perdido. Além disso, para as gravuras pré-históricas nordestinas, o plano do significante, embora perceptível, não nos é cognitivamente identificável (VALLE, 2003, p. 493).

Conforme aponta Valle, em se tratando das Itacoatiaras, o caráter não reconhecível desses registros tem dificultado sua filiação as autorias culturais ou mesmo a segregação das identidades gráficas.

O pesquisador Valdeci dos Santos Júnior (2008) realizou uma análise das técnicas de execução dos registros gravados no Rio Grande do Norte, seu estudo aponta semelhanças com as gravuras encontradas em solo paraibano, como a proximidade a cursos d'água e a escolha dos suportes. Júnior identifica cinco técnicas de execução na elaboração do gravado: a raspagem simples, consistindo no contato superficial e atritante entre duas superfícies; a raspagem simples com posterior polimento, onde após a raspagem será realizado ato abrasivo na superfície gravada com areia e água, aumentando a profundidade do sulco; picotagem simples realizada por impactos contínuos realizados com instrumento com ponta; raspagem simples com posterior colocação de pinturas e picotagem com posterior polimento. Das técnicas elencadas por Júnior, a raspagem simples constitui técnica de execução dominante nos sítios pesquisados.

Constitui também empecilho no estudo das gravuras, o péssimo estado de conservação dos registros, os processos de intemperismo, desertificação e outras alterações climáticas que têm provocado dilatações e contrações nas rochas gravadas. A ação antrópica vem destruindo vários registros por meio de pichações ou da depredação dos painéis para o uso da rocha em finalidades outras, estas lastimáveis práticas tem condenado ao desconhecido grande parte dos registros gráficos no Nordeste brasileiro. Descobertas recentes e o melhoramento dos processos de datação tem permitido extrair dos registros gravados maiores informações, que indicam, por exemplo, um maior recuo cronológico da prática gráfica. As gravuras por constituírem incisões realizadas na



rocha se conservaram melhor ao longo dos anos, sua peculiar e dificultosa tarefa de execução sugere objetivos prático-funcionais dentro dos grupos humanos, sua capacidade de conservação e longevidade permitiria sua ampla utilização como marcadores mnemotécnicos, e seu caráter simbólico e hermético que se faz presente há 250.000 anos BP se torna expressão de um saber misterioso que permitira ao indivíduo sobreviver.

## CAPÍTULO IV

### ITACOATIARAS: GRAVURAS DO SITIO PAU DE LEITE DE POMBAL – PB

#### 4.1 – Considerando questões interpretativas

Para que possamos adentrar no estudo específico das gravuras analisadas neste trabalho, faz-se necessário discutirmos antes a polêmica questão interpretativa no estudo da indústria gráfica. Até onde é prudente e cientificamente aceitável ao pesquisador debruçar-se sobre o significado destas imagens?

Ao se deparar com um painel pintado ou gravado, a primeira ação do sujeito concentra-se em definir algum traço de identificação familiar aos códigos de comunicação que são comuns a sociedade na qual está inserido. Em outras palavras, busca-se interpretar usando as noções de significado, lógica e sentido próprias de sua coletividade.

No estudo dos registros de natureza gráfica, a interpretação constitui sempre o último nível da pesquisa e possui caráter delicado e diverso. Pessis (1984), ao elaborar o processo de análise dos registros rupestres do sudeste do Piauí, segregou quatro níveis de estudo. O nível morfológico corresponde à área pintada ou gravada do suporte. Nela devem-se analisar as formas representadas no traçado; o nível cenográfico – sendo este o primeiro nível interpretativo – diz respeito ao que é mostrado, no caso dos registros que possibilitam reconhecimento; o nível hipotético – segundo nível de interpretação – reconhece os indícios do que é mostrado, técnica de realização, suporte, o sítio e seu entorno; nível conjectural – último “momento” da interpretação – tratará das suposições, plenamente contestáveis, construídas pelo pesquisador acerca das razões que moveram a realização do registro gráfico em questão e de sua significância dentro da coletividade que o gestou.

Pessis trabalha, no sentido prático da pesquisa, com a possibilidade do reconhecimento, onde os grafismos puros – registros que não permitem identificação – podem figurar isolados ou em associação com os grafismos reconhecíveis. No caso das

composições contendo ambos os registros, pode ser provável que as formas se complementem em sentido e finalidade e para os painéis que contém os conjuntos gráficos “puros”, busca-se distinguir as unidades gráficas dos registros, já que não podemos estabelecer suas unidades de significação. Inicialmente, a autora considera o conjunto do painel, com a distribuição dos traços e os espaços vazios entre eles, como categoria de entrada das unidades gráficas, não sendo pertinente ao pesquisador segregar esses registros levando em consideração a mera continuidade do traço, as semelhanças com as formas geométricas, as analogias com figuras do mundo sensível ou mesmos os espaços que segregam os traços, uma vez que estes possam conter tanto valor de significação quanto o próprio traçado, de modo que todo painel compõe um único grafismo puro.

No caso do estudo de um sítio contendo mais de um painel em sua totalidade gráfica, torna-se possível observar a existência de traçados de configuração idêntica em mais de um painel podendo constituir então, dois ou mais grafismos puros nos registros pesquisados.

Para os grafismos que permitem identificação, Pessis designa de grafismo reconhecido, aqueles que permitem uma distinção imediata e grafismo reconhecível, para as formas cujo reconhecimento é problemático, mas que o pesquisador dispõe de elementos suficientes para identificá-lo, mesmo de forma imprecisa, sendo interpretados por constatação no nível hipotético. Em se tratando dos grafismos reconhecíveis, o estudo se orienta no sentido microcenográfico – elementos constantes no painel – e macrocenográfico – o corpus rupestre incluindo todas as informações do meio em que está inserido o conjunto gráfico.

O arqueólogo Paulo Seda (1997) defenderá a contextualização como questão central para a pesquisa em arte rupestre, sendo a ato de interpretar, neste âmbito, secundário. Ao se reportar ao estudo da indústria gráfica no Brasil, menciona

Na sua primeira fase percebe-se uma acentuada preocupação em descrever as obras e autenticar a sua antigüidade; posteriormente, nota-se uma ênfase nas interpretações e hoje, no nosso entender, o grande objetivo do estudo seria procurar a sua vinculação à cultura e ao cotidiano das populações pré-históricas (1997, p. 139-140).

Estas etapas contradizem o curso da pesquisa que, para o autor, deverá ter a interpretação sempre como última instância e congregar a síntese de todos os dados coletados no decorrer dos estudos.

Seda diverge das posições de Pessis e Guidon sobre a questão da interpretação em arte rupestre. Para as arqueólogas, a interpretação consistiria, respectivamente, no reconhecimento que faria o pesquisador de determinado registro em relação ao seu próprio universo cultural (Pessis, 1983) e o reconhecimento das representações materiais encontradas nos grafismos rupestres (Guidon, 1981/2). Seda, por sua vez, afirma que a interpretação baseada no universo cultural do pesquisador seria, na realidade, uma especulação, do mesmo modo que a identificação morfológica não sugere uma interpretação, já que tem, antes de tudo, uma conotação classificatória.

O autor é claro quando afirma que, interpretar consiste em buscar os motivos que estariam implícitos numa obra gráfica, o significado e a função social que moveram sua realização em um dado espaço-temporal, “[...] intuir aquilo que está por trás das formas, do mostrado, os motivos que moviam os artistas pré-históricos” (SEDA, 1997, p. 141). Estas respostas deverão convergir do diálogo entre todos os dados coletados na pesquisa.

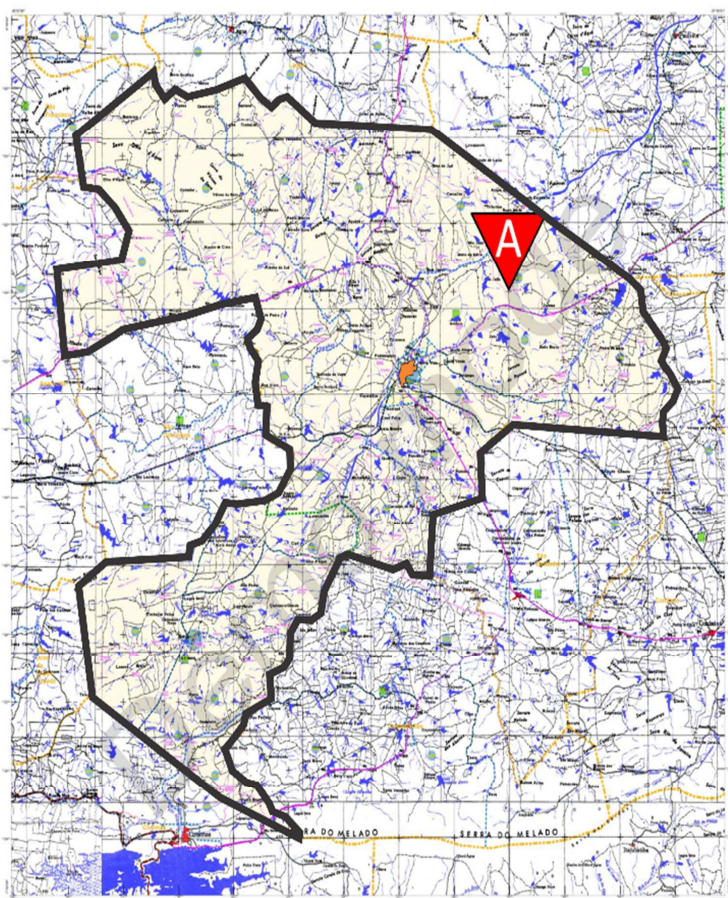
Quanto aos quatro níveis de interpretação propostos por Pessis, Seda considera apenas os níveis hipotético e conjectural como integrantes do processo interpretativo, e ressalta que a hipótese poderá constituir somente “um momento” da interpretação que, quando aprofundado, conduz ao caminho conjectural, ambos, processos dialéticos dependentes dos dados coletados e analisados durante a pesquisa.

Para este autor, tão importante quanto a análise da morfologia das unidades gráficas constantes no painel, será o conjunto das etapas pesquisadas, desde a coleta dos vestígios materiais e dos registros gráficos até as correlações etnográficas estabelecidas ao longo dos estudos. O pesquisador, na visão de Seda, deverá manter seu “[...] espírito aberto, sem idéias pré-concebidas [...]” (1997, p. 162), na busca incansável pela reconstrução contextual dos registros gráficos.

Muito embora as ideias dos três pesquisadores pontuem questões importantes e centrais acerca da interpretação dos grafismos rupestres, a inegável impossibilidade de captar os flashes de memória e as condições de realização das gravuras do sítio Pau de Leite, no estudo em questão, nos leva a concordar com as considerações de Seda. O conjunto de informações coletadas no decorrer da pesquisa parece ser o caminho mais indicado para ousar atingir qualquer finalidade de significado para desses registros. Munidas ou não de sentidos, o conjunto gráfico abaixo retratado, carrega em sua própria existência a marca incontestável, abstrata e simbólica da presença do homem pré-histórico na região do Alto Sertão paraibano.

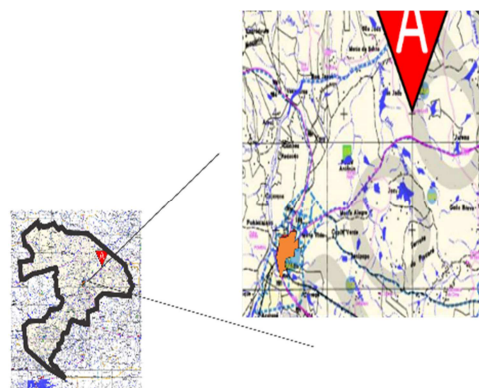
#### 4.2 – Situando os registros gráficos do sítio Pau de leite

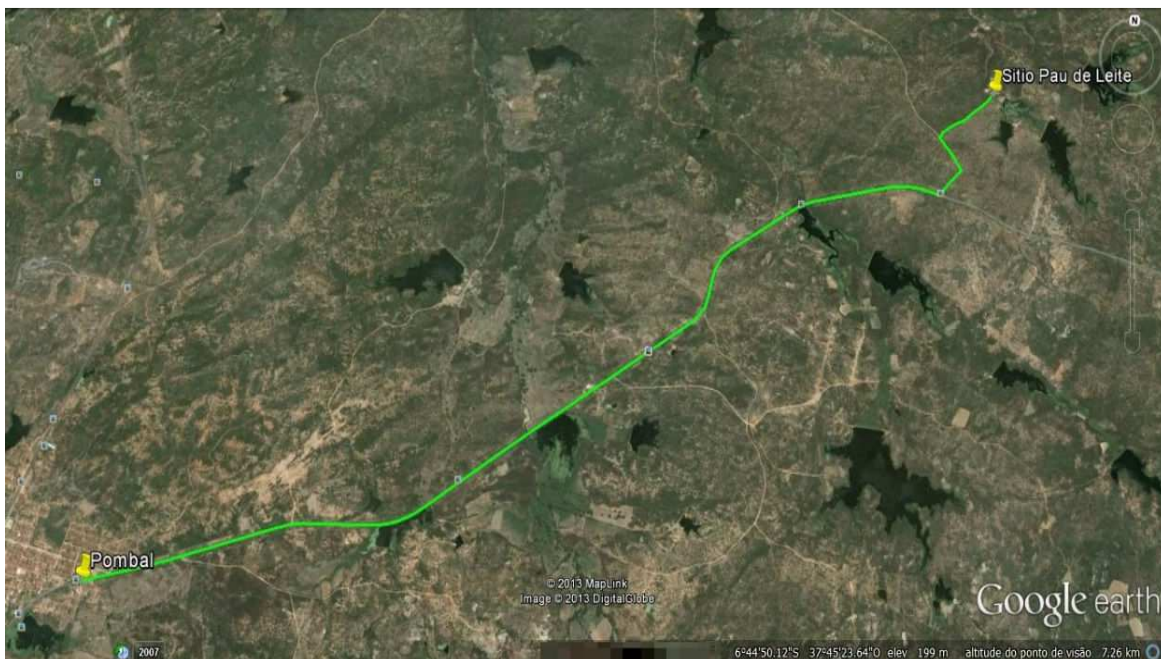
É na zona rural do município de Pombal – PB, localizado no Alto Sertão da Paraíba e banhado pela bacia hidrográfica do Rio Piranhas, entre a sub-bacia do Rio Piancó e a região do Alto Piranhas, que nos deparamos com a presença de gravuras rupestres na localidade conhecida como Sitio Pau de Leite (**MAPA 1-IBGE e MAPA 2-GOOGLE SATELITE**), distando da zona urbana cerca 7,2 km e tendo acesso pela rodovia BR 427, sentido 6°44'50.12" de latitude Sul e 37°45'23.64" de longitude Oeste.



**MAPA 1 – IBGE,  
censo demográfico 2010**

No **ponto A** podemos observar a localização exata onde está inserido o conjunto gráfico do Sitio Pau de Leite.





**Mapa 2 – Imagens capturadas pelo Google satélite, 2013**

O conjunto gráfico do sitio Pau de Leite<sup>20</sup> é formado de três painéis profusamente gravados com grande quantidade de Itacoatiaras, os registros se encontram sobre extensos lajedos graníticos, localizados a céu aberto. Para realização do trabalho de levantamento catalográfico destes registros foram utilizadas escalas em tamanhos de 30cm e 20cm de comprimento.

---

<sup>20</sup> Todas as imagens do conjunto gráfico do sitio Pau de Leite utilizadas neste trabalho pertencem ao arquivo pessoal de sua autora e foram capturadas em 2013.



**Painel A - Foto 1 – Plano de visão geral do suporte gravado (Acervo pessoal, 2013)**



**Painel B - Foto 1 – Plano de visão geral do suporte gravado (Acervo pessoal, 2013)**





**Painel B - Foto 3 – Plano de visão geral do suporte gravado (Acervo pessoal, 2013)**



**Painel C - Foto 2 – Plano de visão geral do suporte gravado (Acervo pessoal, 2013)**

O corpus gráfico do sítio Pau de Leite encontra-se em franco estado de degradação, decorrente dos elementos naturais a que estão expostos os vestígios, muitas das gravuras encontram-se quase que imperceptíveis devido ao desgaste e descamação da rocha, consistindo apenas em marcas claras sobre o lajedo, a ação antrópica, por meio de pichações, da quebra de partes da rocha para finalidades de uso e a sobreposição de parte das gravuras por cimento, condenam estes registros ao desaparecimento breve. Neste contexto, grande quantidade de Itacoatiaras já se perdeu ou foram destruídas. Como de costume, próximo aos painéis localiza-se um pequeno córrego de águas periódicas que, em sua época de latência não chega a atingir os grafismos.

A identificação das unidades gráficas torna-se tarefa laboriosa pelo caráter não reconhecível dos grafismos, principalmente no que tange a morfologia e a temática tratada nos símbolos representados, portanto, nós utilizamos o princípio da continuidade do traçado estabelecido por Anne-Marie Pessis (2002, p. 31) para prover os limites de cada unidade gravada. Segundo aponta Raoni Bernardo Maranhão Valle (2003, p. 495),

Em situações onde não possam ser identificadas unidades isoladas, todo o conjunto de traços e espaços proporcionalmente intercalados assinalados num agenciamento inclusivo, ganham valor de unidade hipotética e passam a ser denominadas áreas de concentração gráfica.

Devemos ainda atentar que as tênues linhas desgastadas, no caso de alguns registros, se interrompem para depois voltarem a continuidade do gravado, não sabendo o observador se por intencionalidade do autor(es) ou por degradação do rochedo.

Composto de três painéis gravados, que condicionaremos chamar de Painel A, primeiro suporte que nos deparamos ao chegar ao sítio Pau de Leite, medindo aproximadamente 58 metros de comprimento, 14 metros de largura e 84 centímetros de altura; o Painel B com medidas aproximadas de 15 metros de comprimento, 11 metros de largura e 78 centímetros de altura; e o Painel C obtendo 40 metros de comprimento, 22 metros de largura e 1,05 centímetros de altura. O direcionamento das medidas, as larguras foram obtidas no sentido Norte-Sul e o comprimento no sentido Leste-Oeste,

este conjunto gráfico apresenta morfologia e técnica de realização das gravuras semelhantes em todos os painéis.

Da técnica de realização das gravuras do sítio Pau de Leite, a raspagem simples foi utilizada na maior parte das gravuras, consistindo em ranhuras superficiais de baixo relevo e pouca profundidade, um número bem reduzido de gravuras foi realizado por picotagem e algumas receberam polimento interno (**Painel C - Foto 16**). A raspagem, simples constituiu a técnica de realização dominante para os casos de registros gravados em lajedos e formações rochosas rentes ao solo (JUNIOR, 2008, p. 85). Já para Vanderley de Brito (2009) as gravuras do sítio Pau de Leite estariam inseridas dentro da modalidade de variação técnica “monocrômica”, Brito (2009, p. 81) explica que,

É uma técnica que produz gravuras muito superficiais, destacando-se apenas pela cor que contrasta com a do suporte natural, cuja exposição às intempéries é relativamente mais antiga do que as incisões em rocha rejuvenescida a picão. Os sulcos aprofundam-se até aproximadamente 4mm na rocha, em canais de 1,2cm de largura. Podem ter sido mais profundas quando realizadas e tenham perdido profundidade expostas às intempéries e efeitos térmicos, pois esta técnica é aplicada no piso horizontal de extensos lajedos.



**Painel C - Foto 16 – Gravuras realizadas com a técnica de raspagem simples  
(Acervo pessoal, 2013)**

#### 4.3 – Conjunto gráfico do sitio Pau de Leite com representações de circunferências (Acervo pessoal, 2013)

As características do traçado nas Itacoatiaras do Pau de Leite são de traços fechados retilíneos ou curvilíneos com contornos simples, as formas predominantes indicam representações de circunferências ou totalmente arredondadas ou ovalais, algumas delas radiadas e/ou cortadas ao meio por um segmento de reta<sup>21</sup>.

**Painel A - Foto 4**



**Painel A - Foto 5**



**Painel A - Foto 22**



**Painel A - Foto 25**

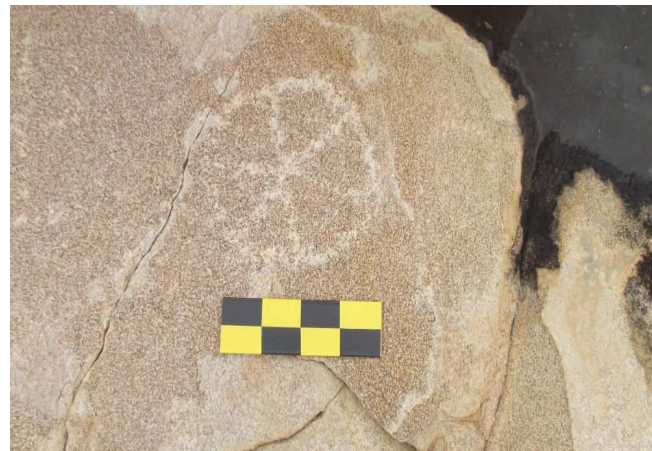


<sup>21</sup> Outras Itacoatiaras do sitio Pau de Leite com essa morfologia podem ser vistas nos anexos (Painel A - Foto 13, 32, 44; Painel B - Foto 7, 8, 33, 46, 50, 69; Painel C - Foto 4, 32, 35, 47).

**Painel A - Foto 38**



**Painel B - Foto 4**



**Painel B - Foto 11**



**Painel B - Foto 31**



**Painel B - Foto 34**



**Painel B - Foto 44**



**Painel C - Foto 22****Painel C - Foto 24****Painel C - Foto 29****Painel C - Foto 38**

#### 4.4 – Conjunto gráfico do sitio Pau de Leite com representações de quadrados e retângulos

Quadrados e retângulos gradeados ou penteformes podem ser encontrados também com certa frequência nos três painéis incisos na rocha<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Ver também as demais imagens em anexo: Painel A - **Foto 2, 11, 20**; Painel B - **Foto 60, 65**; Painel C - **Foto 27, 28**.

**Painel A - Foto 7**



**Painel A - Foto 30**



**Painel A - Foto 3**



**Painel A - Foto 47**



**Painel A - Foto 64**



**Painel B - Foto 6**



**Painel B - Foto 15**



**Painel B - Foto 35**



**Painel C - Foto 30**



**Painel C - Foto 13**



**Painel C - Foto 31**



**Painel C - Foto 41**





#### 4.5 – Representação de cúpules

Dois conjuntos de pontilhados ou cúpules foram identificados apenas no painel C, alguns pesquisadores especulam que estas formas poderiam se tratar de uma técnica de afiar os próprios instrumentos com os quais também se realizariam as gravuras.

Um detalhe importante, relacionado à cúpules, é a sua intencionalidade pelo autor que pode conter diversos significados enquanto representação rupestre em forma de abstração. Mas também em alguns casos poderia ser fruto de uma utilidade prática que nada tem a ver com o mundo das ideias, como por exemplo, a confecção e o afiamento das lâminas (gumes) (SANTOS JR, 2009, p. 87).

**Painel C – Foto 21**



**Painel C - Foto 25**



#### 4.6 – Possíveis representações de antropomorfos

As representações que lembram figuras humanas estão presentes nos três suportes, embora em pequeno número, algumas dessas formas não oferecem traços de identificação suficientes para que possamos afirmar tratar-se realmente de representações de antropomorfos. É latente ainda a ausência de adornos, apenas a Foto 20 do painel B representa um antropomorfo com a posição dos braços diferenciada das demais, indicando certo movimento, em três dessas representações conseguimos, com certo receio, identificar o elemento fálico (Painel B - **Foto 20 e 47**; Painel C - **Foto 20**).

**Painel B - Foto 18**



**Painel B - Foto 20**



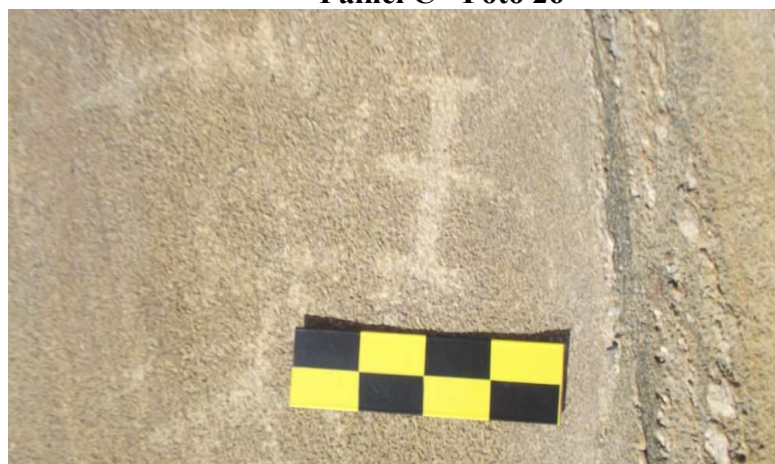
**Painel B - Foto 47**



**Painel C - Foto 20**



**Painel C - Foto 26**



A identificação de um possível zoomorfo, cuja morfologia nos remete a répteis como lagartixas (*Hemidactylus frenatus*), comuns nesta região, fora constatada no Painel B, no Painel C também encontramos uma possível forma zoomorfa, mas não conseguimos identificar com precisão de que animal se trataria a representação.

**Painel B - Foto 42 – Possível representação de zoomorfo (Lagarto)**



**Painel C - Foto 10 – Grafismo que remete a uma forma animal, contudo não oferece características suficientes de identificação.**



#### 4.7 – Formas que remetem a corpos celestes, assinalando possíveis representações de estrelas isoladas ou em conjunto

As formas que se assemelham a corpos celestes, isoladas ou em conjunto, estão presentes de forma bastante frequente e profusa nos três conjuntos gráficos do sitio Pau de Leite. Itacoatiaras com essa morfologia constituem dominante em quase todos os painéis de gravura até então encontrados, levantando discussões a respeito dos conhecimentos e dos questionamentos que moveram os homens da pré-história a gravar esses símbolos tantas vezes em um mesmo painel ou mesmo em realizações gráficas diversas.

**Painel A - Foto 8**



**Painel A - Foto 17**



**Painel A - Foto 28**



**Painel A - Foto 61**



**Painel B - Foto 43**



**Painel C - Foto 12**



**Painel C - Foto 42****Painel C - Foto 46****Painel C - Foto 48**

#### 4.8 – Representações de partes do corpo humano (mãos e pés)

Representações de partes do corpo humano, mãos e pés, estão curiosamente presentes em grande parte dos painéis de Itacoatiaras, constituindo um marcador emblemático desta modalidade de gravura (PESSIS, 2002: p. 32).

**Painel A - Foto 40**



**Painel A - Foto 49**



**Painel A - Foto 60**



**Painel B - Foto 37**



**Painel B - Foto 68**



#### 4.9 – Outras gravuras de morfologias visualmente apelativas são encontradas nos três painéis

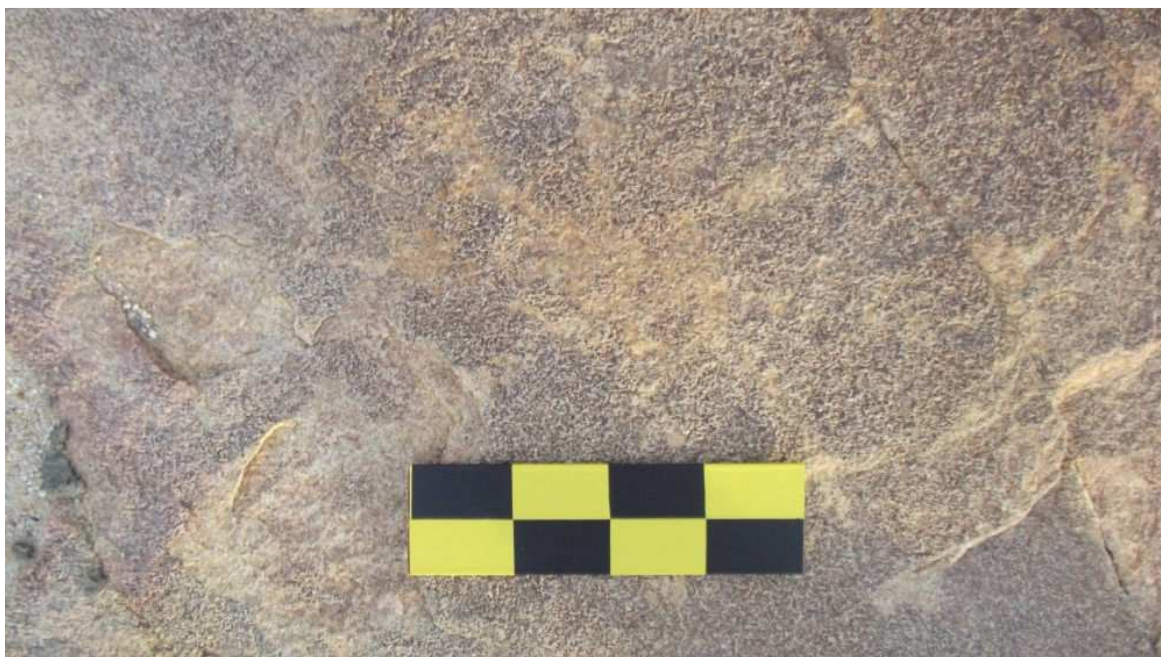
Algumas figuras chamam atenção por suas características de realização interessantes e intrigantes, contudo, não possibilitam qualquer associação com formas do mundo real, levando-nos a questionar o intuito de realização dessas unidades gráficas e suas potencialidades codificadoras, espirituais e místicas.

Uma forma interessantíssima que remete a uma “mascara” pode ser visualizada no Painel B (**Foto 51**), esta gravura chama a atenção pela riqueza de detalhes com que foi elaborada e pela nítida preocupação do trabalho técnico estampados na precisão do traçado.



**Painel B - Foto 51 - Forma que remete a uma mascara**

Em poucos registros conseguimos identificar o preenchimento dos espaços internos de pequenos círculos, realizados por meio de movimentos unidirecionais ou bidirecionais.



**Painel A - Foto 51 - Forma arredondada com preenchimento interno e retas emanando do núcleo da figura**



**Painel B - Foto 21 - Dois círculos unidos por um elemento de ligação, nesta unidade gráfica o preenchimento é total**



4.10 – Alguns grafismos não permitem qualquer identificação com formas do mundo material

**Painel A - Foto 2**



**Painel A - Foto 20**



**Painel A - Foto 32**



**Painel A - Foto 62**



**Painel A - Foto 63**



**Painel B - Foto 5**



**Painel B - Foto 9**



**Painel B - Foto 13**



**Painel B - Foto 32**



**Painel B - Foto 56**



**Painel B - Foto 61**



**Painel B - Foto 67**



**Painel C - Foto 5**



**Painel C - Foto 6**



**Painel C - Foto 14**



#### 4.11 – O laborioso ato de gravar e seus desdobramentos

As irregularidades próprias do suporte rochoso foram inteligentemente utilizadas na composição gráfica, fazendo com que algumas fissuras da rocha aparentassem visualmente fazer parte da obra gráfica. O aproveitamento do espaço pictural se dá de forma quase que total com grande parte da rocha utilizada no trabalho rupestre e poucos espaços “poupados” da presença dos grafismos, grande profusão de registros e superposição constante das formas gráficas são aspectos recorrentes aos painéis de Itacoatiaras.



**Painel A - Foto 19 – Profusão de grafismos ocupando grande parte do suporte**



**Painel B - Foto 58 – Aproveitamento quase total do espaço pictural**

Salienta Valle (2003) que as Itacoatiaras ao se constituírem de grafismos puros e por seu caráter eminentemente hermético, dificultam a vinculação dos registros a suas determinadas autorias culturais. Contudo, além da impossibilidade de realizar tal vinculação baseada em um reduzido número de sítios, não podemos negligenciar a clara similitude morfológica dos diversos painéis de gravuras espalhados pelo território nordestino, o que nos leva a pensar em um tronco cultural comum e que serviu de base aos grupos gravadores. O fato dos estudos em arte rupestre terem sido excludentes, no sentido de abordar pinturas e gravuras como macro modalidades distintas, não levou em consideração que os grupos realizadores das pinturas poderiam/deveriam também gravar e vice-versa. Neste sentido, pinturas e gravuras poderiam carregar funcionalidades específicas, diferentes ou complementares, dentro dos grupos culturais, sendo assim precipitado falar que grupos gravadores não dominassem as técnicas de pintura e que os sujeitos que pintavam não fossem também habilidosos para gravar rochas. Mesmo se pensarmos que a tônica das especialidades prático-funcionais era individual e primordial para a existência humana dentro dos núcleos grupais, a indústria gráfica constituiu unidade de especialização do sujeito pré-histórico e envolveu o domínio de elementos comuns, mesmo em proporções distintas, ao ato de gravar e pintar, a citar o domínio de fabrico e manuseio do material lítico e instrumental

necessário a realização do trabalho gráfico, as posturas e gestos realizados para produzir o grafismo, a técnica de trabalho, a utilização do suporte, entre outras características concernentes a produção do registro rupestre.

A complexidade íntima ao próprio ato de gravar em uma rocha dura, sem qualquer abrigo do sol e dos possíveis impropérios que possam acontecer ao sujeito imbuído de tal tarefa, nos leva a ignorar o processo de formação do “ofício” do gravador, enquanto indivíduo iniciado na prática gráfica e portador de uma carga de conhecimentos incorporados por gerações e que gestou dentro da cadeia operacional, necessária a realização do registro rupestre, uma série de escolhas e posturas que possibilitaram ao autor(es) dos grafismos economizar energia e tempo, utilizar os recursos instrumentais mais eficientes na obtenção do produto final que se deseje alcançar e aproveitar as irregularidades do suporte rochoso e as condições insalubres ocasionadas pelas próprias condições do entorno que abriga o painel selecionado para efetuar as gravuras.

No âmbito das temáticas, a escassez de formas reconhecíveis é a dominante dessas Itacoatiaras, mesmo que alguns símbolos permitam a compulsória ligação com formas do mundo sensível, estes elementos se encontrarão imiscuídos na profusão de grafismos puros, não permitindo a composição de encenações sociais identificáveis aos indivíduos alheios aos códigos de comunicação e condutas grupais. A falta de acesso ao significado dos padrões de comunicação ou simbolismo dos núcleos sociais da pré-história, que seja de passagem ou por onde fixaram moradia temporária ou permanente, nos impossibilita de conjecturar qualquer significado para essas gravuras. Ao mesmo tempo em que desafia o observador a analisar os padrões de repetição das formas, em um mesmo painel, de similaridade morfológica dos grafismos e o próprio impulso à realização da obra gráfica que, para existir cumpria dentro dos grupos humanos funcionalidade garantida. Devemos recordar que, na pré-história da humanidade todas as ações desenvolvidas pelos grupos e seus membros remetiam ao apelo pela sobrevivência, eximindo assim do trabalho gráfico a mera ludicidade da encenação.

Embora não falem estudos fantasiosos e propostas de interpretação para os registros rupestres, não nos seria prudente conferir status de verdade ou falsidade a qualquer uma dessas conjecturas. Vale salientar que, o intuito deste estudo nunca foi

conferir qualquer significado às gravuras do sítio Pau de Leite, mas antes trazer a público o conhecimento deste conjunto gráfico e alertar para o descaso que está condenando estes registros ao desaparecimento sem que deles se possa fazer uma análise mais apurada. Nossas discussões direcionam-se ao caráter técnico, temático e morfológico das gravuras, atentando para o fato destes registros se assemelharem, nestes aspectos, às Itacoatiaras situadas em localidades geograficamente distantes em todo território nordestino.

Os grafismos figurativos, ou seja, que possibilitam alguma identificação, ocorrem em menor número nos painéis e não é possível identificar nenhuma característica de padronização dessas figuras, seja em relação a sua posição no painel ou aos demais grafismos ou seja a frequência do gravado.

No conjunto gráfico geral o esquema do traçado é simples e composto, geralmente, por retas perpassadas entre si ou traços fechados que compõe a morfologia dos desenhos. Existe, contudo, a preocupação em evidenciar algumas formas no suporte por meio da elaboração de traços mais marcados e polimento, interno ou no próprio traçado de alguns registros. Essas figuras logo chamam atenção dentro da profusão de traços simples, revelando a intenção do autor em exaltar algumas gravuras na composição do painel, mesmo que não haja nenhum padrão de equidistância entre as unidades gráficas. Não existem também adornos ou elementos que apontem particularidades culturais, ou mesmo traços que permitam caracterizar os registros quanto ao gênero sexual, nas representações de antropomorfos há ausência de indicadores fálicos.

O painel foi gravado de forma que não se pode determinar um único plano de realização dos grafismos, as gravuras são feitas de forma pluridirecional, ao observador não se faz possível distinguir o ângulo pelo qual se deva analisar o painel.

A falta de respostas aos anseios interpretativos da natureza humana diante de um painel rupestre é inquietante, mas o fato é que os grafismos se encontram espalhados por todo o mundo atestando a vivacidade, a capacidade de abstração e a tendência ao subjetivismo como características recorrentes do ser humano que, diante da necessidade

imposta é capaz de planejar, arquitetar e executar rompendo os limites do mundo material.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As gravuras rupestres identificadas no Sítio Pau de Leite - PB integram um vasto acervo gráfico, amplamente espalhado em todo território paraibano. Estas itacoatiaras, presentes em toda região do Alto Sertão da Paraíba, constituem um testemunho irrefutável da presença do homem pré-histórico e de suas vivências, atestando o nível de complexidade e abstração social destes indivíduos na busca pelas estratégias que moldaram e possibilitaram a sobrevivência em épocas tão desafiadoras.

Prova incontestável do grau de abstração das comunidades humanas, as gravuras rupestres do Sítio Pau de Leite compõem um elo de intersecção entre o material e o ritual na vida destas coletividades e o singelo processo de registro destes grafismos atesta o “momento” de transição entre as estratégias de sobrevivência grupal e a esfera subjetiva deste processo, responsável pela manutenção das estruturas hierarquizantes que regeram a organização em sociedade do homem pré-histórico. Ressaltamos que no modelo arqueológico pós-processual (Trigger, 2004) apontado no início desta pesquisa, o registro rupestre deve ser abordado também em suas potencialidades simbólico-subjetivas e motivacionais, esses vestígios podem fornecer características da cognição humana e identificar práticas que lhes conferem razão e finalidade.

Ultrapassando o limite das interpretações fantásticas e dos mitos que rechearam os escritos de amadores e pesquisadores que, por muito tempo, “vitimaram” os estudos arqueológicos na Paraíba, especialmente das itacoatiaras, esses vestígios gráficos refletem o processo de abstração do ser humano, decorrente do alargamento do córtex cerebral, conferindo-lhes maior aptidão de planejamento e complexidade social. Assim, conforme aponta Pessis (2003), os registros rupestres podem elucidar ainda, artifícios de manutenção grupal, marcadores territoriais e de memória ou mesmo uma obra de valor artístico, indicando a possibilidade individual de projetar e se distanciar do produto a ser elaborado. Salientamos que, na pré-história a concepção de trabalho ganha conotação funcional, voltando-se integralmente a sobrevivência grupal.

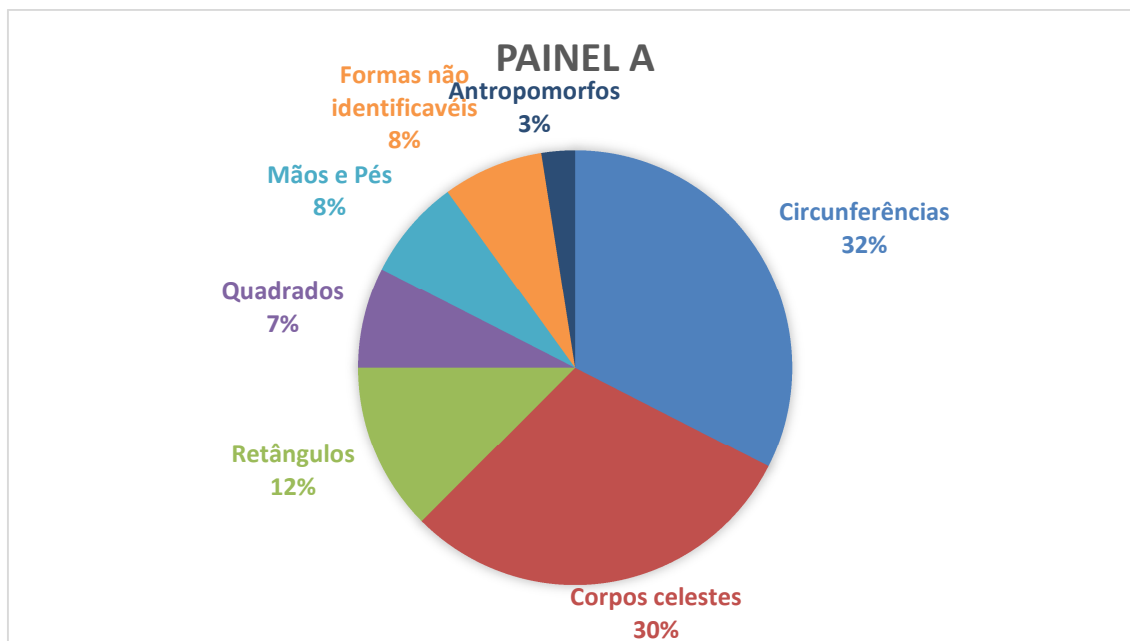
O conjunto pictórico do Sítio Pau de Leite, taxonomicamente composto das gravuras rupestres itacoatiaras, trazem a tona a inegável relevância da prática gráfica na

vida dos grupos culturais. O laborioso trabalho de gravar em rochas íngremes, sob condições naturais adversas, o tempo técnico destinado a realização desses registros, tempo este que poderia ser destinado a outras atividades sociais, manifestam o grau de importância das itacoatiaras. Salientamos que nenhum indivíduo habilmente dotado, desperdiçaria ou destinaria seu tempo e esforço físico e mental na realização de um trabalho inútil ou irrelevante, e se tal trabalho consistir em gravar em uma longa extensão rochosa, com instrumental grosseiro e sendo o gravador exposto a intempéries naturais, sem dúvida se trataria de um ato dotado de prestígio e significação.

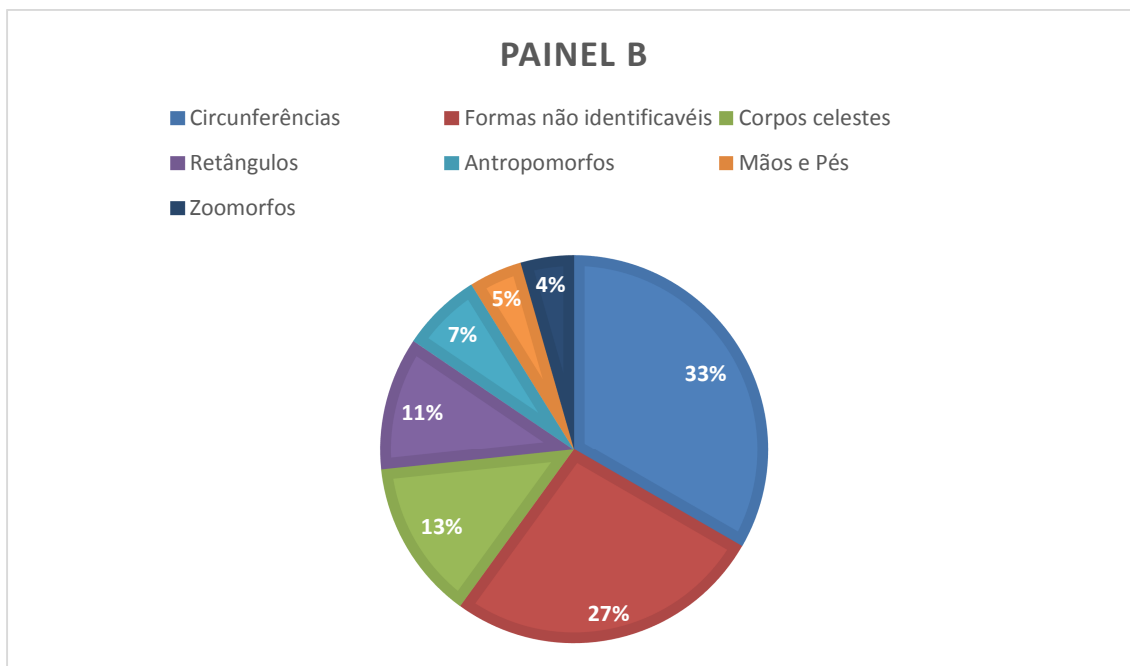
Os reais motivos de realização destes vestígios gráficos e as mensagens contidas por trás dos grafismos foram ocultados pelo tempo e pela perda de um sistema de comunicação extinto. A quase que impossibilidade de conferir significação ao registro rupestre, provocou estudos absurdos e baseados na mera semelhança com formas comuns ao mundo que conhecemos hoje. A dimensão do significado, da interpretação, conforme aponta Seda (1997) deverá compor o ato final da pesquisa arqueológica e ter caráter, inegavelmente, hipotético e contestável e constituir-se resultante final de todo um trabalho de prospecção, coleta e analogia do sítio arqueológico e de seu entorno.

A necessidade de registrar essas gravuras surge de seu caráter enigmático, mas também encontra forte razão no péssimo estado de degradação dos grafismos, expostos a elementos corrosivos, como sol, chuva e vento. A nociva ação antrópica que fora praticada contra as itacoatiaras do Pau de Leite, já condenou ao desconhecido muitas partes do painel, sob as quais foram colocados cimento e outros materiais, outras partes da rocha que portavam os vestígios foram quebradas e destinadas a usos diversos. O próprio ato de pisar sobre as gravuras, em longo prazo, provoca abalos na rocha que se descamará ao longo dos anos.

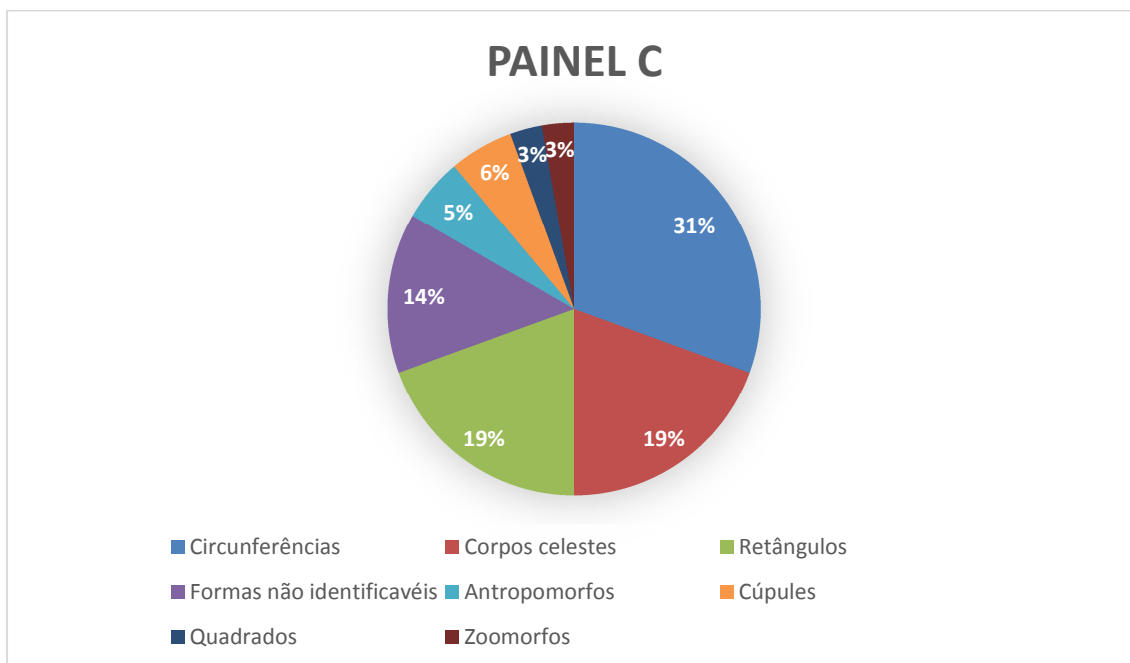
No intuito de conservar a existência destes grafismos, realizei um singelo trabalho catalográfico disposto no quarto capítulo desta pesquisa e em seus anexos, com base no qual disponho de três gráficos esquematizando a distribuição, por quantidade e morfologia, das gravuras rupestres nos painéis fotografados em campo.



Percebemos no gráfico acima, representando os grafismos presentes do painel principal do conjunto gráfico do Sítio Pau de Leite, a forte presença das formas arredondadas e das gravuras que sugerem a morfologia de corpos celestes. As possíveis “estrelas” encontradas no painel são uma constante em todos os sítios cuja presença das itacoatiaras são detectadas, as formas circunferenciadas, em sua grande maioria, contam com detalhes internos de gravado e/ou polimento e distam entre si na variação destes detalhes. É também perceptível a forte presença de formas retangulares e quadradas, sempre com características penteformes.



O Painel B, conforme representado acima, constitui o primeiro painel marginal, tendo na morfologia de seus grafismos a predominância dos círculos e das formas estelares assim como no painel principal. Neste conjunto gráfico é também latente a presença de formas variadas não identificáveis, cuja imprecisão morfológica impede de agregá-las sem qualquer um dos grupos fôrmicos evidenciados no gráfico.



No segundo painel marginal, assim como nos dois casos anteriores, visualizamos as formas circulares, quadrados, retângulos e a presença dos corpos celestes como dominante visual nas gravuras. Este painel foi o único em que identificamos a presença de cúpules, dois conjuntos de pontilhados incisos na rocha.

Nas formas não identificáveis contamos com a presença de grafismos de morfologias interessantíssimas, como a representação de uma possível “mascara” e uma gravura composta por dois círculos unidos por um elemento de ligação e cujo preenchimento interno é total, ambas no painel B. A repetida e maciça presença das formas circulares, quadrados, retângulos e corpos celestes, dominante nos três painéis, nos impele a cogitar a hipotética permanência de ideias na mensagem contida nestes grafismos.

Estas imagens superficialmente gravadas por meio da técnica de raspagem simples foram distinguidas em unidades gráficas por meio do princípio da continuidade do traçado, com alguns poucos registros realizados por meio da picotagem, em raros grafismos denotamos o preenchimento interno com polimento.

Com modesto trabalho de registro e discussão das gravuras do Sítio Pau de Leite, esta pesquisa almeja contribuir para a composição do mosaico pré-histórico da região em questão e provocar outras iniciativas, como a detecção de outros sítios arqueológicos e suas explorações. Aos observadores mais inquietos nos resguardamos o direito de não provocar discussões de cunho interpretativo, sob pena de incorrer no acientificismo tão discutido nas linhas acima.

O intuito deste trabalho nunca foi de interpretar ou de dar significado às gravuras do Sítio Pau de Leite, o caráter hermético dos grafismos nos impôs, como em qualquer outro trabalho nesta área, a máxima da conjectura e da hipótese. Não sabemos o que se projetou na mente dos indivíduos que realizaram este incrível trabalho pictórico, mas afirmamos, sem dúvida alguma, que as inquietações que moveram seu (s) gravador (es) no passado ultrapassaram os anos e continuam a provocar fortes impressões no homem do presente.

## BIBLIOGRAFIA:

- AGUIAR, Alice. **Bibliografia Sobre os Registros Rupestres no Nordeste do Brasil**. CLIO, Série Arqueológica, n. 11, Recife, 1996.
- AGUIAR, Alice. **Gravuras rupestres em Iatí, PE**. CLIO, Série Arqueológica, n.5, Recife, 1989.
- AUTOR DESCONHECIDO. **Sumário das armadas**. Mimeo, 2007.
- AZEVEDO, Carlos Alberto. **Arqueologia: estudos & pesquisas**. Idéia, 2008.
- BRITO, Vanderley de. **A Pedra do Ingá: Itacoatiaras da Paraíba**. 3 ed. rev. ampl. EDUFCEG, 2009.
- CISNEIROS, Daniela. **Similaridades e diferenças nas pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara - PI**. CLIO, Série Arqueológica, v. 25, n. 2, Recife, 2010.
- COELHO, João Manuel. **Datação em Arqueologia**. Disponível em: <<http://www.cph.ipt.pt/angulo2006/img/01-02/datacaoarqueologia.pdf>>. Acesso em: 02/09/2013.
- COSTA, Angyone. **Introdução à Arqueologia Brasileira**. Brasiliana, volume 34, Companhia Editorial Nacional, 1980.
- DANTAS, José de Azevedo. **Indícios de uma civilização antiquíssima**. Transcrição de manuscrito existente no IHGP; apresentação de Gabriela Martin. João Pessoa: A União; Col. Biblioteca Paraibana, v. XI, 1994.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; NOELI, Francisco Silva. **Pré-História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 29-55.
- GALINDO, Marcos. **Dois Sítios da Tradição Nordeste em Pernambuco**. CLIO, Série Arqueológica, v. 1, n. 10, Recife, 1994.
- GALINDO, Marcos; FIGUEIROA, Marcus. **Documentação das Itaquiarias do Seridó**. CLIO, Série Arqueológica, n. 11, Recife, 1996.
- GONÇALVES, Regina Célia. **Guerras e açucars: política e economia na Capitania da Parahyba – 1585-1630**. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- GUERIN, Claude; FAURE, Martine. **Do primeiro ser vivo até o *Homo Sapiens***. CLIO, Série Arqueológica, v. 2, n. 21, Recife, 2006.

GUIDON, Niède. **Datações pelo C 14 de sítios arqueológicos em São Raimundo Nonato, Sudeste do Piauí (Brasil)**. CLIO, Série Arqueológica, n. 4, Recife, 1981.

\_\_\_\_\_. **Interior: Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí**. CLIO, Série Arqueológica, v. 2, n. 21, Recife, 2006.

\_\_\_\_\_. **Tradições rupestres de área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil**. CLIO, Série Arqueológica, n.5, Recife, 1989.

GUIDON, Niède; PESSIS, Anne-Marie; MARTIN, Gabriela. **Linha de Pesquisa: O Povoamento pré-histórico do Nordeste do Brasil**. CLIO, Série Arqueológica, v.1, n.6, Recife, 1990.

HERCKMANS, Elias. **Descrição Geral da Capitania da Paraíba**. João Pessoa: Gráfica Universitária, 1993.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. Tradução de Mário Vilela, 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 23-52.

LAROCHE, A. F. G. **Ambiente e ecossistemas da pré-história do Nordeste brasileiro**. CLIO, Série Arqueológica, n. 4, Recife, 1981.

LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Tradução Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LEITE, Marinete Neves. **A identidade humana e o universo mítico na pintura rupestre**. Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, CLIO, Série Arqueológica nº 14, Recife, 2000.

LEROI-GOURHAN, Andre. **Os Caçadores da Pré-história**. Lisboa: Edições 70, 1987.

LUCENA, Veleda. **Estratigrafia Arqueológica: Processo de Constituição e Interpretação**. CLIO, Série Arqueológica, v. 1, n. 8, Recife, 1992.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história no Nordeste do Brasil**. 4ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Subtradição Seridó de pintura rupestre pré-histórica do Brasil**. CLIO, Série Arqueológica, n. 5, Recife, 1989.

\_\_\_\_\_. **Fronteiras estilísticas e culturais na arte rupestre da área arqueológica do Seridó (RN, PB)**. CLIO, Série Arqueológica, n. 16, Recife, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidades no Sertão do Seridó**. CLIO, Série Arqueológica, v. 2, n. 21, Recife, 2006.

\_\_\_\_\_. **Novos dados sobre as pinturas rupestres do Seridó, no Rio Grande do Norte**. CLIO, Série Arqueológica, n. 4, Recife, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pré-história no Nordeste: pesquisas e pesquisadores.** CLIO, Série Arqueológica, v. 1, n. 12, Recife, 1997.

\_\_\_\_\_. **Registro rupestre e registro arqueológico no nordeste do Brasil.** Revista de Arqueologia. Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 8, n. 1, São Paulo, 1994.

MARTIN, Gabriela; GUIDON, Niéde. **A onça e as orantes: Uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do NE do Brasil.** CLIO, Série Arqueológica, v. 25, n. 1, Recife, 2010.

MARTIN, Gabriela; OLIVEIRA, Cláudia; COSTA, Adrienne; MUTZENBERG, Demétrio; SENA, Vivian; MENDONÇA, Jaime; BORGES, Lucila; PESSOA, Ricardo; RIOS, Carlos; TAVARES, Lucileide; VALLS, Marcela. **Escavação arqueológica do Sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas, RN.** CLIO, Série Arqueológica, v. 2, n. 21, Recife, 2006.

MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; TADEU, Paulo; VICTOR, Plínio. **Estudos de arte rupestre em Pernambuco (II). A “Pedra Furada” em Venturosa.** CLIO, Série Arqueológica, n.4, Recife, 1981.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil.** 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

MELO, Josemir Camilo de. Pré-história da Paraíba: estudos pioneiros. In.: **História da Paraíba - ensino médio.** Org. Antonio Clarindo B. de Souza e Fabio Gutemberg R. B. Sousa. EDUFCEG, 2008, p. 13-20.

MOBERG, Carl-Axel. **Introdução à Arqueologia.** Edições 70, 1986.

NETO, João Marinho de Moraes. **Contribuição ao cadastramento das itacoatiaras do “Vale do Sabugi” na fronteira seridoense da Paraíba.** Revista de Arqueologia. Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 8, nº 1, São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, Thomas Bruno. **Pré-História II: estudos para a arqueologia da Paraíba.** Org. Thomas Bruno Oliveira. João Pessoa: JRC, 2011.

PEREIRA, Edithe. **Arte rupestre no nordeste do Pará.** Revista de Arqueologia. Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 8, nº 1, São Paulo, 1994.

PEREIRA, Edithe. **As representações antropomorfas nas gravuras rupestres de Prainha – Pará, Brasil.** Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, CLIO, Série Arqueológica nº 14, Recife, 2000.



PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Préhistoire; Images from Pre-History.** FUMDHAM/PETROBRAS, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Transmissão do saber na arte rupestre do Brasil.** CLIO, Série Arqueológica, v. 2, n. 21, Recife, 2006.

\_\_\_\_\_. **Apresentação gráfica e apresentação social na Tradição Nordeste de pintura rupestre do Brasil.** CLIO, Série Arqueológica, n. 5, Recife, 1989.

\_\_\_\_\_. **Contexto e apresentação social dos registros visuais da antropologia pré-histórica.** CLIO, Série Arqueológica, n. 4, Recife, 1991.

\_\_\_\_\_. **Do estudo das gravuras rupestres pré-históricas no Nordeste do Brasil.** CLIO, Série Arqueológica, n. 15, Recife, 2002.

\_\_\_\_\_. **Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-Históricos do Nordeste do Brasil.** CLIO, Série Arqueológica, v. 1, n. 8, Recife, 1992.

\_\_\_\_\_. **Métodos de interpretação da arte rupestre: análises preliminares por níveis.** CLIO, Série Arqueológica, v. 1, n. 6, Recife, 1984.

\_\_\_\_\_. **Registro rupestre, perfil gráfico e grupo social.** Revista de Arqueologia. Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 8, nº 1, São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Tecnologia: Inovação técnica e sobrevivência na pré-história.** CLIO, Série Arqueológica, v. 2, n. 21, Recife, 2006.

\_\_\_\_\_. **Um mergulho no passado: a renovação de um pacto.** CLIO, Série Arqueológica, v. 2, n. 21, Recife, 2006.

PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niède. **Ars indígena pré-histórica do Brasil.** Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, CLIO, Série Arqueológica nº 14, Recife, 2000.

REIS, José Carlos. “A escola metódica, dita positivista”. In.: **A história, entre a Filosofia e a Ciência.** 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, p. 15-32.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. **Arqueologia: descobertas surpreendentes.** v. 6, n. 71, Rio de Janeiro, 2011. ISSN 1808-4001.

RIBEIRO, Loredana. **Os significados da similaridade e do contraste entre os estilos rupestres – Um estudo regional das gravuras e pinturas do Alto-Médio São Francisco.** Dissertação apresentada no curso de doutorado em Arqueologia/USP, São Paulo, 2006.

ROCHA, Francisco Eugênio Paccelli Gurgel da. **Caracterização Macroespacial de Sítios Arqueológicos no Alto Sertão da Paraíba**. Dissertação apresentada no curso de mestrado em História/UFPE, Recife, 1998.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Arqueologia: Correntes e Perspectivas**. JRC, 2009.

SANTOS JÚNIOR, Valdeci. **As gravuras rupestres da região oeste do Rio Grande do Norte**. CLIO, Série Arqueológica, v. 24, n. 2, Recife, 2009.

SANTOS JÚNIOR, Valdeci. **As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte**. FUMDHAMentos, v.1(7), 2008, p. 516-528.

SEDA, Paulo. **A questão das interpretações em arte rupestre no Brasil**. CLIO, Série Arqueológica, v.1, n. 12, Recife, 1997.

SCHOBINGER, Juan. **Algunas observaciones terminológicas sobre la pré-história Americana**. CLIO, Série Arqueológica, v.1, n. 6, Recife, 1990.

SORRENTINO, José Odair da Silva. **A Pré-História no Brasil**. Revista Geografia na prática, São Paulo-SP, n. 33, 2010, p. 8-13.

TRIGGER, Bruce Graham. **História do pensamento arqueológico**. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

UCHÔA, Dorath Pinto. **Proposta metodológica para o cadastramento e mapeamento de sítios pré-históricos do Brasil**. Revista de Arqueologia. Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 8, nº 1, São Paulo, 1994.

VALLE, Raoni Bernardo Maranhão. **Gravuras pré-históricas da Área Arqueológica do Seridó potiguar/paraibano: um estudo técnico e cenográfico**. Dissertação de mestrado em História/UFPE, Recife, 2003.

## **ANEXOS**

**Painel A - Foto 6**



**Painel A - Foto 10**



**Painel A - Foto 11**



**Painel A - Foto 13**



**Painel A - Foto 14**



**Painel A - Foto 15**



**Painel A - Foto 19**



**Painel A - Foto 21**



**Painel A - Foto**



**Painel A - Foto 24**



**Painel A - Foto 27**



**Painel A - Foto 29**



**Painel A - Foto 20**



**Painel A - Foto 34**



**Painel A - Foto 32**



**Painel A - Foto 44**



**Painel A - Foto 35**



**Painel A - Foto 36**



**Painel A - Foto 37**



**Painel A - Foto 43**



**Painel A - Foto 45**



**Painel A - Foto 46**



**Painel A - Foto 48**



**Painel A - Foto 50**



**Painel A - Foto 58**



**Painel A - Foto 59**



**Painel A - Foto 66**



**Painel A - Foto 67**



**Painel B - Foto 7**



**Painel B - Foto 8**





**Painel B - Foto 10**



**Painel B - Foto 12**



**Painel B - Foto 14**



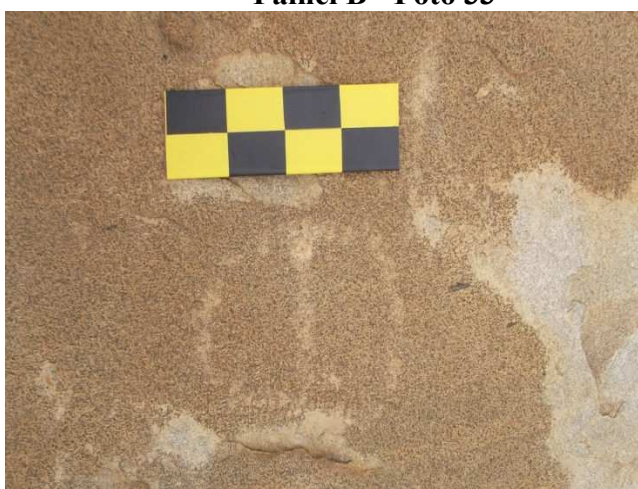
**Painel B - Foto 24**



**Painel B - Foto 16**



**Painel B - Foto 33**



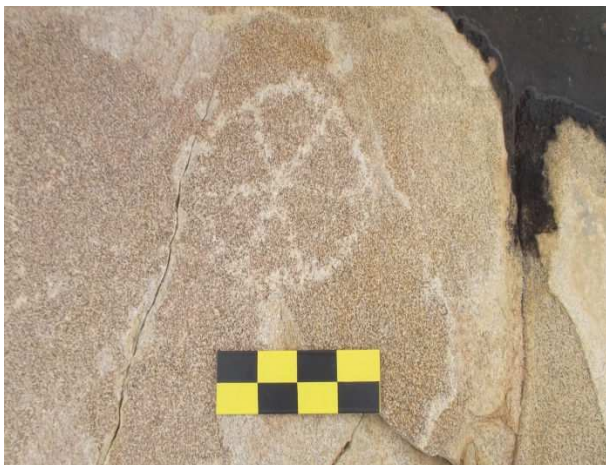
**Painel B - Foto 39**



**Painel B - Foto 45**



**Painel B - Foto 46**



**Painel B - Foto 49**



**Painel B - Foto 50**



**Painel B - Foto 52**



**Painel B - Foto 60**



**Painel B - Foto 62**



**Painel B - Foto 64**



**Painel B - Foto 65**



**Painel B - Foto 69**



**Painel C - Foto 3**



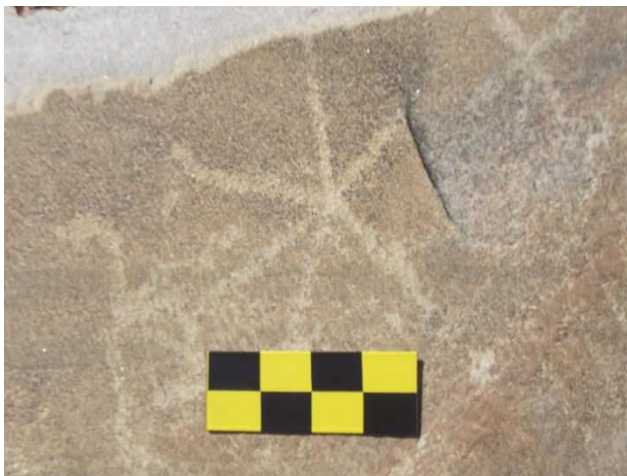
**Painel C - Foto 4**



**Painel C - Foto 11**



**Painel C - Foto 12**



**Painel C - Foto 15**



**Painel C - Foto 17**



**Painel C - Foto 18**



**Painel C - Foto 27**



**Painel C - Foto 28**



**Painel C - Foto 32**



**Painel C - Foto 35**



**Painel C - Foto 36**



**Painel C - Foto 40**



**Painel C - Foto 43**



**Painel C - Foto 47**

